UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA
ITALIANA

VITÓRIA GARCIA ROCHA

A adjetivação nas cartas dos leitores do periódico *La Battaglia*

SÃO PAULO

2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA E
LITERATURA ITALIANA

A adjetivação nas cartas dos leitores do periódico *La Battaglia*

VITÓRIA GARCIA ROCHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Olga Alejandra Mordente

v. 1

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Vitória Garcia Rocha

A adjetivação nas cartas dos leitores do periódico *La Battaglia*.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Italiana e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Ao meu querido esposo Alex, aos meus pais e à minha amada avó, filha de italianos,
que me ensinou a amar a Itália e a Língua Italiana.

AGRADECIMENTOS

Aos meus bisavós por terem vindo para o Brasil e por terem transmitido a cultura italiana e o amor pela Itália a seus filhos e netos.

À minha orientadora Profa. Dra. Olga Alejandra Mordente, pelo seu trabalho.

Às professoras Dra. Paola Giustina Baccin, Dra. Giliola Maggio de Castro e ao professor Dr. Federico Croci pelas contribuições valiosas e pela generosidade.

À minha família pelo amor e pelo carinho.

A meu esposo que acompanhou todo meu percurso no mestrado com paciência, amor e que me auxiliou com ricas sugestões.

Itália

Itália, ó bela Itália, terra de meus pais!
Em vindo eu trouxe um pouco de calor da minha.
Nos olhos vivos de surpresa vendo, tais
Como os de minha Mãe partindo em pranto os tinha!

Aquela terra augusta a esta se avisinha,
Por meus passos que são os mesmos de meu Pai.
O pó que trouxe levo como quando vinha,
Porém mesclado agora de grandezas vai!

Não vejo escombros, nem ruínas, vejo só
Conquistas do passado e glórias do presente!
- Ilustre monumento a História ergueu do pó!

E à luz dos séculos, à luz do sol ardente,
Fundida, ó grande Itália, numa grande mó
-És tu a capital do mundo, artisplendente!

Roma, 9 de setembro de 1950.

Reynaldo Massuto

RESUMO

Neste trabalho, analisamos a adjetivação em 10 cartas de leitores que foram publicadas no periódico anarquista *La Battaglia*, escrito em língua italiana e que circulou em São Paulo de 1904 a 1913. O jornal referido é uma fonte de notável relevância para estudos de imigração, anarquismo e língua italiana, pois era escrito por imigrantes italianos e evidenciava as posições políticas de um grupo, os anarquistas. Para alcançar nossos objetivos, inicialmente realizamos uma pesquisa em todos os exemplares do jornal *La Battaglia*, que constam em papel, microficha e microfilme, no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), na Universidade Estadual de Campinas. Posteriormente selecionamos 10 cartas publicadas nos anos de 1906 a 1912. Escolhemos analisar o gênero textual carta do leitor por ser diferente dos outros gêneros publicados no jornal, e sendo escrito por leitores, é rico em adjetivação, revelando grande subjetividade. Transcrevemos as cartas a fim de facilitar a leitura, e a partir dessa transcrição, realizamos a análise. Em cada carta fizemos um levantamento dos adjetivos qualificativos e analisamos: a formação dos adjetivos considerando os processos morfológicos, sintáticos e semânticos envolvidos, os prefixos e os sufixos dos adjetivos derivados, a função e a posição dos adjetivos nas frases e os efeitos de objetividade e subjetividade que eles exercem no texto. Com os dados obtidos, entre outros aspectos importantes, foi possível expor a predominância dos adjetivos derivados, a importância da sufixação para a formação de adjetivos e a significativa presença da subjetividade nas cartas.

Palavras-chave: Imigração. Anarquismo. Carta do leitor. Adjetivação. Subjetividade.

ABSTRACT

This is a work in which the adjectivation containing in 10 readers letters published in 'La Battaglia' an anarchist periodical written in Italian language and that was read in São Paulo from 1904 up to 1913 were analysed. Due to the fact that it was written by Italian immigrants with different political points of view, the anarchists, the journal is a source of remarkable importance for immigration and Italian language studies. For us to achieve our goals a research was made involving all samples of 'La Battaglia' journal, in paper, microindex and microfilm located in Edgard Leuenroth (AEL) Files, at University of Campinas. Afterwards 10 letters published from 1906 to 1912 were selected. The kind of text chosen to be analysed was the one written by the reader for the fast of being rich in adjectivation, revealing a lot of subjectivity. It is quite different from the texts published by the journals. The letters were transcribed so as to make the reading easier and from this transcription on, analyses were accomplished. A survey and analysis of qualifying adjectives was performed in each letter. The points analysed were: the forming of adjectives considering morphological, syntactic, and semantic processes involved, the prefixes and suffixes of derivative adjectives in the sentences, their function and position, as well as the objectivity and subjectivity they exert in a text. Through the data basis obtained, among other important aspects, it was possible to expose the predominance of derivative adjectives, along with suffixes for adjectives formation and the significant subjectivity contained in letters.

Keywords: Immigration. Anarchism. Reader's Letter. Adjectivation. Subjectivity.

ABSTRACT

In questo lavoro, analizziamo l'aggettivazione in 10 lettere di lettori che sono state pubblicate nel settimanale anarchico *La Battaglia*, scritto in lingua italiana e che ha circolato nello stato di San Paolo dal 1904 al 1913. Il giornale riferito è una fonte di notevole rilevanza per gli studi dell'immigrazione, dell'anarchismo e della lingua italiana, perché era scritto da immigrati italiani e metteva in evidenza le posizioni politiche di un gruppo, gli anarchici. Per raggiungere i nostri obiettivi, all'inizio abbiamo realizzato una ricerca in tutti gli esemplari del giornale *La Battaglia*, presenti in forma cartacea, in microfich e in microfilm, nell'Archivio Edgard Leuenroth (AEL), nell'Università Statale di Campinas. Poi abbiamo selezionato 10 lettere pubblicate dal 1906 al 1912. Abbiamo deciso di analizzare il genere testuale lettera del lettore in quanto diverso dagli altri generi pubblicati sul giornale, perché essendo scritto dai lettori, è ricco di aggettivazioni e rivela grande soggettività. Abbiamo trascritto le lettere con la finalità di facilitare la lettura e a partire da questa trascrizione abbiamo realizzato l'analisi. In ogni lettera abbiamo selezionato gli aggettivi qualificativi e abbiamo analizzato: la formazione degli aggettivi considerando i processi morfologici, sintattici e semantici, i prefissi e i suffissi degli aggettivi derivati, la funzione e la posizione degli aggettivi nelle frasi e gli effetti di oggettività e soggettività che loro esercitano nel testo. Con i dati raccolti, tra altri aspetti importanti, è stato possibile esporre la predominanza degli aggettivi derivati, l'importanza della suffissazione per la formazione degli aggettivi e la significativa presenza della soggettività nelle lettere.

Parole chiave: Immigrazione. Anarchismo. Lettera del lettore. Aggettivazione. Soggettività.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1. A imigração italiana e o anarquismo no Brasil.....	5
1.1. Os imigrantes italianos no Brasil.....	5
1.1.1. Os italianos em São Paulo	9
1.2. A importância da cultura e da língua italiana no Brasil	13
1.3. O movimento anarquista.....	15
1.3.1. Os anarquistas em São Paulo.....	19
2. A imprensa, o leitor e as cartas dos leitores	21
2.1. A imprensa em língua italiana no Brasil	21
2.1.1. A imprensa operária.....	24
2.1.2. A imprensa anarquista	27
2.2. O leitor da imprensa italiana.....	28
2.2.1. O leitor da imprensa proletária	30
2.3. O jornal <i>La Battaglia</i>	31
2.4. As cartas no periódico <i>La Battaglia</i>	35
2.4.1. O gênero textual: carta do leitor	35
2.4.2. A autenticidade das cartas	38
2.4.3. Descrição das cartas.....	39
3. Adjetivação.....	42
3.1. O adjetivo	42
3.1.1. Funções dos adjetivos.....	43
3.1.2. Classificação dos adjetivos.....	43
3.1.3. Adjetivos relacionais	44
3.1.4. Formação do gênero e do número dos adjetivos qualificativos.....	44
3.1.5. Posição dos adjetivos qualificativos	45
3.1.6. Adjetivos substantivados	48
3.1.7. Os adjetivos como participio	49
3.1.8. O adjetivo com função adverbial.....	49
3.1.9. O grau dos adjetivos qualificativos	49
3.2. Formação dos adjetivos	52
3.2.1. Adjetivos alterados	54
3.2.2. Adjetivos compostos	55
3.3. Os adjetivos objetivos e subjetivos.....	55
4. A adjetivação nas cartas do leitor – Análise do <i>corpus</i>	58
4.1. Metodologia.....	58
4.2. Descrição das cartas analisadas	60
4.3. Análise do <i>corpus</i>	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
ANEXOS	133

INTRODUÇÃO

O movimento imigratório, especialmente no final do século XIX até meados do século XX, foi muito importante para o Brasil; inicialmente, porque os imigrantes vieram para substituir a mão-de-obra escrava. Posteriormente percebeu-se que esses e outros imigrantes que haviam chegado ajudaram a enriquecer a cultura do país e a compor a população brasileira.

Entre os imigrantes, os italianos foram os que mais vieram, trazendo para o Brasil a sua língua e a sua cultura, incluindo a gastronomia e a arte, que são muito conhecidas e admiradas no país. Além disso, entre 1880 e 1940, os italianos criaram escolas, associações e a imprensa que foram elementos muito importantes para a comunidade italiana (BERTONHA, 2001; TRENTO, 1988).

Uma vez que a imigração italiana teve grande importância na sociedade brasileira, o principal objetivo deste trabalho é analisar a adjetivação de algumas cartas de imigrantes publicadas no jornal anarquista *La Battaglia*, do início do século XX, contribuindo assim para os estudos de imigração e da língua italiana.

A análise de um periódico anarquista mostra a ideologia de um grupo específico de imigrantes, que tinham como objetivos principais defender os trabalhadores e lutar contra o capitalismo, o Estado e a Igreja. Dessa forma, no jornal *La Battaglia*, vêem-se textos que, na maioria das vezes, procuravam propagar as idéias do anarquismo, sendo que os redatores e os colaboradores do jornal usavam uma linguagem diferenciada, escolhendo muitas vezes um vocabulário que refletia essas idéias.

Da leitura desse jornal e, sobretudo, das cartas de leitores surgiu a idéia de analisá-las e percebemos que elas são ricas em adjetivos.

Muitos trabalhos foram realizados sobre o gênero textual carta e eles mostram que deste gênero emergem vários tipos de cartas: pessoais, comerciais, de leitores de jornais ou revistas, e, além disso, elas podem retratar diversas intenções comunicativas como: fazer reclamações, dar notícias, realizar declarações ou solicitações, entre outras. Escolhemos para a análise cartas de

leitores que são textos opinativos, na maioria das vezes com função argumentativa e com um significativo número de adjetivos.

Sendo assim, abaixo seguem os objetivos específicos desta dissertação:

- Apresentar o jornal *La Battaglia* e suas cartas de leitores como fontes ricas para pesquisadores da língua italiana;
- Investigar o caráter subjetivo das cartas de leitores contidas no referido jornal;
- Examinar os processos morfológico, sintático e semântico, que envolvem os adjetivos nas cartas;
- Estudar mais detalhadamente o papel dos prefixos e dos sufixos nos adjetivos;
- Avaliar a importância da função e da posição dos adjetivos para o sentido que o leitor-autor deseja transmitir;
- Classificar os adjetivos como objetivos ou subjetivos, mostrando os valores negativos ou positivos que possuem na construção de um texto argumentativo.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, para contextualizar o periódico *La Battaglia*, apresentamos dados históricos sobre a presença dos italianos no Brasil desde o século XVI até o século XX e, dentro desse contexto, mostramos a posição do Estado de São Paulo como estado receptor de um grande número de imigrantes, em particular, italianos. Além disso, fizemos uma síntese para descrever a importância do movimento anarquista e da atuação dos militantes no Brasil, sendo que o jornal analisado foi um grande difusor das idéias anarquistas.

No segundo capítulo, primeiramente expomos a imprensa em língua italiana no Brasil e sua importância, incluindo a imprensa proletária. Apresentamos a figura do leitor da imprensa italiana e em especial do leitor da imprensa anarquista. Posteriormente, comentamos a relevância do jornal *La Battaglia* no movimento anarquista, como ele se apresentava e qual era a sua

estrutura; expomos ainda o conceito do gênero carta do leitor, para, no final, realizarmos uma descrição das cartas do leitor do periódico em questão.

No terceiro capítulo, definimos o adjetivo, mencionando as teorias sobre as suas funções, a classificação, a formação do gênero e do número, a posição, o grau, o processo de formação dos adjetivos e os efeitos de objetividade e a subjetividade que eles produzem.

O quarto capítulo traz a análise de dez cartas de imigrantes italianos leitores do periódico *La Battaglia*. Procuramos mostrar o papel da adjetivação com base nos processos morfológicos, sintáticos e semânticos que envolvem os adjetivos; realizamos uma análise mais detalhada dos prefixos e dos sufixos, falamos da importância da função e da posição dos adjetivos e avaliamos a objetividade e a subjetividade que eles produziram nas cartas, isto é, mostrando a importância do uso de adjetivos que evidenciavam a visão do leitor-autor sobre as situações, ajudavam a propagar a ideologia de determinados grupos e ainda o emprego desses adjetivos em avaliações ou julgamentos feitos pelo leitor-autor.

1. A imigração italiana e o anarquismo no Brasil

1.1. Os imigrantes italianos no Brasil

Os dados históricos aqui apresentados tornam-se necessários à contextualização quando o nosso objetivo é analisar cartas escritas por imigrantes italianos publicadas em um jornal de língua italiana em São Paulo no início do século XX.

Foram de grande importância as migrações transatlânticas, em especial a partir do final do século XIX, quando muitas pessoas partiram para a América buscando melhores condições de sobrevivência.

Desde o descobrimento, o Brasil recebeu pessoas de diversos países, entre elas, italianos. Entre os séculos XVI e XVII a entrada de italianos no país foi muito pequena. No século XVI vieram marinheiros, viajantes, jesuítas e mercadores. Entre os séculos XVII e XVIII chegaram da Itália estudiosos, bandeirantes e homens para uma expedição militar contra os holandeses. Já no século XIX começaram a chegar refugiados políticos, profissionais liberais e comerciantes, aumentando a entrada de italianos no Brasil (TRENTO, 1989).

Alguns fatores levaram o Brasil a atrair a emigração oriunda da Europa: a escassa densidade demográfica, a preocupação do governo em colonizar algumas regiões após 1818 e, a partir de 1840, o açúcar começou a ser substituído pelo café como mercadoria de exportação, surgindo, assim, a necessidade de aumentar o número de trabalhadores (TRENTO, 1989).

Segundo Alvim (1999), entre outras questões, o fato da Itália ter condições naturais adversas, como grandes áreas de montanhas e colinas não propícias para o cultivo, fez com que ela se tornasse um país de emigração.

Quanto ao Brasil, inicialmente, os índios eram escravizados, a partir de meados do século XVI iniciou-se a substituição dos índios por escravos negros. Após 1851, começou a ser proibido no país o tráfico de escravos da África, e, a princípio, os proprietários das fazendas não consideravam como alternativa substituir a mão-de-obra africana pela européia. Contudo, devido a grande dificuldade de manter a mão-de-obra escrava, a partir de 1870 os fazendeiros começaram a custear a vinda de trabalhadores europeus, e com a abolição da escravatura em

1888, com a assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel, o Brasil começou a receber um grande número de imigrantes para a substituição de mão-de-obra (MAESTRI, 1998; TRENTTO, 1989).

Sendo assim, a partir de 1870, a imigração italiana começa a ganhar grandes dimensões, “entre 1880 e 1924, entraram no Brasil mais de 3.600.000 emigrantes, dos quais 38% eram constituídos por italianos” (TRENTTO, 1989, p. 18).

Para chegar ao Brasil, até 1870, os italianos enfrentavam uma viagem de dois meses. Mais tarde, com a navegação a vapor, a duração da viagem passou a ser de 21 a 30 dias. A travessia era muitas vezes mortal, eles vinham em navios lotados, eram mal alimentados, enfrentavam péssimas condições sanitárias que geravam epidemias, como por exemplo, a varíola. Quando chegavam no país eram alojados em hospedarias por 8 dias e, em seguida, dirigiam-se aos locais de trabalho (TRENTTO, 1989).

Os dois destinos principais dos imigrantes italianos eram o Oeste Paulista ou estados do sul do país, sendo que a eles foram propostas duas alternativas, trabalhar nas fazendas de café ou nas colônias agrícolas de povoamento (TRENTTO, 1989, 2000).

De 1870 a 1890, a imigração italiana no Brasil foi caracterizada pela chegada de grandes famílias, sobretudo proveniente da região do Vêneto. Após esse período, houve predomínio de famílias pequenas, cresceu a entrada de italianos meridionais e posteriormente chegaram muitos homens sozinhos. Os vênnetos preferiram o campo e os meridionais, a cidade (ALVIM, 1986, 1999).

Os camponeses vênnetos, quando partiram para a América, venderam tudo que podiam, às vezes até pequenos terrenos, levando consigo um pouco de dinheiro. Dessa forma, diferiram-se dos italianos do sul da Itália. Além disso, em muitas áreas do Brasil, a colonização vênneto mostrou ser uma sociedade camponesa tradicionalista e católica (FRANZINA, 2006).

Para auxiliar na contratação de imigrantes junto ao governo provincial, existia a Sociedade Promotora de Imigração – SPI, que funcionou de 1886 até 1895, nesse período ela conseguiu garantir um grande fluxo migratório da Itália para São Paulo (ALVIM, 1986).

Inicialmente as condições em que se encontravam os imigrantes nas fazendas eram ruins, pois os fazendeiros ainda estavam acostumados a comandar escravos e assim, na maioria dos casos, os colonos não tinham liberdade social, ficavam isolados, moravam em casebres de

madeira ou pedra, eram comandados por capangas e as condições sanitárias eram precárias (PETRONE, 1987; TRENTTO, 1989).

Além da retribuição monetária, o colono podia plantar gêneros de subsistência. Um aspecto positivo para os imigrantes foi a alimentação, pois após a primeira colheita os italianos passaram a se alimentar melhor no Brasil do que na sua pátria (TRENTTO, 1989).

Por razão das péssimas condições em que viviam os imigrantes e das denúncias feitas pela imprensa de língua italiana, em 1902 foi promulgado o decreto Prinetti, o qual proibiu “a emigração subsidiada para o Brasil de grupos coletivos, a não ser com base em contratos aprovados pelo CGE”. Assim, a partir desse momento, a vinda de italianos para o país começou a declinar (TRENTTO, 1989, p. 53).

Os italianos utilizaram-se de duas formas de resistência contra a opressão no campo: movimentos grevistas que ocorreram principalmente entre 1880 e 1920 e fugas - muitos colonos fugiam sozinhos ou levavam as suas famílias, algumas vezes o colono conseguia escapar, mas a sua família ficava presa na fazenda (ALVIM, 1999). “Entre os motivos para a evasão estavam os atrasos de pagamento, ou mesmo a ausência deste, os endividamentos, os maus-tratos e a violência moral e física” (ALVIM, 1999, p. 401).

Além das fugas, deve-se ressaltar a importância das greves no campo, entre elas a de 1913, que foi considerada “um marco dentro da historiografia do movimento trabalhador de São Paulo”. Ainda sobre isso, a autora ressalta: “Pela primeira vez foi possível uma manifestação organizada que resultasse na paralisação de uma região importante dentro do panorama cafeeiro” (ALVIM, 1986, p. 113).

Nos primeiros anos, a maioria dos imigrantes italianos que chegou ao Brasil foi trabalhar e viver no campo, alguns preferiram a vida urbana e posteriormente com o crescimento do comércio e das indústrias muitos se mudaram para as cidades (TRENTTO, 1989).

Após 1920, houve uma queda na vinda de italianos para o Brasil. O governo brasileiro, no período entre as duas guerras, tentou realizar projetos de colonização agrícola, mas não teve muito sucesso. Os poucos italianos que chegaram para trabalhar no Estado de São Paulo

possuíam qualificação profissional superior àqueles que vieram anteriormente, sendo esses últimos operários qualificados, artesãos ou comerciantes (TRENTON, 1989).

Entre 1919 e 1945, a Itália viveu o Fascismo¹. Nos anos 20, o governo fascista procurou retomar a ligação com os italianos e seus filhos que emigraram para outros países. Entre outras questões, a política fascista tentou conectar os italianos do exterior com a política externa italiana, tendo como objetivo expandir as fronteiras econômicas e culturais italianas através da emigração. Na década de 30, o regime fascista aprofundou suas tendências imperialistas e totalitárias; no Brasil o governo italiano intensificou a propaganda direta (BERTONHA, 2001).

No Brasil, alguns imigrantes italianos eram antifascistas e outros, indiferentes ao movimento, mas grande parte aderiu ao fascismo. Associações, escolas e jornais foram criados para auxiliar na propagação das idéias fascistas (TRENTON, 1989).

No período entre guerras deve-se ressaltar ainda o Estado Novo, governo de Getúlio Vargas no Brasil (1937–1945), momento em que muitos estrangeiros sofreram perseguições e repressões. Em 1938 foi realizado o decreto-lei nº 383, o qual proibiu que os estrangeiros participassem de atividades políticas no país. Através das leis de exceção, estabeleceu-se “a obrigatoriedade de distinguir as associações em nacionais e estrangeiras”, proibindo a participação de brasileiros nas associações estrangeiras, o que enfraqueceu “todas as sociedades italianas no Brasil” (CORSETTI, 1987; TRENTON, 1989, p.291- 292).

Em 1942, quando o Brasil rompeu relações comerciais e diplomáticas com os países do Eixo, o governo estabeleceu medidas para preservar a segurança nacional e a ordem pública e, entre elas, impediu a distribuição de escritos na língua dos países com os quais as relações haviam sido rompidas e proibiu o uso da língua desses países em lugares públicos (CORSETTI, 1987).

No pós-guerra, a Itália entrou em um novo processo de emigração e muitos italianos fugindo da escassez de trabalho e da miséria procuraram outros países. Como a Itália e o Brasil não realizaram nenhum acordo emigratório, o número de pessoas que vieram para o Brasil não foi muito grande (TRENTON, 1989).

¹ Segundo Trento (1986, p. 34), o fascismo “se impôs na política italiana como regime reacionário de massas e ditadura de classe”.

A partir de 1952, com o funcionamento do CIME (Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias), no Brasil prevaleceu a imigração dirigida. Os italianos que chegaram nessa época eram bem diferentes dos que vieram anteriormente, pois, na maioria das vezes, tinham um diploma. Além disso, eles traziam novos sentimentos, que era a tristeza de ter vivido em um período de guerras e o amargor por terem presenciado a falência do regime fascista. O antagonismo entre os imigrantes italianos da primeira fase e os do pós-guerra gerou problemas e desavenças, ocorreram muitos choques culturais, sociais, políticos e de gerações (TRENTO, 1989).

As décadas de 50 e 60 marcaram o fim das grandes migrações, o Brasil começou a receber poucos italianos e a partir de então, a Itália passou a ser uma nação receptora de imigrantes (BERTONHA, 2005).

1.1.1. Os italianos em São Paulo

O Estado de São Paulo, com um território quase do tamanho da Itália, ofereceu melhores condições para a fixação dos imigrantes italianos. Conforme Trento (1989, p. 107), o Estado “foi a meta de 44% da emigração italiana para o Brasil entre 1820 e 1888, de 67% entre 1889 e 1919 e atingindo seu ponto máximo na década de 1900 a 1909, com 79%”.

Como já foi visto anteriormente os primeiros italianos que chegaram ao Estado de São Paulo vieram para trabalhar, sobretudo nas fazendas de café. Alguns preferiram permanecer no centro urbano e outros com o tempo, mudaram do campo para a cidade (FERREIRA, 1978).

No Estado de São Paulo, nas fazendas de café, a lavoura necessitava de trabalho constante, o terreno requeria sempre manutenção, a jornada de trabalho era longa e em alguns locais os italianos sofriam maus-tratos. Os trabalhadores viviam em pequenas casas, recebiam uma pequena remuneração, plantavam alguns gêneros para o seu sustento e criavam pequenos animais (CENNI, 1975; TRENTO, 1989).

Na cidade, os imigrantes se dedicaram a várias atividades: comerciantes que tinham seu próprio negócio, ambulantes, barbeiros, sapateiros, pedreiros, ferreiros, entre outras categorias. Somente com o tempo é que alguns italianos que viviam na cidade começaram a juntar economias e comprar imóveis (TRENTO, 1989).

Para Trento (1989), apesar de existirem oportunidades de trabalho na cidade, alguns imigrantes passavam dificuldades e muitas vezes eram necessários enormes esforços e sacrifícios para manter e controlar o orçamento familiar.

Dos italianos pobres que chegaram ao Brasil, poucos conseguiram enriquecer; a maior parte não conseguiu passar além do comércio de varejo ou de oficinas de artesanato. Somente alguns que eram originários da classe média italiana ou possuíam instrução, experiência comercial ou conhecimentos técnicos conseguiram ampliar seus negócios no Brasil. Em São Paulo, é importante citar Francesco Matarazzo, originário de Castellabate, na província de Salerno, figura importante na indústria, que acumulou um patrimônio considerável (TRENTO, 1989).

A industrialização brasileira foi tardia, mas no Estado de São Paulo, entre 1907 e 1920, o número de operários cresceu de modo mais veloz que a mão-de-obra empregada na agricultura e assim, muitos italianos foram trabalhar nas indústrias. A presença dos italianos era muito grande dentro do proletariado das fábricas, atingindo mais de 60% na capital paulista entre 1900 e 1915 (TRENTO, 1989, 2000).

Os imigrados desempenharam, portanto, papel determinante na industrialização de São Paulo, ao aumentarem o mercado de trabalho e de consumo e, principalmente, pela tendência a investirem as economias nos setores do comércio e da indústria, pois a compra de terras nem sempre lhes era facilitada (CARELLI, 1985, p. 47).

As condições de vida e de trabalho não eram ruins somente nas fazendas; eram também precárias para os operários, pois os salários eram baixos e a jornada de trabalho era muito longa, além de ser difundida a utilização da mão-de-obra infantil. Eles moravam em casas pequenas, em bairros com péssimas condições sanitárias (ALVIM, 1999; TRENTO, 1989).

Na cidade de São Paulo, nos bairros Brás, Barra Funda, Bexiga, Bom Retiro e Belenzinho, grande parte dos moradores eram proletários italianos que escolheram esses locais para viver devido ao baixo custo dos terrenos e dos aluguéis e o fato de estarem próximos das estações ferroviárias (CARELLI, 1985; FAUSTO, 1976).

Com a insatisfação dos italianos e o aumento das reivindicações, começaram a surgir greves entre os operários. No final do século XIX, as greves eram esporádicas, mas, no início do século XX elas passaram a ser mais freqüentes. A greve mais importante ocorreu em 1917, a

maior parte dos líderes da greve eram europeus e, sobretudo, italianos. As ruas da cidade de São Paulo foram tomadas por três dias. Com esse movimento os trabalhadores urbanos paulistas tiveram “um grande salto organizativo” (ALVIM, 1999, p.409).

Quanto ao movimento operário, da mesma forma que o processo de industrialização no Brasil foi lento, o surgimento das organizações operárias nos planos sindical e político também foi tardio (TRENTO, 1989). Segundo Carone (1989) o movimento operário no Brasil começou na segunda metade do século XIX e era de origem nacional. Apenas após 1890 os estrangeiros começaram a participar ativamente.

O operariado no Brasil era formado predominantemente por italianos, espanhóis e portugueses e os militantes italianos atuaram principalmente em São Paulo (TRENTO, 1989). A “diversidade étnica” complicava a situação da classe operária, pois essa não possuía “uma unidade cultural, nem costumes e idiomas comuns” e essas diferenças geravam conflitos entre as nacionalidades (SILVA, 2005, p.10).

Os italianos tinham grande força no movimento sindical, em especial, em São Paulo. “Entre 1890 e 1920, de todos os líderes sindicais identificados no Estado, 82% eram estrangeiros e desses 61% eram italianos” (ALVIM, 1999, p.409).

A “organização operária brasileira” inicialmente foi renovada devido à presença de “operários imigrantes” e “intelectuais” (FERREIRA, 1990, p. 39). A partir de 1906, São Paulo começou a se destacar no movimento operário brasileiro. Até 1920, a presença de socialistas, anarquistas e socialistas revolucionários foi muito representativa para o movimento (FERREIRA, 1978; TRENTO, 1989).

Os imigrantes que mais contribuíram para “a politização dos trabalhadores brasileiros” foram os que “chegaram como refugiados ou exilados devido a problemas políticos em seus países de origem”. Além disso, eles possuíam uma “alta qualificação” e conhecimentos tecnológicos (MEIRELLES, 2005, p.3).

Os líderes do movimento operário realizaram um grande trabalho de politização, criaram associações, a Confederação Operária Brasileira, federações estaduais, jornais e realizaram congressos. Fizeram também muitas greves e agitações (FERREIRA, 1978).

Além da organização de associações, nesse mundo operário surgiram escolas, espetáculos teatrais, a literatura social libertária e a imprensa (HARDMAN, 1983).

Segundo Silva (2005), existiam alguns estrangeiros que eram indiferentes à vida social no Brasil e que não participavam de movimentos de trabalhadores, causando dificuldades para a organização da classe operária.

Apesar da indiferença de alguns estrangeiros, a participação do operário imigrante era muito intensa. Sendo assim, o governo brasileiro, em 1907, criou a lei Adolfo Gordo, pela qual estrangeiros considerados indesejados por estarem envolvidos em greves, em sindicatos, lideranças operárias e organizações partidárias foram expulsos do Brasil (ALVIM, 1999).

Um instrumento muito importante no movimento operário foi o sindicato. Os primeiros eram de Auxílio Mútuo, depois surgiram a Câmara ou Bolsa de Trabalho, as Ligas Operárias, os sindicatos e as cooperativas (CARONE, 1989).

A vida dos operários e artesãos italianos era caracterizada por uma importante convivência associativa, foram fundadas várias associações políticas, religiosas, recreativas entre outras, que facilitavam as relações sociais dos imigrantes e interrompiam um pouco a vida dura de trabalho (TRENTO, 2000).

Em várias partes do país, a classe proletária realizava festas, festivais, piqueniques e excursões com várias finalidades: difundir os movimentos anarquistas ou socialistas, apoiar os movimentos de greve, angariar fundos para a manutenção da imprensa operária e das Escolas Modernas e comemorar o 1º de Maio (HARDMAN, 1983).

Os operários imigrantes trocavam informações com o movimento operário internacional através das associações e dos centros culturais. Os líderes do movimento denunciavam as irregularidades quanto à situação de trabalho de menores e de mulheres e defendiam os direitos da mulher operária e a participação dela na sociedade como “elemento dinâmico”. As mulheres

operárias participavam das atividades realizadas pelas associações e defendiam seus direitos (FERREIRA, 1978, p. 63). Além disso, o movimento operário também trocava homens, isto é, líderes que circulavam pelos países, sobretudo Itália, Brasil e Argentina para defender e propagar o movimento.

A partir de 1917, percebe-se uma mudança na atitude dos imigrantes em relação às lutas operárias e, após 1920, o anarco-sindicalismo começa a enfraquecer (TRENTO, 1989).

1.2. A importância da cultura e da língua italiana no Brasil

Segundo Trento (1989, p. 201), quanto aos hábitos, os costumes e a vida social ocorreu uma grande “simbiose” entre as culturas italiana e brasileira, principalmente nas camadas populares. A cultura italiana atingiu vários setores: a língua, a literatura, a gastronomia, a arte, a arquitetura, etc. Os italianos criaram por todo o país, principalmente em São Paulo, entidades, associações, escolas, clubes e a imprensa em língua italiana que foi um importante elemento para manter a italianidade.

Entre as associações, as mais importantes foram as de beneficência e as de socorro mútuo, porém foram criadas também as de base regional, cultural, educativa, política e sociedades esportivas como o “Palestra Itália”. (TRENTO, 1989)

A instrução e a difusão da cultura italiana eram vistas como instrumentos importantes para manter o conceito de italianidade e a ligação com a Itália. Contudo, somente algumas escolas foram criadas, sobretudo primárias, que surgiam e desapareciam rapidamente. Quanto às escolas de ensino médio, somente o Instituto Dante Alighieri teve sucesso (TRENTO, 1989, 2000).

A gastronomia foi o aspecto que mais teve força em São Paulo - hoje faz parte da alimentação dos brasileiros a polenta, o macarrão, a pizza e o vinho. Por todo estado encontram-se restaurantes, cantinas, pizzarias que servem pratos típicos italianos. Além disso, a cultura italiana também pode ser encontrada em festas como: “Madonna Achiropita”, “San Vito”, “San Gennaro”, “Madonna di Casaluce”, todas na capital, que primeiramente tinham caráter religioso e hoje são conhecidas, em particular pela gastronomia.

Sabe-se também que no Brasil a cultura italiana foi retratada através da literatura. Um grande exemplo disso foi o engenheiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933), conhecido como Juó Bananére, que colaborava com vários jornais, sobretudo com periódico *O Piralho*, escreveu vários textos e a sua obra principal foi *La Divina Incrência* (1915). Ele criou a linguagem macarrônica, uma língua baseada na fala dos imigrantes italianos que viviam em São Paulo, no início do século XX. (ANTUNES, 1998; CARMO, 1998)

Deve-se destacar ainda a importância da obra *Brás, Bexiga e Barra Funda* de Antonio de Alcântara Machado e da obra autobiográfica de Zélia Gattai, *Anarquistas graças a Deus*, que foi adaptada para uma mini-série. Além da literatura a cultura italiana foi representada em canções como as de Adoniram Barbosa e em novelas e mini-séries como “*Terra Nostra*”, “Os imigrantes”, entre outras.

Outra questão interessante a se ressaltar é que estereótipos foram criados para os italianos, e que permanecem até hoje, dizendo que eles são festeiros, que comem e gesticulam muito e que falam alto. Segundo Carelli (1985, p. 19), no século XIX os italianos eram chamados de “*carcamano*”, termo originário da expressão “*calca la mano*”, pois alguns comerciantes pediam aos seus funcionários para forçar com a mão o prato da balança para arredondar o preço.

Por muitos anos São Paulo manteve a característica de “italianidade”, ouviam-se pessoas falando italiano ou dialeto nas ruas, brincando com jogos típicos, pois eram formas de manter a identidade, de manter contato com os compatriotas, participando de eventos, reuniões e discussões sobre a Itália (TRENTO, 1989).

Ghirardi (1994) ressalta que depois da consolidação do Estado nacional da Itália, a língua e a cultura italianas adquiriram dimensões políticas, e também, passou a ser de grande importância à preservação e à expansão da italianidade.

Quanto ao uso da língua italiana, Maggio (2002, p.149) explicita que “A língua é instrumento e veículo fundamental na construção de uma identidade e na fixação do sentimento de pertencer a determinado lugar”.

No Brasil, os primeiros imigrantes que trabalhavam no campo quase não falavam a língua portuguesa, mas sim os seus dialetos de origem. Porém, aqueles que foram para a cidade tiveram

que adotar o idioma nacional italiano para se comunicarem com os outros italianos, com as associações e autoridades, e a língua portuguesa era usada, entre outros casos, para encontrar trabalho e para a adaptação do ambiente da família ao meio social (CARELLI, 1985).

É importante lembrar que grande parte dos primeiros imigrantes que chegaram ao país eram analfabetos, poucos falavam italiano e a maioria usava dialeto, mas com o tempo eles começaram a aprender a língua portuguesa e o uso dos dialetos ficou restrito ao ambiente familiar e a pequenos grupos.

Em São Paulo, onde viviam muitos italianos, as relações lingüísticas ocorreram de duas maneiras: os italianos aos poucos aprenderam a falar português e contribuíram para modificar e enriquecer o linguajar paulistano (CARELLI, 1985).

Ainda sobre isso, Trento (1989, p.201) ressalta que “Porém, será sobretudo em São Paulo que a facilidade de assimilação dará origem a uma verdadeira língua da cidade, que representava a linguagem predominante e era usada pelos próprios brasileiros”.

Pode-se afirmar então, que a língua italiana teve grande influência no português do Brasil, principalmente em São Paulo.

1.3. O movimento anarquista

Apesar da importância de outros movimentos políticos, é mais relevante para o presente trabalho apresentar o anarquismo, pois as cartas analisadas foram extraídas de um periódico anarquista.

Quanto aos movimentos que se difundiram no Brasil, entre os proletários o anarquismo² foi o que teve mais êxito. Esse surgiu na Europa com a difusão das idéias de Bakunin e

² “Anarquismo (do grego antigo *an-arke* = contrário à autoridade) é o nome que se dá a uma teoria que prega uma sociedade sem governo, na qual se vive em harmonia, não por submissão à lei, nem por obediência à autoridade, mas por acordos livres estabelecidos entre os diferentes grupos de homens e mulheres, livremente constituídos por território ou profissão, para a produção, o consumo e para a satisfação da infinita variedade de necessidades e aspirações de um ser civilizado” (BIONDI, 2006, p. 1).

Proudhon, entre outros; expandiu-se a partir do final do século XIX com as imigrações para os Estados Unidos e para a América do Sul, onde o movimento foi forte devido ao grande número de trabalhadores originários da Europa do sul, principalmente italianos (BIONDI, 2006).

O movimento referido tinha como fundamentos o comunismo, o antiestatalismo, o anticlericalismo, a revolução, a ação direta, o antiparlamentarismo, a federação e a liberdade individual. Quanto à atividade sindical, os anarquistas seguiam comportamentos diversos, uns acreditavam que participar de sindicatos de ofício ou de categoria era fundamental, mas não devia substituir a ação dos anarquistas na sociedade de forma geral e outros aderiram ao sindicalismo de ação direta ou sindicalismo revolucionário e defendiam que a luta deveria ser feita através de greves gerais (BIONDI, 2006).

O anarquismo não aceitava a organização social capitalista, tendo como objetivo acabar com a sociedade de classes e “o Estado era imediatamente identificado com a classe dominante e tinha por função a defesa de seus interesses”. Além disso, o movimento não era contra “a participação operária nas instituições burguesas”, pois estas fortaleceriam o Estado. O principal objetivo do movimento foi a luta por melhorias das condições de trabalho (MAGNANI, 1982, p. 48-49).

A adoção do anarquismo, por um lado, foi fruto das condições sociais vividas pelo operariado, sobretudo o seu isolamento político – a exclusão política imposta pelos detentores do poder e a impossibilidade de efetivar alianças com outros grupos sociais. Por outro lado, o anarquismo atuava no sentido de reforçar este isolamento do operariado (MAGNANI, 1982, p. 49).

Os anarquistas não lutavam somente pelos direitos trabalhistas, mas também pelos direitos individuais que constavam na Constituição (MAGNANI, 1982).

Para Magnani (1982, p.58), a noção de anarquismo adotada refere-se ao “anarquismo libertário”, que surgiu a partir de meados do século XIX e “que se insere no conjunto das idéias socialistas que se originaram das contradições inerentes à sociedade capitalista”, sendo que o

anarquismo libertário” dividiu-se principalmente em duas tendências: o anarco-comunismo e o anarco-sindicalismo. Ambos tinham “os mesmos princípios básicos” e “o mesmo objetivo final”, acabar com o capitalismo, mas divergiam em algumas questões.

Biondi (2006, p.1) chama de “período das Organizações” a partir de 1890, aproximadamente, quando o movimento anarquista preocupou-se com a organização e formação de grupos políticos e a participação nos sindicatos, abandonando o individualismo, sendo esse o período que caracteriza e contextualiza a fase mais relevante para o nosso estudo, devido a maior difusão de jornais anarquistas em língua italiana.

No Brasil, os principais militantes do movimento foram: Edgard Leuenroth, Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai e Gigi Damiani.

Edgard Leuenroth nasceu em Mogi Mirim, em 1881. Jornalista, editor, tipógrafo, arquivista e diretor de muitos jornais, foi militante anarquista desde o final do século XIX até 1968, ano de sua morte. Fez do jornal um veículo de militância (KHOURY, 1988; ROMANI, 2002).

Oreste Ristori nasceu em San Miniato, na Toscana, em 1874. Já defendia o anarquismo em seu país e, em 1902, foi para a Argentina, onde ajudou a propagar o movimento. Em 1904 chegou ao Brasil e fundou o periódico *La Battaglia* com outros militantes. Nas terras brasileiras ele percorreu muitos lugares defendendo o anarquismo. Foi ameaçado e preso várias vezes. Em 1912 deixou o Brasil e retornou a Argentina. Voltou ao Brasil em 1922 e, em 1936, partiu para a Europa, passou pela França e voltou para a Itália. Faleceu em 1944³, fuzilado pelos nazi-fascistas em Florença (RODRIGUES, 1984; ROMANI, 2002; TRENTO, 1989).

Alessandro Cerchiai nasceu provavelmente em 1877 em Pescia, província de Lucca. Chegou a São Paulo em 1901, trabalhou como funcionário municipal e em 1903 foi para Argentina. Em 1904, retornou ao Brasil e tornou-se um dos redatores do *La Battaglia*. Com o fim do jornal, foi para Bauru onde continuou seu trabalho como jornalista e começou a lecionar. Faleceu em 1935 (RODRIGUES, 1984; TRENTO, 1989).

³ Para Biondi (1998, p. 117), Oreste Ristori faleceu em 1943.

Gigi Damiani nasceu em Roma em 1876, chegou ao Brasil em 1890 e auxiliou Giovanni Rossi a fundar a Colônia Cecília. Primeiramente foi colaborador do jornal *La Battaglia* e depois, com a expulsão de Oreste Ristori, assumiu a direção do periódico. Foi expulso do país em 1919 por defender os arquivos de *A Plebe*. (RODRIGUES, 1984).

No Brasil, o anarquismo atingiu todo o país; os militantes começaram a difundir suas idéias pelas zonas rurais e depois com o crescimento das indústrias e o grande número de operários, intensificaram a propagação do movimento nas cidades (FERREIRA, 1978).

A Colônia Cecília surgiu em 1890, no Paraná, fundada por Giovanni Rossi, e foi um importante exemplo do movimento anarquista. Em maio de 1891, a colônia já possuía mais de 150 membros. A situação era muito ruim, os colonos se abrigavam em barracas e os alimentos eram insuficientes. Por alguns meses a colônia ficou praticamente desativada. Ainda em 1891, sete jovens tentaram reerguê-la, a colônia se repovoou com imigrantes originários de Parma. Em 1892, não havia mais que 40 pessoas, novos imigrantes chegaram e aconteceram brigas com os que já estavam lá. A partir de 1893, a colônia Cecília começou a sua decadência, que foi desencadeada por vários fatores: a miséria, o excesso de trabalho, as brigas e a situação econômica, que não era favorável. A colônia teve uma certa fama entre os anarquistas no exterior, mas no Brasil pouca coisa foi escrita sobre ela (FELICI, 1998; FERREIRA, 1978; RODRIGUES, 1984).

É importante ressaltar que o anarquismo foi reprimido em vários momentos da história, leis e decretos foram criados contra o movimento e a imprensa anarquista passou por muitas ações repressivas. Os anarquistas eram considerados indesejados, eram marginalizados (SILVA, 2005).

Os movimentos desencadeados pelos anarquistas foram caracterizados como os mais radicais, com intensa atividade sindical de arregimentação. Foi a época em que se fundaram várias organizações de classe, círculos políticos e desenvolveu-se inédita atividade cultural (FERREIRA, 1978, p. 56).

Para fortalecer o movimento operário e reivindicar, os trabalhadores criaram muitas ligas de resistência e uniões, que serviram também como difusoras de cultura, pois nelas os militantes alfabetizavam adultos (FERREIRA, 1978).

Como os anarquistas defendiam a igualdade entre as pessoas e a importância da cultura e da alfabetização, foram criadas as Escolas Modernas, também chamadas de Escolas Livres, para alfabetizar os filhos dos operários. A Escola Moderna teve origem na Espanha pelo educador Francisco Ferrer y Guardia e era um tipo de educação desvinculada das idéias religiosas (FERREIRA, 1978; HARDMAN, 2002; KHOURY, 1988).

As principais Escolas Livres em São Paulo foram as dos bairros do Brás e do Belenzinho, que sobreviveram de forma precária de 1913 a 1919, sendo fechadas depois desse ano por ordem do governo estadual (HARDMAN, 1983, 2002).

Segundo Fausto (1976, p.82), as Escolas Modernas eram “Escolas mistas, sem exames, sem promoções, sem castigos ostensivos, combinando um currículo convencional com a difusão dos princípios anarquistas refletida nas festas e nas comemorações”. Já Khoury (1988, p.104) explica que essas escolas eram “vistas como instrumentos de luta contra o embrutecimento dos indivíduos acostumados desde pequenos à submissão”.

Alguns dos objetivos da Escola Moderna eram: “educar as crianças de modo que se desenvolvam ao abrigo das superstições; substituir os métodos dogmáticos da teologia, pelo método racional indicado pelas ciências naturais” (KHOURY, 1988, p.112).

Além das escolas, os militantes anarquistas se manifestaram através da literatura e criaram também grupos teatrais.

O teatro social, no entender dos anarquistas, era um veículo de propaganda ideológica, seguro, eficiente, a nível familiar; um divertimento instrutivo, um instrumento revelador de capacidades artísticas, centro de desenvolvimento e aperfeiçoamento de debates em público, e um meio de obter dinheiro para auxiliar os jornais libertários (RODRIGUES 1984, p. 145).

1.3.1. Os anarquistas em São Paulo

O Estado de São Paulo foi o lugar onde o movimento teve mais força, devido ao grande número de militantes. “Os italianos, em particular, constituíam cerca de 70% dos filiados aos vários grupos anarquistas que surgiram entre 1895 e 1920 nas várias cidades paulistas, a partir obviamente da capital” (BIONDI, 2006, p. 1).

Segundo Biondi (2006, p. 1) os militantes anarquistas italianos mais conhecidos em São Paulo foram “Oreste Ristori, Gigi Damiani, Alessandro Cerchiai, Angelo Bandoni, Matilde Magrassi e os irmãos Gattai”.

Em 1909 havia “pelo menos seis grupos anarquistas de língua italiana somente na cidade de São Paulo” e outros grupos que contavam com a participação de “imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e brasileiros natos” (BIONDI, 2006, p. 1).

“A difusão do anarquismo em São Paulo não deve ser atribuída somente à origem estrangeira recente da classe trabalhadora, mas antes deve ser vinculada às condições sociais, políticas e econômicas imperantes na República Velha” (MAGNANI, 1982, p. 49).

No estado de São Paulo, existiram duas correntes libertárias: o anarco-comunismo e o anarco-sindicalismo, mas prevaleceu o anarco-sindicalismo (MAGNANI, 1982).

Guararema, interior do estado, vivenciou um momento muito importante do anarquismo, pois em 1888 Artur Campagnoli, italiano, joalheiro, criou com trabalhadores uma comunidade experimental anarquista na cidade. Durante o seu período de existência foram realizadas reuniões, congressos e muitas pessoas foram alfabetizadas (RODRIGUES, 1984).

No início dos anos 30, Artur Campagnoli foi preso e levado a Santos para ser mandado para a Itália, porém ele saltou no mar e sumiu. Após algum tempo, com a mudança de governo, ele retornou à colônia e continuou seu trabalho, vindo a falecer em 1944 (RODRIGUES, 1984).

2. A imprensa, o leitor e as cartas dos leitores

2.1. A imprensa em língua italiana no Brasil

Para manter a vida em comunidade, os italianos criaram muitas associações e escolas, mas o elemento mais representativo foi a imprensa em língua italiana, constituída por um grande número de jornais e revistas, publicados principalmente no período de 1880 a 1940 (BERTONHA, 2001; TRENTO, 1989).

Durante muitos anos a imprensa em língua italiana foi marcante na história do Brasil e, sobretudo, de São Paulo. O primeiro jornal escrito em italiano surgiu no Rio de Janeiro, em 1765, se chamava *La Croce Del Sud* e era uma publicação religiosa. Em São Paulo, o primeiro jornal em língua italiana foi o *Garibaldi*, de 1870, e a partir deste muitos outros foram publicados. Desde as origens até 1940 existiram 500 publicações italianas no Brasil, sendo quase 300 em São Paulo (BERTONHA, 2001; TRENTO, 1989).

O auge da imprensa italiana foi de 1890-1920 e foi importante para a manutenção do Estado de São Paulo e para a difusão da cultura italiana (BERTONHA, 2001).

Os jornais dessa imprensa passaram por muitas dificuldades, boa parte deles não durou muito tempo. Muitos sobreviviam não somente com a venda de exemplares, mas porque contavam com uma pequena ajuda de pessoas, na maioria das vezes compatriotas, que colocavam propagandas de suas empresas ou de seus comércios nos jornais. (TRENTO, 1989) Além disso, era muito difícil manter a impressão desses jornais, pois não existiam grandes máquinas impressoras e para os diários havia grandes dificuldades em conseguir notícias da Europa, uma vez que não existiam serviços de agências telegráficas (CENNI, 1975).

A imprensa italiana mostrava tendências diversas, havia jornais satíricos, humorísticos, religiosos, políticos, econômicos, entre outros. Os assuntos tratados eram principalmente relativos à colônia e aos problemas de trabalho, eram evitados os temas referentes à política brasileira (BERTONHA, 2001). O conteúdo de grande parte das publicações era pequeno: publicavam-se curiosidades, pequenas notícias, folhetins, fatos, fofocas. Algumas publicações

italianas demonstraram, na maioria das vezes, respeito às instituições e difundiam o conhecimento e o amor pelo Brasil (CENNI, 1975; TRENTINO, 1989).

Os jornais humorísticos foram os mais numerosos, pode-se citar entre eles *Il Pasquino Coloniale* (1909) e *I Folli di San Paolo* (1904). Algumas publicações foram destinadas às mulheres, como *La Moda nel Brasile* (1902) ou às crianças *Mondo Piccino* (1917). Além desses, existiam periódicos clericais, como *Cristoforo Colombo* (1900) e *La Squilla* (1906). Havia também jornais direcionados a italianos de uma região específica, como, por exemplo, *Il Meridionale* (1908) e *La Liguria* (1884) (TRENTINO, 1989)⁴.

Entre todas as publicações da imprensa em língua italiana, o *Fanfulla* – que surgiu em 1893, em São Paulo, através do jornalista italiano Vitaliano Rotellini - foi o maior e mais popular jornal publicado no Brasil. No início era um semanário humorístico e, em menos de um ano, passou a diário. Com o tempo, o *Fanfulla* foi deixando o humor para adotar um estilo sério e patriótico. Inicialmente não tinha um público-alvo, era feito para todos os italianos (CONSOLMAGNO, 1993).

“Durante muitíssimos anos foi o principal jornal e o porta-voz da coletividade italiana e soube alcançar uma importância confirmada por uma longevidade que não teve igual na imprensa italiana, não só no Brasil, mas de qualquer outro país” (TRENTINO, 1989, p. 191).

O *Fanfulla* acreditava que os imigrantes podiam lutar por seus interesses e que a conquista da projeção política por eles poderia ajudar no desenvolvimento dos seus negócios. O jornal defendia o trabalhador imigrante, mas não incentivava a militância política, como os jornais proletários (CONSOLMAGNO, 1993).

Para Consolmagno (1993, p. 141):

O jornal *Fanfulla* propunha-se a tarefa ideológica de formar essa consciência nacional, mantê-la sempre forte na população imigrante, construir e valorizar a **italianità**, impedir que o imigrante esquecesse sua origem e sua pátria. Para isso combatia a tendência regionalista e estimulava a união de todos os italianos. (grifo da autora)

⁴ Os anos descritos ao lado dos nomes dos jornais referem-se ao primeiro ano de publicação dos mesmos.

O *Fanfulla* foi caracterizado por um trabalho sério e de denúncia, contribuiu ainda para organização e melhorias no sistema de migração e muitas vezes defendeu a continuidade da imigração (CONSOLMAGNO, 1993).

De 1930 a 1942, o *Fanfulla* apoiou o fascismo, sendo usado como instrumento para divulgar o regime entre os leitores italianos no Brasil (BERTONHA, 2001).

Em 1894, o jornal referido teve uma tiragem superior à de qualquer publicação italiana no Brasil. Durante o Estado Novo, teve que escrever os editoriais e algumas matérias em português, devido à proibição do uso da língua italiana no governo Vargas. Em 1942, foi proibido de continuar suas publicações, voltando a circular em 1947. Saiu de circulação em 1965 (CONSOLMAGNO, 1993).

Em 1966, foi fundado o *La Settimana* que em 1979 passou a ser chamado de *La Settimana del Fanfulla*, sendo considerado um herdeiro do *Fanfulla*. (CONSOLMAGNO, 1993) Em 2001 voltou a ter o nome *Fanfulla* (BERTONHA, 2001).

É importante também citar as publicações fascistas e antifascistas em língua italiana. Os fascistas contaram com o apoio de alguns jornais que já existiam, como o *La Tribuna Italiana* (1922) e criaram outros, como o *Giovinezza* (1937)⁵. Muitas vezes essas publicações tinham conteúdos diferentes e ocorreram várias divergências que enfraqueceram o consenso fascista. Além disso, os fascistas não conseguiram reverter a queda da imprensa italiana. A imprensa antifascista não teve muito sucesso, somente por um tempo conseguiu ajudar a manter a presença de italianos nas lutas de esquerda no Brasil (BERTONHA, 2001).

Quanto ao percurso da imprensa italiana, a partir de 1920 houve uma queda gradativa nas publicações, que pode ser justificada devido ao fato de que os descendentes dos imigrantes começaram a se interessar pelo Brasil e pela imprensa escrita na língua portuguesa (BERTONHA, 2001).

No período entre as duas guerras, ocorreu um grande declínio da imprensa italiana, pois poucos italianos chegaram ao Brasil, e os problemas aumentaram com o regime fascista. Nos anos 40, durante o governo de Getúlio Vargas, no Estado Novo, houve uma grande repressão

⁵ Os anos descritos ao lado dos nomes dos jornais referem-se ao primeiro ano de publicação dos mesmos.

política e a criação de medidas que proibiram o uso da língua italiana, diminuindo assim o público leitor (BERTONHA, 2001; CORSETTI, 1987).

Com o segundo pós-guerra, alguns italianos chegaram ao país e tentou-se reorganizar essa imprensa, mas pouco restou - somente alguns jornais mantidos pelo Consulado, por associações e escolas, sendo que poucos ítalo-brasileiros dominam a língua italiana (BERTONHA, 2001).

2.1.1. A imprensa operária

Ao mencionar “imprensa proletária” ou operária, pensa-se em uma imprensa feita por operários, porém isto é dito segundo o “ponto de vista do emissor”, porque considerando o “ponto de vista do receptor”, esse tipo de imprensa se dirige principalmente aos operários. Ao pensar no “ponto de vista da mensagem (conteúdo)”, considera-se como imprensa proletária àquela que tem como temática principal “os problemas da classe proletária” (FERREIRA, 1990, p. 24).

A imprensa política no Brasil foi muito importante, principalmente a operária, que trazia várias correntes ideológicas: socialista, anarquista, anarco-sindicalista, liberal, republicana e fascista (TRENTO, 1989). “Em São Paulo, a participação intelectual e o aparecimento de jornais de caráter puramente ideológicos, surgiram concomitantemente com a atuação do operário imigrante” (FERREIRA, 1990, p. 43-44).

Os intelectuais tiveram a iniciativa de criar os primeiros jornais de classe, despertando, dessa forma, o hábito da leitura e a discussão de idéias entre os operários e facilitando o surgimento e o crescimento da imprensa operária (FERREIRA, 1978).

Para Hardman (2002, p. 311) “[...] a imprensa operária, em particular, destaca-se por sua função de articuladora de interesses históricos de classe, como fator de agitação e propaganda, na tentativa de aglutinar elementos de uma consciência operária comum”.

O veículo de comunicação da classe trabalhadora – quer seja representante de sindicato ou de partido – não tem proprietário, e sua mensagem não é uma mercadoria a ser consumida; seu conteúdo é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas etc., produzido pela coletividade e para ela mesma (FERREIRA, 2003, p. 134).

Pode-se dizer então que a criação da imprensa proletária ajudou a fortalecer e difundir as idéias entre o proletariado e a realizar uma maior participação na vida coletiva (FERREIRA, 1990).

A imprensa proletária é um rico material histórico, pois a quantidade e a qualidade de informações são grandes e mostram os problemas da classe, as lutas internas e tudo mais que envolvia o mundo operário. Ela estará sempre relacionada a algum tipo de organização de classe trabalhadora, tendo características diferentes da imprensa burguesa e da grande imprensa (FERREIRA, 1978, 2003).

Os jornais operários possuíam muitas diferenças com relação aos outros jornais: eles davam a notícia “um caráter processual, recuperando e analisando os fatos” e uma boa parte do espaço era ocupado por textos e conferências. Quanto à diagramação, eles procuravam preencher todo o espaço; charges na primeira página eram constantes, na qual encontravam-se manifestos e convocações para assembléias e a quantidade de páginas não era padronizada. Não existia publicidade e nem repórter, os jornais recebiam muito material, relatórios de sindicatos, cartas e denúncias. Durante as greves os jornais aumentavam a publicação de manifestos, panfletos e boletins especiais (FERREIRA, 1978, p.105-106).

Quando aconteciam casos raros de publicidade nos jornais operários, ela vinha acompanhada por recomendações do próprio jornal quanto à utilização do produto e algumas vezes os jornais sugeriam boicotes a determinadas mercadorias (FERREIRA, 1990).

Os jornais operários circulavam, sobretudo, nas cidades mais importantes como São Paulo, Rio de Janeiro, entre outras, e onde se encontravam trabalhadores organizados, isto é, em associações de classe como ligas, uniões e sindicatos (MEIRELLES, 2005, p.6).

A imprensa reivindicatória em língua estrangeira nasceu em 1879, em São Paulo com a fundação do jornal *La Giustizia*, criado pelo italiano Luigi Schirone, que através dessa publicação denunciava os problemas que o imigrante enfrentava no Brasil. A partir daí, com a chegada de imigrantes operários e de alguns deportados por razões políticas, muitos jornais em língua estrangeira foram criados (FERREIRA, 1978).

Segundo Ferreira (1990, p. 57), do final “do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX” existiam aproximadamente 343 jornais proletários no Brasil, dos quais 60 eram editados em língua estrangeira, sendo 55 em italiano.

Muitos periódicos tiveram vida breve e outros por algumas vezes foram interrompidos, lembrando que a característica principal dos jornais operários foi a irregularidade de publicação, tanto em relação ao número de páginas quanto à periodicidade, que era inconstante. Os jornais anarquistas foram um grande exemplo desta situação, pois desapareciam ou paravam a publicação por um tempo e depois retornavam com outro nome (TRENTO, 1989).

A irregularidade de publicação pode ser explicada especialmente por duas dificuldades: a primeira estava relacionada a problemas financeiros, pois não existia quase publicidade, os leitores eram trabalhadores que tinham os salários muito baixos e os jornais não podiam sobreviver dos seus próprios recursos. A segunda dificuldade foi a perseguição que a imprensa operária sofreu, pois teve muitas vezes o material apreendido, as máquinas destruídas e colaboradores aprisionados (ALVIM, 1999; FERREIRA, 1978).

Apesar das dificuldades Alvim (1999, p.410) ressalta que:

[...] os imigrantes que lideraram o movimento operário paulista do início do século foram verdadeiros agentes da comunicação. Implantaram um sistema de divulgação de seus ideais e contribuíram para organizar os trabalhadores na luta.

Com a preocupação de atingir um maior número de trabalhadores muitos jornais foram publicados, em determinados períodos, em italiano e português, como por exemplo, *L'Avvenire* (1893), *La Barricata* (1912) e *Germinal* (1902) (FERREIRA, 1978) ⁶.

Após 1920, ocorreu um grande declínio da imprensa proletária. Segundo Rubim (1980, p. 52-53) os elementos que cooperaram para esta queda foram “a repressão das classes dominantes, a decadência do anarquismo dentro do movimento operário e o avanço do capitalismo”.

Apesar da importância dos jornais de outras correntes ideológicas, aqui se dará mais destaque à imprensa anarquista, pois o jornal analisado *La Battaglia* fez parte desse movimento.

⁶ Os anos descritos ao lado dos nomes dos jornais referem-se ao primeiro ano de publicação dos mesmos.

2.1.2. A imprensa anarquista

Os jornais anarquistas em língua italiana foram publicados principalmente no período de 1885 e 1920. Ainda no final do século XIX, foram publicados em São Paulo *Gli Schiavi Bianchi* (1892), *L'Avvenire* (1894) e outros, porém deve-se ressaltar a importância do jornal *La Battaglia*, que circulou por quase dez anos em São Paulo (TRENTO, 1989)⁷.

Mais importantes talvez do que o frágil sindicato, o jornal constitui um dos principais centros organizatórios anarquistas e de difusão da propaganda. Veículo de expressão escrita, transforma-se também com frequência em veículo oral, ao ser lido em voz alta para os trabalhadores analfabetos (FAUSTO, 1976, p. 91).

Segundo Maram (1979, p. 87), a imprensa anarquista tinha três objetivos principais: “Mostrar que a repressão e a exploração eram características do estado capitalista; lembrar aos trabalhadores brasileiros que sua luta pela liberdade era parte do movimento internacional, e promover a causa demonstrando-lhe o sucesso em outros países”.

Pode-se dizer que os anarquistas implantaram uma “rede de comunicação” nunca vista no Brasil, atingindo assim, de forma eficaz, seus objetivos (FERREIRA, 1990, p. 62). “O principal instrumento de organização e politização utilizado pelos militantes anarquistas foi o jornal” (FERREIRA, 1990, p. 52).

Para Magnani (1982, p. 13), os jornais anarquistas tinham como objetivo divulgar os ideais políticos e a cultura operária, propor “a instauração de uma moral operária fundamentada na solidariedade humana e de classe” e incentivar a luta dos operários contra o capitalismo através de noticiários do movimento operário nacional, das formas de ações (greves, comícios, etc) e das denúncias.

Segundo Trento (1989, p. 246), os jornais anarquistas possuíam “duas almas”: tinham grande riqueza na elaboração dos dados teóricos, “toda de importação” e eram pobres “de linguagem e de análise quando falavam de coisas brasileiras”.

Maram (1979) menciona que os jornais anarquistas tinham textos de estilo simples, muitas vezes com conteúdos que se repetiam, mas destinavam-se a levar os trabalhadores à ação e a ensinar-lhes como realizar essa ação.

⁷ Os anos descritos ao lado dos nomes dos jornais referem-se ao primeiro ano de publicação dos mesmos.

Os jornais anarquistas e os anarco-sindicalistas não podiam contar com a propaganda, porque existiam questões ideológicas e também pelo pequeno público leitor. Outro grande problema dos jornais anarquistas era a escassez de notícias internas (TRENTO, 1989).

Os colaboradores dos jornais anarquistas muitas vezes distribuíam-nos pessoalmente, uma vez que algumas bancas não aceitavam vendê-los. O recurso obtido na venda dos jornais era usado para a sua própria sobrevivência e para conseguir mais fundos e, nas páginas da imprensa operária, encontravam-se chamadas para a obtenção de novos assinantes (KHOURY, 1988).

2.2. O leitor da imprensa italiana

Segundo Trento (1989), até o final do século XIX, a imprensa italiana era pouco expressiva, pois não havia ainda no Brasil italianos aptos a ler essa produção jornalística. Depois desse período, muitos imigrantes desembarcaram no país e deve-se ressaltar que alguns ficaram na zona rural, eram analfabetos ou semi-analfabetos e tinham jornadas pesadas de trabalho, quase não sobrando tempo livre para o lazer e além de falarem dialeto e não conhecerem o idioma oficial. Mesmo assim, como o número de italianos que imigraram era muito alto, foi possível formar um mercado consumidor para a imprensa em língua italiana.

Em 1870, quando surgiu a imprensa em língua italiana em São Paulo, as publicações preocupavam-se, sobretudo, com a difusão cultural e com a defesa da língua italiana. Após 1880, essa situação muda, pois a imigração italiana aumenta, sendo constituída na maior parte por pessoas modestas, trabalhadores de pequenas cidades que se interessavam por agricultura ou comércio ambulante e, dessa forma a imprensa precisou se adaptar a seu novo público (CENNI, 1975).

Pode-se dizer então que o público leitor da imprensa italiana era formado por imigrantes italianos, vindos de várias partes da Itália, alfabetizados, cuja maior parte vivia na cidade. Os leitores compravam jornais de vários tipos, religiosos, humorísticos, entre outros, e existia um grande número de pessoas que liam periódicos políticos.

Nas indústrias eram raros os operários alfabetizados. Já os gráficos eram profissionais alfabetizados que desenvolveram e utilizaram positivamente o jornal, um dos únicos meios de comunicação da época (FERREIRA, 1978).

Segundo Ferreira (1978), operários e ex-escravos que tinham forte tradição servil e religiosa foram inicialmente ensinados através da oralidade. Os primeiros militantes da luta operária no início informavam os operários através da palavra falada e, num segundo momento começaram a alfabetizá-los.

O número de alfabetizados aumentou devido à criação de centros de cultura onde, além de outras ações, os militantes alfabetizam os operários. Para tanto, eram utilizados vários recursos: jornais, folhetos, livros, conferências, peças de teatro, palestras nas associações, muitas vezes realizadas por operários imigrantes. Além disso, nos centros de estudos sociais, eram ministrados vários cursos e existiam bibliotecas (FERREIRA, 1978).

Como foi visto anteriormente, os jornais operários não tinham repórter, a redação recebia sempre muito material, o que mostra a estreita relação que existia entre o jornal e o leitor, pois na maioria das vezes era o leitor que enviava cartas, denúncias e notícias que nutriam a imprensa (FERREIRA, 1978).

Deve-se ressaltar que aqui falamos de um leitor de jornal e não de livros, um leitor de textos informativos em primeiro lugar e não de textos literários. É um leitor que deseja estar informado, que muitas vezes identifica-se e escolhe determinados textos. Segundo Semeghini-Siqueira (2006), os textos literários trazem a imaginação, a subjetividade, a sedução enquanto os textos informativos são objetivos, argumentativos, muitas vezes críticos e de opinião e, sendo assim, o leitor de jornais parte para a leitura com um outro olhar.

Quanto ao papel do leitor, pode-se falar do *repertório* - “conjunto de normas sociais, históricas, culturais trazidas pelo leitor” - para realizar a leitura, sendo que deve existir uma interseção entre o repertório real e o repertório do texto (COMPAGNON, 1999, p. 152). O leitor da imprensa italiana traz consigo, em primeiro lugar, o idioma, a sua cultura e a sua história; escolhe ler um jornal por sua crença religiosa, por diversão, para se informar ou por uma

ideologia política e os jornais, através dos textos, procuram trazer um *repertório* para atender seu público leitor, muitas vezes para atingir uma determinada classe.

Compagnon (1999) trata ainda da análise da recepção, que visa o efeito produzido no leitor individual ou coletivo. Quanto à imprensa italiana, a recepção era individual e coletiva: individual porque cada um que lia identificava-se com as notícias e com as situações, e coletiva, pois atingia um grupo de imigrantes com uma identidade e uma cultura em comum, visando, ainda no caso da imprensa proletária, grupos de anarquistas ou socialistas.

2.2.1. O leitor da imprensa proletária

Os leitores desse tipo de imprensa eram diferentes de um leitor comum, pois eram militantes e possuíam uma ideologia política. Eram na maior parte homens, compactuavam com as idéias desses jornais, acompanhavam as notícias, ficavam informados sobre as próximas manifestações, festas ou comícios e eram, acima de tudo, leitores ativos, pois enviavam cartas e outros materiais para as redações, participavam ajudando a arrecadar fundos para manter os jornais, entre outras coisas.

Compagnon (1999, p. 144) cita que “o leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro [...]”. Apesar de não se tratar de livros, é o que ocorre com o leitor da imprensa italiana, em especial quando se fala da imprensa proletária: o leitor entende a si mesmo, por identificar-se com as notícias e com as cartas de outros leitores que passavam pelas mesmas dificuldades que ele, e a situação de sua classe através da leitura dos jornais.

É importante avaliar como o texto atinge o leitor, podendo ser de forma passiva, ativa ou das duas formas (COMPAGNON, 1999). Quanto ao leitor da imprensa proletária, pode-se dizer que essa leitura é principalmente ativa, pois cartas são enviadas para a redação do jornal para fazer reclamações, reivindicar algo, para fazer uma solicitação ou ainda para participar enviando histórias, convites para festas de associações, entre outras coisas. É um leitor que reage, que participa.

“O jornal é um instrumento de informação, conscientização e mobilização; o receptor não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses em comuns e participa da mesma forma de organização” (FERREIRA, 2003, p.134).

Ainda sobre a leitura, Lyons (1999, p.10) explica que o leitor “nunca se aproxima do texto passivamente” e que ele nunca absorve o texto sem mostrar uma certa resistência ou sem fazer críticas.

Maram (1979) ressalta que alguns trabalhadores enviavam cartas aos jornais anarquistas para falar das suas condições de trabalho e que muitas dessas cartas eram úteis durante as greves, pois falavam de demissões, salários e mal-tratos.

Compagnon (1999, p. 150) ainda aborda outro aspecto importante quando diz que “Haveria, assim, em todo texto, construído pelo autor e complementar ao autor implícito, um lugar reservado para o leitor, o qual ele é livre para ocupar ou não”. Um exemplo disso era o jornal anarquista *La Battaglia*, em que o redator se dirigia ao leitor pedindo para que lesse e difundisse o periódico e os leitores cumpriam esse papel, assumindo assim, a posição solicitada.

2.3. O jornal La Battaglia

O Periódico Semanal Socialista-Anárquico *La Battaglia* foi criado por um grupo de anarquistas e circulou em São Paulo, semanalmente e sem interrupção, no começo do século XX, mais especificamente de 1904⁸ a 1912, quando mudou o nome para *La Barricada*. Em 1908 *La Battaglia* imprimia 5.000 exemplares, número elevado para um jornal operário (BIONDI, 1998; TRENTO, 1989)⁹.

Em junho de 1904 saiu o primeiro número, com a direção de Oreste Ristori. Durante a sua existência, os principais redatores foram Gigi Damiani e Alessandro Cerchiai. O jornal era escrito em italiano, possuía quatro páginas e somente duas colunas eram redigidas em português.

⁸ Segundo Ferreira (1978) e Magnani (1982), o jornal *La Battaglia* começou a ser publicado em 1901, porém para Biondi (1998) e Trento (1989) o ano inicial de publicação é 1904 e, além disso, no Arquivo Edgar Leuenroth não foi encontrado nenhum exemplar anterior a 1904.

⁹ Ver anexo 1.

Para Magnani (1982, p.63), o jornal seguia a tendência anarco-comunista, defendia “a igualdade natural, econômica e social” entre os seres humanos, sendo que conforme os anarco-comunistas, “a efetivação da igualdade econômica” correspondia à “efetivação da anarquia”.

O periódico *La Battaglia* era antipatriota, antimilitarista e anti-religioso, porém, segundo Magnani (1982), o periódico deixou uma lacuna em sua ideologia, pois criticava a sociedade da época, mas não explicou como destruí-la.

O semanário, de maneira geral, dedicou-se a criticar as formas e métodos de luta proposto por outros grupos autodenominados revolucionários (socialistas, marxistas e anarco-sindicalistas), mas não apresentou explicitamente outras opções de ação aos oprimidos (MAGNANI, 1982, p. 81).

La Battaglia era também um espaço para o debate “entre todas as tendências libertárias” de São Paulo, além de “grupos de socialistas e de sindicalistas italianos” (BIONDI, 1998, p. 118).

Este jornal deveria ser escrito em língua italiana e pretendia-se que pudesse se tornar o fórum de debates do movimento operário, aberto a todas as tendências do anarquismo, com o objetivo de aglutiná-lo e denunciar as precárias condições de vida e trabalho a que estavam submetidos o operário urbano e o colono das fazendas (ROMANI, 2002, p. 130).

A estrutura do jornal era bem simples, não existia uma localização fixa para as seções; muitas não possuíam nome e normalmente a posição e o nome das seções variava de tempos em tempos. Procuramos abaixo explicar como era o jornal, esquematizando a disposição e o nome das seções:

Primeira página (Capa)¹⁰ - No começo da página encontravam-se o cabeçalho, o número do exemplar, o nome do jornal, o nome do diretor (Oreste Ristori), endereço ou caixa postal e os valores das assinaturas (anual, semestral, trimestral). Logo abaixo vinham textos normalmente assinados por Oreste Ristori, Gigi Damiani ou pela Redação. Os temas mais comuns na primeira página eram a crítica à religião, o posicionamento contra a imigração e a defesa do anarquismo. Às vezes o jornal publicava uma poesia ou uma charge.

Segunda página – Eram publicados textos e notícias de vários tipos.

Terceira página – Textos diversos.

¹⁰ Ver anexo 2.

Quarta página – Essa página costumava apresentar avisos gerais de festas e reuniões, o quadro de assinaturas do jornal, propagandas de outros jornais como “Terra Livre”, prestação de contas de festas realizadas e informações sobre a biblioteca do *La Battaglia* ou de outros jornais. Outras seções comuns nessa página eram a “*Piccola Posta*”, que trazia notícias e opiniões vindas de outras cidades do Brasil ou do exterior e “*Dall’Interno dello Stato*”, que mostrava notas de acontecimentos ou avisos do interior. Com o tempo, essa seção foi mudando de nome, passou a se chamar “*Corrispondeze dall’interno*”, depois “*Corrispondenze*”, publicando também notícias do litoral e depois “*Vita Moderna*”, com notas em italiano e às vezes em português. Ao final da quarta página muitas vezes era publicado um capítulo de um romance de Gigi Damiani.

Normalmente na terceira ou na quarta página, o periódico publicava uma ou duas colunas em português. Existia ainda uma seção chamada “Carta do Rio”, sem localização fixa e escrita em português, que usualmente fazia uma crítica ou um comentário à imprensa. As cartas de leitores eram publicadas na segunda ou na terceira página.

Não era comum o uso de gravuras e charges no jornal, poucas foram encontradas. Muitas vezes no final das páginas havia a inscrição “*Amici e compagni diffondete La Battaglia*”, uma forma de fazer propaganda do periódico.

Como o *La Battaglia* era o maior jornal operário paulistano, recebia muitas denúncias para serem publicadas e pedidos de auxílio de outros periódicos (ROMANI, 2002). Durante um longo período *La Battaglia* foi o único jornal do país que fazia denúncias quanto à brutalidade dos fazendeiros no interior do Estado de São Paulo. O periódico realizava entrevistas com trabalhadores italianos, espanhóis e portugueses que viviam como escravos e fazia denúncias diretas, falando da longa jornada de trabalho de até 15 horas ao dia, do pequeno salário e dos maus-tratos que os trabalhadores sofriam (RODRIGUES, 1984).

Uma denúncia muito importante que o jornal divulgou foi a que falava da manipulação das eleições pelo governo, realizada em 1911 em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde houve fraude (MAGNANI, 1982).

Inicialmente, a preocupação dos membros do jornal era garantir a sua sobrevivência e para isso eles realizavam propagandas e festas libertárias a fim de arrecadar assinaturas. Colonos ajudavam a vender assinaturas e a difundir as matérias publicadas no jornal (ROMANI, 2002).

Segundo Biondi (1998, p.118), o semanário referido, apesar de assumir uma posição anti-organizacionista, isto é, era contra as greves, sempre atuou nesses movimentos em São Paulo ajudando os líderes sindicais. Quanto a isso, Magnani (1982) explica que o *La Battaglia* colaborou com os grevistas, publicando notícias por todo o Estado e chamando os operários para aderirem à greve.

Em suas páginas, o *La Battaglia* criticava as condições de vida e de trabalho das classes mais desfavorecidas, que viviam tanto no campo quanto na cidade, e fazia uma campanha contra a imigração para o Brasil, avisando os camponeses que o aumento da mão-de-obra nas fazendas de café fazia diminuir o “poder de barganha na contratação de todos os trabalhadores” (BIONDI, 1998, p. 118).

Em 1906, Oreste Ristori e o grupo *La Battaglia* lançaram uma grande campanha contra a imigração, publicando várias notícias e distribuindo panfletos. A campanha atingiu o Brasil e a Europa, alguns italianos começaram a retornar para a Itália e os fazendeiros preocupados com a situação, tentavam se defender. Nesse momento, o grupo do jornal percebeu que ganhou muitos companheiros, além de muitos inimigos, e que estava sendo perseguido pela polícia. Porém, como eles viviam no Brasil há mais de 2 anos, pela lei, não podiam ser expulsos do país (ROMANI, 2002).

Os colaboradores que escreviam no periódico analisavam e criticavam a sociedade, a economia e as instituições brasileiras com o intuito de fazer com que os imigrantes desistissem de vir para o Brasil (BIONDI, 1998).

Entre 1905 e 1907, no meio operário, segundo Romani (2002, p. 169), o jornal “começou a perder espaço pra os grupos anarquistas que defendiam a organização sindical e a atuação dos militantes dentro dos sindicatos”.

Cansado da luta, Ristori deixou o *La Battaglia* em 1912 e Gigi Damiani assumiu a direção. De 8 de setembro de 1912 a 8 de março de 1913, o jornal *La Battaglia* foi substituído

pelo *La Barricata*, ainda sob a direção de Gigi Damiani e Alessandro Cerchai. Depois desse período, ele passou a se chamar *La Barricata – Germinal*, sendo escrito em italiano e em português e sobreviveu até agosto de 1913 (RODRIGUES, 1984).

2.4. As cartas no periódico *La Battaglia*

2.4.1. O gênero textual: carta do leitor

Muitos trabalhos foram feitos sobre os gêneros textuais e várias concepções foram adotadas a respeito deles.

Marcuschi (2002, p.22-23- grifos do autor) explica a diferença que existe entre *tipo textual* e *gênero textual*, dizendo que o primeiro possui uma “construção teórica definida pela *natureza lingüística* de sua composição”, como: narração, descrição, dentre outras e o segundo como “*textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição própria”.

O autor (op. cit.) fala ainda das características dos gêneros:

[...] os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas (MARCUSCHI, 2002, p.20).

Existe uma grande heterogeneidade dos gêneros do discurso orais e escritos e pode-se dividi-los em gêneros primários ou simples (cartas, determinados tipos de diálogo oral, entre outros) e gêneros secundários ou complexos (dramas, romances, gêneros publicitários, etc.) (BAKHTIN, 2003).

Para Andrade (2006, p. 551), “o gênero discursivo carta permite uma variedade de tipos de comunicação: pedido, agradecimento, conselho, congratulações, desculpas, informações, notícias familiares, reclamações, intimação, entre outras”.

Do seu amplo uso no mundo clássico, podemos ver como a carta, uma vez criada para mediar a distância entre dois indivíduos, fornece um espaço transacional aberto, que pode ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes. As relações e transações em curso são mostradas para o leitor e o escritor diretamente através das saudações, das assinaturas e dos conteúdos da carta (BAZERMAN, 2005, p.87-88).

A carta do leitor é “um gênero da imprensa escrito pelos leitores e caracterizado por uma assimilação do gênero primário carta (familiar ou formal) no contexto da enunciação do jornal ou da revista” (CHAVES, 2003, p. 48).

“Enquanto gênero jornalístico, carta é a manifestação opinativa, reivindicatória, cultural ou emocional do leitor” (CHAPARRO, 1992, p. 63). Para Beltrão (1980), a carta do leitor, que ele chama de carta ao editor, é a maior colaboração do leitor para com o jornal.

“Nas cartas, os leitores defendem idéias, doutrinas, crenças, ou seja, posicionam-se publicamente como sujeitos. A carta do leitor constituiu-se, assim, num espaço privilegiado do diálogo entre discursos distintos” (MELO, 1999, p. 19).

Segundo Chaves (2003, p. 92-93), é apropriado usar o termo “peritexto” para designar “os elementos que circundam diretamente o texto jornalístico”, sendo que, na carta do leitor, ela nomeia como “peritextos” “o título, o intertítulo (opcional), assinatura, local/ endereço eletrônico, ilustração (opcional)”, elementos importantes que preorganizam a informação e facilitam no reconhecimento da carta, assegurando em parte a estabilidade do gênero.

Ainda sobre o reconhecimento:

[...] o reconhecimento e a compreensão da carta do leitor são facilitados pela situação de comunicação implicada na concepção desse gênero: os temas, os propósitos comunicativos, o estatuto do locutor (público-leitor), do destinatário (o jornal, a instituição, o governo, o homem público, os leitores em geral) e o suporte de veiculação (seção fixa do jornal) (CHAVES, 2003, p.78).

A carta do leitor possui uma heterogeneidade composicional, isto é, uma heterogeneidade tipológica, podendo ser dividida em seqüências descritiva, narrativa, expositiva, argumentativa e dialogal, sendo que a mais comum nesse gênero é a finalidade pragmática argumentativa (CHAVES, 2003).

Sobre a questão da argumentação, tem-se a citação de Mosca (1990, p.280):

De fato, argumentar é tarefa do sujeito da enunciação que projeta em seu discurso os valores por ele assumidos, servindo-se dos mais variados recursos discursivos. Conforme se pode depreender, a argumentação é resultado da interação de vários elementos discursivos, que provocam efeitos distintos. Uma vez que adjetivar é assumir valores, trata-se de um procedimento lingüístico privilegiado no desempenho desta tarefa.

A partir do momento em que a carta é inserida no jornal, ela passa a representar um gênero jornalístico e, muitas vezes, sofre modificações para ser publicada, como mudanças no tamanho, no conteúdo, dentre outras. Antes de ser publicada, é comum a carta passar por uma seleção feita pelo editor, que possui algumas regras para realizar a escolha (CHAVES, 2003).

A carta do leitor é um gênero diferente dos outros do jornalismo, como por exemplo a entrevista, o artigo, a reportagem. Existe “uma diferença quanto a posição enunciativa do locutor”; os outros gêneros jornalísticos são escritos por profissionais da área, mas este é escrito pelos leitores do jornal. O estilo das cartas do leitor é principalmente subjetivo e a estrutura do texto na maioria das vezes é muito simples. “A seção do jornal ou da revista onde figuram as cartas enviadas pelos leitores é o espaço do leitor, agora leitor-autor” (CHAVES, 2003, p. 79-80).

Quanto à subjetividade, Petroni (2002, p. 201) afirma que:

A subjetividade é elemento inerente à produção de qualquer texto, já que essa operação é sempre realizada por um locutor, isto é, por um sujeito que trabalha com a língua para produzir linguagem ou discurso. Entretanto, essa subjetividade pode ser mais explícita ou mais camuflada, conforme os objetivos de quem escreve e também do gênero no qual escreve.

Ainda sobre a subjetividade tem-se a opinião de Chaves (2003, p. 80):

Para o leitor-autor, o que motiva e justifica por assim dizer o emprego de um estilo predominantemente subjetivo é o desejo de manifestar uma opinião veemente a favor ou contra o objeto da carta, variando do uso do pronome pessoal de primeira pessoa ao emprego de termos avaliativos de forte conotação semântica.

Quanto ao leitor-autor¹¹, deve-se dizer que ele está em “uma situação de linguagem própria, interna, particular dele neste momento específico”, porém, ao mesmo tempo, ocorrem “instâncias diferentes” que exercem influência e diferenciam a “situação de ação de linguagem

¹¹ Adotamos o termo leitor-autor conforme Chaves (2003).

externa ao leitor”, como por exemplo, a comunidade na qual o leitor vive. Além disso, a experiência vivida pelo leitor-autor, terá muita influência sobre o texto que será produzido por ele (POMPÍLIO, 2002, p. 38).

Algumas vezes o receptor responde ao produtor, isto é, o leitor-autor da carta torna-se interlocutor quando responde às cartas ou, ainda, o próprio jornal pode ser o interlocutor quando, através de um jornalista, responde às cartas (POMPÍLIO, 2002, p. 40).

As cartas do leitor do século XIX estavam relacionadas a assuntos da sociedade do período ou a questões pessoais. Sendo assim, o leitor manifestava críticas, opiniões, fazia reclamações ou pedidos pessoais (ANDRADE, 2006).

No Brasil, a partir de 1930, começaram a aparecer as cartas de leitor nos jornais e, nos dias de hoje, é possível perceber um grande crescimento na publicação delas em diversos veículos, tanto da mídia impressa quanto da eletrônica (POMPÍLIO, 2002, p. 38).

Atualmente, as cartas do leitor são publicadas em seções fixas de jornais ou revistas e normalmente os leitores comentam notícias ou reportagens de âmbito nacional ou fazem solicitações (ANDRADE, 2006).

2.4.2. A autenticidade das cartas

Primeiramente, é importante ressaltar que não é relevante para o presente trabalho discutir a autenticidade das cartas, pois não se pode provar se a assinatura do leitor é real, se foi um jornalista que escreveu ou alguém que criou um personagem, com o objetivo de usar o espaço para resolver alguma questão. Contudo, é interessante dizer que Petrone (1987) explica que um historiador ou pesquisador deve estar atento ao analisar documentos como cartas e relatórios que trazem uma ideologia sobre o processo de imigração.

Os documentos, os relatórios e as cartas “revelavam ou uma postura francamente desfavorável ao analisar as condições de vida e de trabalho na fazenda de café paulista ou um enaltecimento das oportunidades de mobilidade vertical”, isso porque algumas pessoas estavam “a serviço de interesses específicos”. Havia aqueles que queriam atrair os imigrantes para

trabalhar nas fazendas e havia outros que eram contra a imigração, pois achavam que os imigrantes estavam sendo explorados. Pode-se dizer então que muitos estavam ligados ao serviço de imigração em São Paulo e outros tinham relações com o serviço de emigração da Itália (PETRONE, 1987, p. 117).

Algumas pessoas escreviam generalizando as condições de trabalho, o que muitas vezes eram características somente de algumas regiões ou de determinado período. Havia também alguns italianos que escreviam aspectos positivos porque não podiam assumir os seus fracassos para seus conterrâneos e familiares (PETRONE, 1987).

Sendo assim, com estas observações, pretende-se somente dizer que existe a possibilidade de as histórias ou os autores das cartas não serem reais, mas o que é relevante para a pesquisa é o estudo da adjetivação.

Sobre a importância das cartas de leitores emigrantes é interessante este comentário:

O que deveríamos levar em conta não é se as missivas eram ou não fontes fidedignas, mas sim que são documentos que, como os demais, devem ser tratados criticamente e que, em geral, acusam um alto grau de “veracidade subjetiva”, isto é, descrevem experiências individuais que estão ligadas à personalidade do escritor da carta, do seu grau de escolarização, do seu nível social e da vivência que teve no seu novo hábitat (ALVES, 2003, p. 164).

2.4.3. Descrição das cartas

Quando se realizou a pesquisa nos exemplares do *La Battaglia* pôde-se perceber que poucas cartas foram publicadas e em alguns períodos não se encontrou nenhuma.

Verificou-se que as cartas eram curtas, normalmente foram publicadas na segunda ou na terceira página, não possuíam destaque e não existia uma seção fixa para elas que, na maioria das vezes, surgiam no meio das notícias. Algumas delas não possuíam títulos e esses, quando existiam, às vezes vinham em destaque ou no início das cartas o jornal escrevia: “*Riceviamo e per debito d’imparzialità pubblichiamo*” ou “*Riceviamo e pubblichiamo*”.

Como as cartas encontravam-se no meio dos outros textos, sem destaque, os elementos peritextuais ajudaram na indicação, apesar de que algumas não possuíam alguns desses elementos. Quando existiam elementos peritextuais, os mais comuns encontrados foram: título, assinatura e local (cidade). Muitas cartas, porém, não possuem título, a maioria não tem a

localidade e algumas são anônimas. Não é possível saber se os títulos são dados pelo leitor-autor ou pelo editor.

Abaixo de algumas cartas o redator do jornal escrevia uma nota, dando uma explicação.

Interessante notar que em uma época em que poucos imigrantes italianos eram alfabetizados, que muitos ainda usavam o dialeto, as cartas eram bem escritas. Deve-se dizer que no final do século XIX na Itália, a maior parte da população ainda falava o dialeto e existiam muitas dificuldades de comunicação entre os habitantes das regiões. Além disso, em 1871, a média nacional de analfabetos era de 69%, em 1881, 62%, após quarenta anos e em 1911, era de 38% (CROCI, 2006). Sendo assim, era também muito difícil encontrar imigrantes que soubessem ler e escrever em italiano, mas entre o público leitor do *La Battaglia* existiam intelectuais e mesmo trabalhadores que dominavam o exercício da escrita.

Quanto ao estilo, as cartas são marcadas pela subjetividade, a maior parte delas foi escrita na primeira pessoa e foram encontrados termos avaliativos e alguns pejorativos, algumas palavras da língua portuguesa e termos de uso informal.

Como o jornal praticamente não possuía recursos gráficos, nenhuma das cartas encontradas veio acompanhada de ilustração.

Algumas cartas são reações diretas a uma notícia ou a um artigo do jornal, outras são respostas a leitores, outras solicitam ajuda, mas a maior parte é de reclamação, são textos repletos de revolta, indignação e tristeza, que fazem críticas diretas a pessoas, uma forma de protesto. Sendo assim, pode-se perceber que, conforme Melo (1999) explica, as cartas de leitores são espaços para diálogos, como as encontradas no *La Battaglia*, que mostram diálogos com fatos, notícias, colaboradores do jornal, autoridades ou com outros leitores.

Como existem diálogos com textos publicados, pode-se mencionar então que algumas vezes ocorria intertextualidade, sendo que o leitor-autor comentava outro texto escrito no periódico.

Quanto ao papel do editor nas cartas dos leitores no jornal *La Battaglia*, não foi possível avaliar se elas sofriam cortes, correções ou alterações e também não parece que existia uma seleção anterior, pois poucas cartas eram publicadas e os temas tratados não estavam

relacionados exatamente ao momento ou às notícias publicadas ao redor da carta. Analisando criticamente, deve-se dizer que não foi encontrada nenhuma carta que elogiava a imigração e o trabalho nas fazendas, lembrando que o periódico era contra a imigração. Em contra-posição, foram encontradas cartas de leitores que não eram anarquistas, sendo assim é difícil dizer se existia algum tipo de censura.

O trabalho do editor pode ser percebido no acréscimo de inscrições como “*Riceviamo e pubblichiamo*”, de notas explicativas ao final das cartas, na formatação dos textos, na utilização recursos como “itálico”, “negrito”, no ajuste da posição das cartas, entre outros.

Nas cartas o uso da língua italiana é extremamente importante, pois os imigrantes que escreviam queriam reivindicar, protestar, dar opiniões, solicitar algo, entre outras coisas. Comunicando-se através do próprio idioma, eles puderam mostrar seus sentimentos em relação aos fatos que estavam acontecendo e, dessa forma, tornavam-se leitores ativos.

Os temas mais freqüentes nas cartas eram as condições de trabalho no campo ou na cidade, discussões sobre anarquismo, pedidos de ajuda, entre outros. É importante ressaltar que os temas mostravam qual era o perfil do público leitor do jornal: imigrantes italianos, na maioria das vezes anarquistas, de classe social mais baixa e do sexo masculino.

3. Adjetivação

Neste capítulo, mostraremos as teorias sobre as funções, a classificação, a formação do gênero e do número, a posição, o grau, o processo de formação dos adjetivos e os efeitos de objetividade e a subjetividade que eles produzem.

3.1. O adjetivo

Segundo (MOSCA, 1990, p. 8):

O termo adjetivo (correspondente ao grego *epitheton*) significa “o que se junta a” e foi, ele próprio, um adjetivo na expressão nomen adjectivum, substantivando-se a seguir quando passou a ser usado só, sem a palavra determinada. (grifos da autora)

“É a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado” (BECHARA, 2002, p. 142, grifo do autor).

A “caracterização” pode ser realizada por muitos “elementos do discurso”, porém, cabe em especial ao adjetivo realizar essa função. O uso do adjetivo produz uma maior riqueza para o significado global do texto e “em sua função predicativa ou atributiva”, ao determinar ou atribuir uma qualidade, “própria ou não do ente a que se refere”, o adjetivo demonstra a posição do falante diante do que vê, isto é, o ponto de vista com relação às coisas e às situações. (MOSCA, 1990, p. 308).

O adjetivo por se referir a uma qualidade ou atributo, tem a tendência “para a expressão abstrata” (MOSCA, 1990, p. 236).

Quanto à qualidade a autora explica:

Na verdade, toda qualidade é uma *abstração* que só pode estar em um ser, depender de um ser ou de uma atividade. Esta subordinação semântica à substância deve-se ao fato de o adjetivo ser funcionalmente um termo adjunto ao substantivo, excetuando-se os casos em que o adjetivo funciona sem aplicação a um substantivo, podendo ele próprio vir substantivado (MOSCA, 1990, p. 19).

A polaridade é outra importante característica da qualidade adjetival, que é a “distribuição das qualidades em pólos opostos (quente/frio, claro/escuro, pequeno/grande, áspero/liso etc)” (MOSCA, 1990, p. 20).

3.1.1. Funções dos adjetivos

Os adjetivos possuem duas funções (SENSINI, 2007):

- atributiva – quando o adjetivo pertence ao grupo do nome e existe uma ligação direta entre o adjetivo e o nome.

Exemplo: *Il treno veloce è partito.*

- predicativa – quando o adjetivo pertence ao grupo do verbo e existe uma ligação entre o adjetivo e o nome através de uma voz do verbo “*essere*” com função copulativa ou de um verbo usado como copulativo.

Exemplos: *Il treno è veloce. / Anna sembrava triste.*

3.1.2. Classificação dos adjetivos

Os adjetivos se dividem em dois grupos:

- Qualificativos – dão ao nome uma qualidade (SERIANNI, 2006).

Exemplos: *un fiore giallo, un ragazzo intelligente.*

- Determinativos ou indicativos - determinam a origem, o número, a posição no espaço ou podem ter valor pronominal (SERIANNI, 2006).

Exemplos: numeral (*uno, terzo*) / demonstrativo (*questo*) / possessivo (*mio, nostro*) / indefinido (*nessuno, alcuna*) / exclamativo (*quale*).

Existe uma importante diferença entre os adjetivos qualificativos e os determinativos, o primeiro grupo constitui uma lista aberta, isto é, são ilimitados, podendo enriquecer o léxico, já o segundo grupo constitui uma lista fechada, o número de adjetivos indicativos é limitado (SERIANNI, 2006).

3.1.3. Adjetivos relacionais

Dentro da categoria dos adjetivos qualificativos encontram-se os relacionais, que possuem a propriedade de mostrar uma relação estável com o nome do qual derivam (Exemplos: *nazionale, turistico*). Além disso, os sufixos mais comuns para formação de adjetivos relacionais são: *-ale, -ico, -ista e -istico, -ano e -oso*, sendo que, a maioria deles não possui um único significado (SERIANNI, 2006).

Os adjetivos de relação possuem algumas características que os outros qualificativos não possuem (TRIFONE; PALERMO 2002):

- não podem ser colocados na frase antepostos ao nome;
- não admitem comparativo e superlativo;
- não podem ser usados em função predicativa.

3.1.4. Formação do gênero e do número dos adjetivos qualificativos

Os adjetivos variam em gênero e número.

Segundo Trifone e Palermo (2002) os adjetivos simples podem variar:

Com quatro desinências:

Exemplos:

	Singular	Plural
Masculino	amaro	amari
Feminino	amara	amare

Com três desinências:

	Singular	Plural
Masculino	egoista	egoisti
Feminino	egoista	egoiste

Com duas desinências:

	Singular	Plural
Masculino	intelligente	intelligenti
Feminino	intelligente	intelligenti

Existem ainda adjetivos invariáveis como *pari*, *impari*, *dispari*, *arrosto*, os que indicam cor como *lilla*, *rosa*, entre outros.

3.1.5. Posição dos adjetivos qualificativos

A posição do adjetivo na frase muitas vezes é uma escolha de quem escreve, quanto a isso Camargo (1999, p. 65) explica:

A intencionalidade, de natureza psicológica, é subjetiva, isto é, depende da escolha que o indivíduo faz, valorizando os elementos sintáticos e distribuindo-os na oração, segundo a importância e o significado que esses elementos têm para ela.

O adjetivo qualificativo pode vir antes do nome exercendo uma função descritiva ou depois do nome exercendo uma função restritiva (SERIANNI, 2006; TRIFONE; PALERMO, 2002).

- Adjetivo anteposto ao nome:

Exemplo: *Il bravo studente.*

- Posposto ao nome:

Exemplo: *La casa grande.*

Para Serianni (2006, p. 200, 204) quando o adjetivo qualificativo é anteposto ao nome, normalmente indica uma maior subjetividade, mostra ênfase emotiva ou uma preocupação estilística.

Além disso, os adjetivos antepostos possuem duas características:

a) não podem ser substantivados.

b) normalmente exprimem um conteúdo semântico símile àquele dos sufixos aumentativos e diminutivos: Exemplo: *una piccola casa → una casetta.*

Alguns adjetivos possuem a tendência de serem usados antepostos ao nome (SENSINI, 2007):

- quando o adjetivo tem função de epíteto:

Exemplo: *il povero ragazzo*

- quando o adjetivo tem função exornativa:

Exemplo: *un grande amore*

Alguns adjetivos são usados exclusivamente ou preferivelmente pospostos ao nome (SENSINI, 2007):

- quando exprimem nacionalidade ou pertencem a uma categoria:

Exemplos: *un bambino brasiliano, un uomo anarchico.*

- quando indicam matéria, forma, cor:

Exemplos: *un vestito verde, un tavolo rotondo.*

- quando indicam lugar ou posição:

Exemplo: *il lato sinistro della macchina.*

- quando indicam característica material ou física:

Exemplo: *una gonna sportiva.*

- quando derivam de participípios (presente ou passado):

Exemplo: *un anello brillante (participípio presente).*

- quando são relacionais:

Exemplo: *la situazione economica*

- os adjetivos alterados:

Exemplo: *un bambino bellino*

- os adjetivos seguidos de complemento:

Exemplo: *un uomo privo di mezzi*

- os adjetivos modificados por um advérbio:

Exemplo: *una storia molto divertente.*

Pode ocorrer o uso de mais de um adjetivo qualificativo que se refere ao nome. E explica-se do seguinte modo: (SENSINI, 2007)

- quando são antepostos ao nome, exprimem um caráter genérico ou mostram uma função ornamental:

Exemplo: *un confuso e noioso discorso*

- quando são pospostos ao nome, exprimem caracterização e têm valor de determinante:

Exemplo: *una bandiera verde e rossa*

- sendo usado um adjetivo anteposto e um posposto ao nome, o primeiro exprime um caráter genérico e o segundo um caráter específico:

Exemplo: *una tipica canzone brasiliiana*

Alguns adjetivos sofrem mudança de significado segundo a posição que ocupam:

Exemplos: 1. *Un povero bambino.* (sem sorte, infeliz) / *Un bambino povero.* (contrário de rico). 2. *Lui è un uomo bravo.* (hábil) / *Lui è un brav'uomo.* (honesto)

3.1.6. Adjetivos substantivados

Alguns adjetivos são usados isoladamente e recebem a função de um nome abstrato (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980, p. 162). Um adjetivo é substantivado “quando a relação semântica entre a função normal atributiva e o uso do adjetivo é ainda bem vivo, transparente e motivado”. (SERIANNI, 2006, p. 206, tradução nossa)

Exemplos: *il bello, l'onesto.*

É muito comum o uso do adjetivo substantivado no plural e ele pode ser qualificado por um adjetivo (BATTAGLIA; PERNCIONE, 1980):

Exemplo: *I poveri (substantivo) ingenui (adjetivo) non hanno capito niente.*

Outros usos do adjetivo substantivado também são recorrentes (SERIANNI, 2006, p. 208):

- no plural indicando nome de povos: *gli italiani, i pugliesi.*

- designando uma língua ou dialeto quando usado no masculino singular e com artigo definido: *l'italiano*.

- como adjetivo étnico substantivado no singular designando estrangeiros hostis, por exemplo, usar “*il tedesco*”, no sentido de inimigo em uma frase ou um tipo étnico em uma linguagem coloquial “*il napoletano parla con le mani*”.

3.1.7. Os adjetivos como particípio

Conforme Battaglia e Pernicone (1980), muitas vezes o particípio presente e o particípio passado recebem a função de adjetivo.

O particípio presente, além de indicar ação, pode demonstrar qualidade como em “*Le avventure dei cavalieri erranti*” (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980, p. 164).

O particípio passado exprime a “ação do verbo como uma condição, um modo ou uma qualidade” (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980, p. 165, tradução nossa).

Exemplos: *scelto* particípio passado de *scegliere* – *Vocaboli scelti*. (como adjetivo).

3.1.8. O adjetivo com função adverbial

O adjetivo qualificativo no masculino singular pode se referir a um verbo, assumindo um valor adverbial (SENSINI, 2007).

Exemplo: *Il professore parla chiaro*.

3.1.9. O grau dos adjetivos qualificativos

Quanto à gradação, o adjetivo na forma simples é chamado de positivo e este valor pode ser reforçado ou diminuído. Dessa forma, têm-se os graus “comparativo” e o “superlativo” (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980).

Seguindo a análise de Trifone e Palermo (2002):

Grau comparativo – quando existe uma comparação entre dois ou mais termos, esse grau é dividido em:

- superioridade – em italiano para expressar superioridade se usa *più ... che* ou *più ... di*.

Exemplos: *Il cane è più leale del gatto.* / *Quella ragazza è più intelligente che bella.*

- igualdade – para se construir uma igualdade usa-se *tanto ... quanto* ou *così ... come*.

Exemplos: *Anna è tanto studiosa quanto Maria.* / *Anna è così studiosa come Maria.*

- inferioridade – o comparativo de inferioridade é formado por *meno ... di* ou *meno ... che*.

Exemplos: *Andrea è meno simpatico di Giovanni.* / *I bambini erano meno affamati che stanchi.*

Grau superlativo – mostra uma qualidade em grau máximo ou muito elevado. É dividido em:

- relativo – é usado *più* ou *meno* antes do adjetivo, para realizar a mudança quantitativa do adjetivo.

Exemplo: *Questo è stato il giorno più caldo dell'anno.*

- absoluto – acrescenta-se ao adjetivo os sufixos *–issimo* ou *–errimo*:

Exemplos: *Marco è bellissimo.* / *Lui é un uomo integerrimo.*

Segundo Trifone e Palermo (2002) o superlativo pode ser formado também:

a) usando um advérbio de quantidade antes do adjetivo: Exemplo: *Lei è molto bella.*;

b) aplicando um advérbio intensivo antes do adjetivo: Exemplo: *Marco è davvero ricco.*;

c) repetindo o adjetivo duas vezes: Exemplo: *La mia casa è piccola piccola.*;

d) reforçando o adjetivo usando *tutto*: Exemplo: Sono tutto stanco;

e) adicionando prefixos como *arci-*, *extra-*, *iper-*, *entre outros*: Exemplo: *Questo vestito è supermoderno*.

Existem adjetivos que formam os graus comparativos e superlativos de forma diferente, são chamados de sintéticos ou orgânicos. Como por exemplo, *buono*, *cattivo*, *grande*, *piccolo* e *molto*. (SERIANNI, 2006, p. 217):

Exemplo (SERIANNI, 2006, p. 217):

Positivo – *buono*

Comparativo de superioridade - *migliore / più buono*

Superlativo relativo – *il migliore / il più buono*

Superlativo absoluto – *ottimo / buonissimo*

Como nos mostra Sensini (2007, p. 151), o comparativo e o superlativo não podem ser formados por adjetivos qualificativos:

- que indicam uma característica precisa, “uma medida de tempo, uma forma geométrica, uma composição material” (SENSINI, 2007, p. 151, tradução nossa):

Exemplos: *un orologio quadrato*, *una rivista mensile*.

- que indicam “nacionalidade, proveniência regional ou crença religiosa” (SENSINI, 2007, p. 151, tradução nossa):

Exemplos: *francese*, *napolitano*, *cattolico*.

- que já possuem “um grau positivo, um significado superlativo” (SENSINI, 2007, p. 151, tradução nossa):

Exemplos: *straordinario*, *meraviglioso*.

- alterados:

Exemplos: *piccolino*, *poveretto*.

3.2. Formação dos adjetivos

Thornton (1992, p. 3, tradução nossa) explica que morfologia é:

“palavra formada por dois elementos gregos: *morfo-* de *morphé*, que significa “forma” e – *logia* que significa “estudo”, é o ramo da lingüística que estuda a formação de palavras e a modificação da forma que as palavras podem apresentar”.

Como por exemplo, a morfologia estuda as relações que a palavra *felice* tem com *infelice* e *felicemente*.

A morfologia é dividida em “flexiva”, cujo estudo versa sobre a formação através da flexão e a “lexical”, que estuda a formação de lexemas derivados e compostos. O estudo dos processos de formação de derivados é chamado de “morfologia derivacional” e à união dos processos de derivação e composição dá-se o nome de “formação de palavras” (THORNTON, 1992, p. 4).

As palavras se subdividem em simples, derivadas e compostas, sendo que as primeiras não derivam de nenhuma outra palavra e não podem ser analisadas morfologicamente. Como exemplo de palavras simples têm-se *sempre* e *tè*.

É importante ressaltar que o léxico de uma língua se enriquece com empréstimos de vocábulos estrangeiros e através da formação de palavras.

Segundo Dardano (1995) a formação de palavras é um complexo de transformações pelo qual se pode passar palavras base a sufixadas, prefixadas e compostas, sendo que os principais processos envolvidos para formar palavras são:

- Derivação – É o processo responsável pela formação de novas palavras através da união de afixos à palavra base (TRIFONE; PALERMO, 2002). Exemplos: *Italia* + *-ano* = *italiano*, *in-* + *giusta* = *ingiusta*.

Os afixos são diferentes das palavras, pois eles são formas ligadas ou dependentes (*in-*, *-ista*, *-mente*, *-ità*) e exprimem uma relação entre duas categorias lexicais; as palavras, ao contrário, são formas livres (*felice*, *utile*, *veloce*) e pertencem a uma certa categoria sintática. (Cardinaletti, 1995, p. 473)

- Composição – É o processo de formação de palavras que une duas ou mais palavras livres (TRIFONE; PALERMO, 2002). Exemplos: *capo* + *stazione* = *capostazione*, *alto* + *piano* = *altopiano*

A derivação pode ser dividida em dois mecanismos: prefixação e sufixação. Cardinaletti (1995) menciona os três aspectos principais usados para diferenciar esses mecanismos:

- A prefixação consiste em anexar um afixo à esquerda da base, não ocorre mudança de classe gramatical e nem mudança de posição de acento.

Exemplos: *in-* + *felice* = *infelice*, *s-* + *fortunato* = *sfortunato*

- Já a sufixação consiste em anexar um afixo à direita da base, na maioria dos casos ela produz a mudança de categorias de palavras (de um verbo a um adjetivo, de um adjetivo a um substantivo, entre outras) e normalmente ocorre mudança na posição do acento da palavra de base.

Exemplos: *dovere* + *-oso* = *doveroso*, *natura* + *-ale* = *naturale*

A sufixação existe também dentro de uma mesma categoria (de um adjetivo para um adjetivo, de um verbo para um verbo, de um substantivo para um substantivo ou de um advérbio para um advérbio). – (Exemplos: *bene* + *ino* = *benino* sendo advérbio→ advérbio, *foglio* + *etto* = *foglietto* sendo nome→ nome)

Thornton (1992, p. 16-17) ainda faz referência a alguns casos especiais da derivação:

1) sufixação zero – é um procedimento da derivação que têm características comuns à sufixação, mas não se vê o sufixo na palavra derivada (Exemplo: *allungo* de *allungare*);

2) conversão – é um “processo análogo à sufixação zero”, sendo que “uma palavra pode mudar parte do discurso sem sofrer nenhuma modificação de forma” (Exemplo: na frase “*Lo scrivere è faticoso*” o verbo é usado como substantivo);

3) alteração - causa alteração da palavra, transformando-a, por exemplo, em diminutivo ou aumentativo, mas não ocorre mudança de classe gramatical (Exemplos: *povero*→*poverello*, *bello*→*bellino*) .

Thornton acrescenta ainda que a sufixação é o mecanismo mais usado para a formação de palavras derivadas em italiano.

Existem também palavras formadas por prefixo e sufixo ao mesmo tempo, elas são chamadas de parassintéticas (SENSINI, 2007, p. 571).

Exemplo: *in-* + *-brutt(i)-* + *-ment* + *-o* = *imbruttimento*

3.2.1. Adjetivos alterados

“Os adjetivos qualificativos podem, mediante alguns sufixos especiais, modificar-se de modo a exprimir nuances das qualidades das quais são portadores” (SENSINI, 2007, p.142, tradução nossa).

Os sufixos alterados mais comuns usados nos adjetivos são (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980; SENSINI, 2007):

- diminutivos – *-ino*, *-etto*, *-ello*, *-erello*, *-otto*;

- afetivos - *-uccio*, *-etto*, *-ello*, *-otto*;

- aumentativos – *-one*, *-acchione*;

- pejorativos – *-accio*, *-astro*, *-azzo*, *-iccio*, *-ognolo*;

- “attenuativi”¹² -*astro*, -*iccio*, -*occio*, -*ognolo*.

3.2.2. Adjetivos compostos

Os adjetivos compostos por dois adjetivos podem ter duas combinações (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980, p. 177):

- Dois adjetivos unidos para formar uma dupla qualidade: *sordomuto*, *sacrosanto*.
- Dois adjetivos separados por um traço: *storico-critico*, *fisico-chimico*.

O plural dos adjetivos compostos por dois adjetivos é feito flexionando somente a vogal final do segundo elemento (SERIANNI, 2006, p. 197). Exemplos: *italo-tedesco* – *italo-tedeschi*.

Os adjetivos compostos também podem ser formados pela união com nome, como por exemplo “*cassaforte*” ou com advérbio como “*sempreverde*” (SENSINI, 2007, p. 573).

3.3. Os adjetivos objetivos e subjetivos

Maingueneau (2001, p. 133) explica que os adjetivos qualificativos possuem grande importância para a análise estilística, pois constituem “um lugar de inscrição privilegiada da subjetividade por causa de sua significação”.

Segundo alguns gramáticos os adjetivos podem ser divididos em (MAINGUENEAU, 2001, p. 133):

- objetivos – “descrevem o mundo”, isto é, mostram algo mais real, mais concreto. (Exemplos: *verde*, *quadrato*).

¹² Não foi encontrado um termo correspondente em português.

- subjetivos – “remetem a um julgamento de valor do sujeito enunciador”, isto é, a descrição é feita com base em valores, de forma menos real e mais subjetiva (Exemplos: *meraviglioso, deprimente*).

O adjetivo de caráter objetivo enuncia as qualidades que estão realmente no ser ou coisa, própria ou acidentalmente. Quando de caráter subjetivo enuncia qualidades que estão não só no ente em questão, mas sobretudo na imagem representativa que o sujeito formou desse ser (MOSCA, 1990, p. 129).

“Os efeitos da objetividade ou subjetividade” podem ser verificados também pela relação que os adjetivos possuem “com os termos que determinam”, isto é, pela posição que eles ocupam na frase, estando antepostos ou pospostos ao nome (TOLEDO, 2000, p. 43).

Quanto aos adjetivos subjetivos Maingueneau (2001) cita a classificação dada por Kerbrat-Orecchioni (1993, p.110):

- Adjetivos subjetivos afetivos: manifestam ao mesmo tempo “a uma propriedade do objeto que determinam”, uma emoção do “sujeito falante” perante o objeto” (MAINGUENEAU, 2001, p. 134) Como exemplos, podemos citar: *incredibile, orribile, tenebroso*. Muitas vezes um adjetivo afetivo é também axiológico.

Os adjetivos afetivos devem despertar “a comoção imediata mais que a apreensão intelectual” e seduzir o leitor (MOSCA, 1990, p. 287).

Para Toledo (2000, p. 41), a “linguagem afetiva é aquela que exprime sentimentos e emoções que o autor (locutor) sente ou que deseja provocar no leitor (interlocutor)”.

- Adjetivos avaliativos não-axiológicos: “supõem uma avaliação qualitativa ou quantitativa do objeto baseada numa dupla norma, interna ao objeto e específica do enunciador”. O autor explica que o uso “desse tipo de adjetivos depende da idéia que o enunciador faz da norma de avaliação adequada para uma determinada categoria de objetos” (MAINGUENEAU, 2001, p. 134-135). Exemplos: *libera, assoluta*.

- Subjetivos avaliativos axiológicos: “também implicam uma dupla norma, ligada ao objeto suporte da propriedade e ao enunciador” (MAINGUENEAU, 2001, p. 135). O autor ainda cita os adjetivos “*buono*” e “*bello*” que “variam com efeito, ao mesmo tempo em função do

objeto a que se aplica e do sistema de avaliação do enunciador” (MAINGUENEAU, 2001, p.135).

Para Mosca (1990, p.256) “Todos os adjetivos axiológicos são fortemente marcados do ponto de vista da subjetividade, embora esta possa ser variável em grau, de uma ocorrência a outra, às vezes dentro da mesma produção textual”.

Todo adjetivo pode axiologizar-se no discurso, todavia alguns possuem uma tendência maior para receber um valor. Como exemplo, a autora cita adjetivos que conforme a posição, antepostos ou pospostos ao nome, sofrem alteração de sentido como “simples” e “perfeito”, ela ressalta ainda que algumas vezes não existe exatamente uma alteração de sentido, mas sim de valor (MOSCA, 1990, p.299).

4. A adjetivação nas cartas do leitor – Análise do *corpus*

4.1. Metodologia

Neste capítulo apresentaremos as análises de 10 cartas de leitores do periódico anarquista *La Battaglia* (1904-1913).

Para a escolha do jornal consideramos que o *La Battaglia* foi o jornal anarquista escrito em língua italiana em São Paulo que teve o maior período de publicação, quase 10 anos, quase todos os seus exemplares podem ser encontrados em papel, microfilme ou microficha no AEL (Arquivo Edgard Leuenroth) na Universidade Estadual de Campinas e foi encontrado um número significativo de cartas de leitores para a realização da análise.

A escolha do gênero carta do leitor deve-se ao fato dele ter, sobretudo um caráter argumentativo, por ser rico em subjetividade e conseqüentemente por existir um grande uso da adjetivação.

A coleta de dados foi feita através de microfilmes, de cópias originais, conservados no arquivo citado acima. Primeiramente realizamos uma leitura global de todos os exemplares do jornal, em um segundo momento escolhemos o período de 1906 a 1912, por ter um maior número de cartas e, a partir disso passamos à seleção dentre as mais interessantes.

Quanto aos exemplares do *La Battaglia*, o Arquivo Edgard Leuenroth possui:

Número de exemplares (total)	845 ¹³
Em papel	51
Em microfilme	739

¹³ São 845, tendo em conta exemplares repetidos.

Em microficha	55
----------------------	----

Não foi possível quantificar o número de cartas de leitores publicadas de 1906 a 1912 porque faltam alguns exemplares e algumas páginas ou trechos do periódico estão apagados, ilegíveis. Inicialmente selecionamos 18 cartas, entretanto percebemos que algumas eram mais significativas pela temática e pelo uso da adjetivação. Dessa forma, fizemos um recorte, selecionando 10 cartas.

No *corpus* realizou-se:

1º - Análise geral das cartas – resumo, explicação sobre o título, o destinatário, uso da pessoa e forma de tratamento, tempos verbais e conclusão da carta;

2º - Identificação dos adjetivos e análise de sua formação, segundo os processos morfológico, sintático e semântico, descritos em tabelas segundo Pilla (1993, p.28);

3º - Estudo dos prefixos e sufixos;

4º - Identificação da função dos adjetivos e explicação sobre sua posição;

5º - Análise dos adjetivos objetivos e subjetivos, segundo a classificação de Kerbrat-Orecchioni (1980), mostrando os efeitos que os adjetivos geraram nas cartas.

Deve-se mencionar que fazem parte da análise somente os adjetivos qualificativos, incluindo os de relação. Desse grupo não foram analisados os adjetivos substantivados, pois segundo Maingueneau (2001, p. 138) eles “têm um comportamento especial em relação ao discurso citado” e os participípios presente e passado porque transitam muito entre três classes gramaticais, a maior parte deles indica ação, isto é, são verbos, alguns exercem a função de substantivo e algumas vezes exercem a função de adjetivo.

É importante citar que analisamos os adjetivos superlativos absolutos por serem formados por sufixação, no caso pelo sufixo *-íssimo* e porque são ricos em subjetividade, porém eles são

encontrados nas gramáticas consultadas, no capítulo sobre adjetivos e não no de formação de palavras.

Transcrevemos as cartas a fim de facilitar a leitura: estão em ordem de publicação praticamente não realizamos correções, somente fizemos a modificação de alguns acentos e as cópias dos microfilmes encontram-se em anexo. Alguns trechos estão ilegíveis e estão simbolizados por (...). Em cada carta grifamos os adjetivos para facilitar a visualização¹⁴.

4.2. Descrição das cartas analisadas¹⁵.

Carta	Título	Enunciador	Destinatário	Data da publicação	Objetivo	Temática
1	<i>Fine della polemica</i>	<i>Ignoto</i>	Equipe do <i>La Battaglia</i>	16/09/1906	Opinar sobre as teorias anárquicas	Anarquismo
2	Não tem	<i>Un Tale</i>	<i>Ignoto</i>	16/09/1906	Criticar <i>Ignoto</i> (outro leitor do jornal)	Defender os trabalhadores
3	<i>Un delitto giudiziario?</i>	Arrigo Tiengo	Oreste Ristori	28/07/1907	Defender-se e solicitar ajuda	A prisão de um trabalhador
4	Não tem	Carlo Abbriata, Badin Bernardo e Morando Arduino	Redator	13/01/1909	Defender uma sociedade de auxílio mútuo	Sociedade de auxílio mútuo
5	<i>Padroni canaglie</i>	Francesco Sacchi	Redator	14/02/1909	Criticar uma empresa e solicitar pagamento	Dívida entre patrão e empregado

¹⁴ As tabelas seguem a seguinte legenda: A – adjetivo, N – nome (substantivo) e V – verbo.

¹⁵ Tabela baseada em Pompílio (2002, p. 115).

6	<i>Sulla scomparsa della Idalina</i>	Michele Sfamato	Equipe do <i>La Battaglia</i>	Junho/1909	Elogiar o <i>La Battaglia</i> e pedir justiça	Desaparecimento de uma menina
7	Não tem	<i>Alcuni Operai</i>	Redator	03/10/1909	Criticar um leitor e defender um grupo de trabalhadores	Comemoração <i>Regia e Papalina del XX Settembre</i>
8	Não tem	Scipione Del Moro	Equipe do <i>La Battaglia</i>	Out / 1909	Defender-se e criticar os redatores do <i>Correio do Salto</i>	Discussão entre o leitor Scipione Del Moro e o jornal <i>Correio do Salto</i>
9	<i>Una lettera perduta</i>	Pietro Amante	1º Cônsul da Itália em São Paulo	22/07/1911	Solicitar ajuda ao Cônsul para recuperar a sua família	Condições de trabalho na fazenda e prisão de uma família
10	<i>Lettera aperta per molti "fazendeiros"</i>	Candido Rodrigues	Fazendeiros	29/05/1912	Criticar fazendeiros e solicitar melhores condições de trabalho	Mau comportamento de fazendeiros com relação aos colonos

Tabela 4.1. Resumo das descrições das cartas

4.3. Análise do corpus

Carta 1 – 16/09/1906¹⁶

Fine della polemica

Signori de La Battaglia.

5 *Io credevo che la vostra polemica potesse esaurirsi con un paio di articoletti d'ambo le parti; ma vedo, invece, che va molto in lungo e richiede quel tempo e quella vastità di cognizioni che io al certo non possiedo. Per ciò, lascio ad altri più addestrati di me nella discussione il posto di combattimento.*

10 *Mi è doveroso dichiarare che le teorie anarchiche, forse più d'ogni altre, hanno bisogno di esser discusse per esser comprese, e che non è così facile combatterle come a prima vista ci sembra. In esse, contrariamente al concetto primitivo che può aversene, havvi qualche cosa di buono, di giusto, di indistruttibilmente vero. Sono i nostri pregiudizii sociali che ce le fanno considerare spesso, nel loro complesso, cattive ed ingiuste. Di questi pregiudizii, pur non essendo divenuto anarchico, ho dovuto sbarazzarmi in gran parte durante la nostra breve polemica, visto che essi non avevano fondamento alcuno. Non vedo chiaro abbastanza nell'imbastitura della vostra società*
15 *futura –senza capi né leggi – ma ciò non mi autorizza a casaccio a definirla utopica. Può darsi che essa sia un mondo nebuloso, come può darsi che sia io di vista corta e non veda bene addentro al futuro.*

20 *In ogni modo, ripeto, non si può respingere a priori nessuna idea, nessuna dottrina per assurda ch' essa ci possa apparire, e in particolar modo la doutrina anarchica, che ha un fondamento critico sorprendente ed un naturalismo, che spesso seduce, nelle sue concezioni innovatrici.*

Questa press'a poco, l'impressione riportata dal breve dibattito.

Ed ora amici de La Battaglia, in attesa di potermi esporre a visiora scoperta in altro combattimento non meno leale ed istruttivo, passo a salutarvi cordialmente.

Vostro Ignoto

Nota da Redação

Ci duole immensamente che Ignoto non possa, per mancanza di tempo (e non di cognizioni, come egli modestamente dice) continuare la polemica, e d'altra parte siamo lieti di esserci tirati i capelli con un avversario leale quanto cortese, che, sebbene abbia usato di tutto il suo acume per metterci nell'imbarazzo con obiezioni e quesiti d'ogni sorta, confessa, fra le righe, che il fine suo era nobile: quello di conoscere più a fondo il materiale filosofico delle dottrine anarchiche, per meglio apprezzarle. Egli dichiara, infatti, che queste dottrine hanno

¹⁶ Ver anexo 3.

bisogno di essere comprese, che non si può respingerle a priori, che in esse havvi qualche cosa di buono, di giusto, d'idistruttibile, e di ciò siamo soddisfatti.

Noi vorremmo che tutti i nostri avversari fossero della sincerità d'Ignoto a cui contraccambiamo di cuore i nostri saluti, restando col desiderio vivissimo di conoscerlo.

La Redazione

Resumo: O leitor-autor começa o texto dizendo que acreditava que o jornal *La Battaglia* não discutiria por muito tempo a polêmica levantada sobre o anarquismo, mas depois diz que se enganou porque o periódico continuou publicando as discussões sobre o tema. No segundo parágrafo ele explica que não é anarquista, que para compreender bem as teorias anárquicas é necessário discuti-las e fala ainda dos preconceitos sociais que existem na sociedade. No terceiro parágrafo “*Ignoto*” afirma que devemos considerar todas as idéias e as doutrinas, mesmo que sejam absurdas, principalmente a doutrina anárquica que ele menciona que tem um fundamento crítico surpreendente e um naturalismo que seduz.

Quanto ao título da carta “*Fine della polemica*”, não é possível afirmar se foi dado pelo leitor-autor ou pelo editor, mas apesar do título o leitor-autor fala na carta que a polêmica continuaria, como vemos no trecho: “*Io credevo che la vostra polemica potesse esaurirsi con un paio di articoletti d'ambo le parti; ma vedo, invece, che va molto in lungo [...]*” (linhas 2 e 3).

O destinatário da carta é a equipe do periódico, pois está escrito “*Signori de La Battaglia*”, “*Ignoto*” usa a forma de tratamento “*Signori*”, que é formal e os trata através dos pronomes “*voi*” e “*vostro*” indicando um destinatário coletivo.

O texto foi escrito na primeira pessoa do singular, “*io*”, pois dessa forma o leitor-autor pôde expor a sua opinião e defender as suas idéias, de uma forma bem pessoal.

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. “*Ignoto*” começa a carta usando Imperfeito do Indicativo para indicar um passado não concluído e Imperfeito do Subjuntivo (*Congiuntivo*) para dar uma opinião, “*Io credevo che la vostra polemica potesse esaurirsi [...]*” (linha 2), mas escreve principalmente no Presente do Indicativo para indicar uma situação que ele estava vivendo naquele momento, como na frase “[...] *ma vedo, invece che va molto in lungo [...]*” (linha 3). O *Passato Prossimo* do Indicativo foi usado

somente uma vez “[...] *ho dovuto sbarazzarmi in gran parte durante la nostra breve polemica* [...]” (linhas 12 e 13) indicando um fato já concluído no passado. Foram encontrados também verbos no Presente do Subjuntivo (*Congiuntivo*), usados para indicar uma dúvida, uma hipótese como em “*Può darsi che essa sia un mondo nebuloso* [...]” (linhas 14 e 15).

No último parágrafo o leitor-autor chama os colaboradores do *La Battaglia* de amigos, diz que espera poder expor suas idéias em um próximo momento e agradece a todos com cordialidade. Conclui a carta assinando como “*Vostro Ignoto*”, pois não queria ser identificado.

É importante mencionar que no final da carta foi encontrada uma nota¹⁷ escrita pela redação do jornal que elogia “*Ignoto*” dizendo que ele é um adversário leal e que a equipe do jornal ficaria feliz se ele continuasse escrevendo e que gostariam de conhecê-lo.

Formação dos adjetivos

Dos 27 adjetivos encontrados (tendo em conta as repetições) 18 são simples (*lungo, facile, primitivo, buono, giusto, vero, sociali, cattive, breve* (2), *chiaro, futura, corta, assurda, particolare, critico, visiora, leale*) e 9 são derivados (*doveroso, anarchica (che)* (3), *ingiuste, utopica, nebuloso, innovatrici, istruttivo*).

Termo encontrado	Processo morfológico	Processo sintático	Processo semântico	Palavra base
<i>doveroso</i>	Sufixação + (-oso)	N → A	Indica relação	<i>dovere</i>
<i>ingiuste</i>	Prefixação + (in-)	Sem mudança de classe gramatical	Indica negação	<i>giuste</i>
<i>anarchico (a)</i>	Sufixação + (-ico)	N → A	Indica relação	<i>anarchia</i>

¹⁷ A nota da redação não faz parte da análise.

<i>utopica</i>	Sufixação + (-ico)(a)	N → A	Indica relação	<i>utopia</i>
<i>nebuloso</i>	Sufixação + (-oso)	N → A	Indica caracterização	<i>nebbia</i>
<i>innovatrici</i>	Sufixação + (-trice)	V → A	_____	<i>innovare</i>
<i>istruttivo</i>	Sufixação + (-ivo)	V → A	Indica qualidade	<i>istruire</i>

Tabela 4.2. Formação dos adjetivos da carta 1

Quanto ao processo morfológico somente o adjetivo *ingiuste* é formado por prefixação, todos os outros são formados por sufixação.

Analisando o processo sintático, o adjetivo *ingiuste* não sofreu mudança de classe gramatical. Os que sofreram mudança podem ser divididos da seguinte forma:

- do verbo ao adjetivo (adjetivação)

innovare – *innovatrici*

istruire - *istruttivo*

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

dovere – *doveroso*

anarchia - *anarchico*

utopia - *utopica*

nebbia – *nebuloso*

Abaixo segue a análise dos prefixos e dos sufixos encontrados na carta:

O único adjetivo formado por prefixação é *ingiuste* = *in-*+ *giuste* sendo que o prefixo *-in* indica negação (TRIFONE; PALERMO, 2002).

Quanto aos sufixos:

-oso em *doveroso* indica relativo a *dovere* e em *nebuloso* indica caracterização. Ambos são adjetivos de relação (SERIANNI, 2006; ZINGARELLI, 2001).

-trice normalmente indica quem realiza uma ação, é usado para agente, mas não é o caso de *innovatrici* (THORNTON, 1992; ZINGARELLI, 2001). Sobre esse sufixo usado na formação de adjetivos nada foi encontrado.

-ivo em *istruttivo* indica a qualidade da ação no ato, na sua realização (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980) e também significa “relativo a”, no caso relativo a *istruire* (SENSINI, 2007).

-ico em *utopico* e em *anarchico* (*-a*, *-che*) substitui o sufixo da base (*utopia* – *utopico*, *anarchia* - *anarchico*) e segundo Sensini (2007), esse sufixo nesses casos significa “o que se refere a”, sendo assim *utopico* se refere a *utopia* e *anarchico* se refere a *anarchia*, formando assim um adjetivo de relação (SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992).

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

[...] *ma vedo, invece, che va molto in lungo*[...] (linha 3)

[..]*Mi è doveroso dichiarare che le teorie anarchiche, forse più d’ogni altre, hanno bisogno di esser discusse per esser comprese, e che non è così facile combatterle [...]* (linhas 6 e 7)

In esse, contrariamente al concetto primitivo che può aversene, havvi qualche cosa di buono, di giusto, di indistrutibilmente vero. Sono i nostri pregiudizii sociali che ce le fanno considerare spesso, nel loro complesso, cattive ed ingiuste. Di questi pregiudizii, pur non essendo divenuto anarchico, ho dovuto sbarazzarmi in gran parte durante la nostra breve polemica, visto che essi non avevano fondamento alcuno. Non vedo chiaro abbastanza nell’imbastitura della vostra società futura –senza capi né leggi – ma ciò non mi autorizza a

casaccio a definirla utopica. Può darsi che essa sia un mondo nebuloso, come può darsi che sia io di vista corta [...] (linhas 8 a 14)

[..] nessuna dottrina per assurda ch' essa ci possa apparire, e in particolare modo la doutrina anarchica, che ha un fondamento critico sorprendente ed un naturalismo, che spesso seduce, nelle sue concezioni innovatrici. (linhas 17 a 20)

[...] l'impressione riportata dal breve dibattito. (linha 21)

[..] in attesa di potermi esporre a visiora scoperta in altro combattimento non meno leale ed istruttivo, passo a salutarvi cordialmente. (linhas 22 e 23)

Os adjetivos *doveroso*, *facile*, *anarchico*, *chiaro* e *utopica* têm função predicativa porque eles têm relação direta com o verbo. Os adjetivos *breve* (2) (linha 12 e linha 21), *particolare*, *visiora*, *anarchiche* (linha 6), *primitivo*, *sociali*, *futura*, *nebuloso*, *corta*, *anarchica* (linha 18), *critico* e *innovatrici* possuem função atributiva porque estão ligados diretamente ao nome.

O adjetivo *chiaro* além de estar diretamente relacionado ao verbo, possui função adverbial e o adjetivo *facile* foi modificado pelo advérbio “*così*”.

O adjetivo *lungo* (linha 3) está relacionado ao verbo “*va*”, foi modificado pelo advérbio “*molto*” e vem acompanhado da preposição “*in*” para indicar continuação no tempo, muito tempo. Os adjetivos *buono*, *giusto* e *vero* têm relação com o nome “*cosa*”, mas estão ligados através da preposição “*di*” e o adjetivo *vero* foi modificado pelo advérbio “*indistrutibilmente*”. O adjetivo *assurda* está relacionado ao nome “*dottrina*”, mas está ligado a ele através da preposição “*per*”.

Os adjetivos *cattive* e *ingiuste* não estão ligados diretamente ao nome, mas estão relacionados ao nome “*teorie*” (linha 6). Os adjetivos *leale* e *istruttivo* estão relacionados ao nome “*combattimento*” (linha 22), mas não estão ligados diretamente a ele.

Os adjetivos *breve* (2) (linha 12 e linha 21), *particolare* e *visiora* estão antepostos ao nome e possuem a função descritiva. Já os adjetivos *anarchiche* (linha 6), *primitivo*, *sociali*, *futura*, *nebuloso*, *corta*, *anarchica* (linha 18), *critico* e *innovatrici* estão pospostos ao nome, exercem função restritiva.

Por serem considerados adjetivos de relação *anarchica* (*che*) e *nebuloso* são usados exclusivamente ou preferivelmente pospostos ao nome. (SENSINI, 2007, p. 139)

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivos objetivos – *sociali e anarchica (o, che)*;

Adjetivos afetivos – *buono, giusto, vero, cattive, ingiuste, e assurda*;

Adjetivos não-axiológicos- *lungo, primitivo, futura, particolare e critico*;

Adjetivos axiológicos- *doveroso, facile, buono, giusto, vero, cattive, ingiuste, utopica, assurda, innovatrici, visiora, leale e istruttivo*;

Os adjetivos *chiaro, breve (2), nebuloso e corta* não são exatamente axiológicos, eles se axiologizaram no texto.

Os adjetivos *buono, giusto, vero, cattive, ingiuste e assurda* são axiológicos e ao mesmo tempo afetivos.

Carta 2 - 16/09/1906¹⁸

A “Ignoto „

Vedete; io sono un lavoratore, e non posso fare della filosofia. Devo perciò contentarmi di quella poca coltura che possiedo per dirvi che, a parer mio, difendendo come voi difendete le istituzioni del privilegio borghese contro il diritto e l'interesse dei
5 lavoratori spogliati, asserviti, vi fate paladino di una causa ingiusta e (lasciate pur passare l'espressione) iniqua. Per un uomo che ha letto, per un uomo che studia, per un uomo che conosce le condizioni di servaggio e di morte che sono fatte a questa umanità disgraziata e sofferente, non è dignitoso schierarsi al lato dei forti e dei despoti, con il plurito di avversare la liberazione degli schiavi.

10 Voi avete parlato di Stato, di religione, di Legge, ed a parer mio, ne avete parlato colla convinzione di un uomo che non sa di dove incominciare per sostenerli. Quando mai fu benefico lo Stato? quando moralizzatrice la religione? quando un freno al delitto o un espressione di giustizia la legge? Queste belle cose – per ripetere una vostra frase – si fa presto a dirle, ma in pratica?... Ah. qui casca l'asino sig. mio. In pratica, noi
15 conosciamo perfettamente la tirannia e la spogliazione dello Stato, l'impostura della Religione, la doppiezza e l'iniquità della Legge, ma non sappiamo, non ci consta che questi strumenti di dominazione capitalistica abbiano dato, a lato di tanto male, qualcosa di bene al popolo deriso e calpestato.

20 Avete parlato anche di civiltà, di barbarie, di malvagità umana, ecc., ma avete dimenticato di dirci chi, all'intuora dei governi, delle religioni e delle leggi, ha instaurato il regno delle barbarie e del cannibalismo su tutti i punti del globo. Vi siete inorridito all'idea di un portafoglio rubato, di un colpo di coltello dato da un individuo,

¹⁸ Ver anexo 4 A.

e non avete neppure accennato agli sgozzamenti in massa, alle carneficine tremende sui campi di battaglia ed al saccheggio delle città conquistate.

25 *Cos'è infine che avete difeso?*

Voi avete difeso, con miseri e scarsi argomenti, il regime della schiavitù, della morte, della barbarie.

È una causa indegna di essere sostenuta da chi parla in nome della civiltà e del progresso.

30 *Scusatemi se mi intromesso nel dibattito e credetemi.*

Jahù, 11-9-906

Un Tale

Nota da Redação

Gli abbonati, gli amici, i compagni si tengano per avvertili: LA BATTAGLIA deve servire per la propaganda, e non per dei pettegolezzi personali.

Per cui, mentre pubblicheremo volentieri tutti gli scritti - da qualunque parte essi vengano – pro o contro l'anarchia, senza pietà ne misericordia tutto ciò che si riferisce a questioni personali che non interessano affatto i lettori.

Le questioni personali, giuste o ingiuste che siano, debbono essere risolte dalle parti interessate non dalla Redazione.

Tanto per norma.

Resumo: Trata-se de uma carta resposta, pois o leitor-autor, “Un Tale”, escreve para criticar um outro leitor do jornal “Ignoto”. “Un Tale” não tem a mesma opinião do outro leitor e diz que “Ignoto” defende o Estado, a religião, as leis, a escravidão, a morte e a barbárie.

É importante ressaltar que esta é uma carta resposta para uma anterior, de agosto de 1906¹⁹, mas que não foi analisada. Escolheu-se analisar as cartas 1 e 2, ambas publicadas no mesmo dia (16/09/1906).

A carta não possui título e é destinada a “Ignoto”, um outro leitor do jornal *La Battaglia*. “Un Tale” trata “Ignoto” por “voi” forma de cortesia utilizada na Itália antigamente, surgiu no século III e perdurou, sobretudo até o século XV, quando foi substituído pela terceira pessoa singular. (ROHLFS, 1966, p. 181)

¹⁹ Ver anexo 4 B.

A carta é quase toda escrita na primeira pessoa do singular “io”, para exprimir uma opinião pessoal, algumas vezes foi utilizada a primeira pessoa do plural “noi” para indicar a inclusão do destinatário. O uso do “noi” é importante porque mostra uma aproximação do leitor-autor com o destinatário e ajuda a construir um texto persuasivo, transformando o destinatário em um “protagonista da ação”. (PEREIRA; ALMEIDA, 2002, p. 249)

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. “Un Tale” usa, especialmente, Presente do Indicativo para indicar o momento que ele estava passando “[...] io sono un lavoratore, e non posso fare della filosofia” (linha 2) e *Passato Prossimo* do Indicativo para mencionar o que um outro leitor havia dito anteriormente, um passado concluído no passado “Voi avete parlato di Stato, di religione, di Legge [...]” (linha 10). Foram encontrados também: *Passato Remoto* indicando um tempo concluído no passado e um pouco mais distante no tempo “Quando mai fu benefico lo Stato?” (linha 12), *Congiuntivo Passato* para indicar incerteza “[...] non ci consta che questi istrumenti di dominazione capitalistica abbiano dato [...]” (linhas 16 e 17) e também dois Imperativos “vedete” (linha 2) e “credetemi” (linha 30) que indicam pedido.

O leitor-autor conclui a carta pedindo desculpas pela intromissão no debate, solicita que acreditem nele e não se identifica, assina “Un Tale”.

Ao final da carta foi encontrada uma nota²⁰ da redação explicando que o jornal publicava o que recebia, mas que não se interessava por questões pessoais dos leitores e que eles deveriam resolver suas diferenças sem envolver a redação.

Formação dos adjetivos

Dos 13 adjetivos encontrados, 5 são simples (*iniqua, belle, tremende, miseri, scarsi*) e 8 são derivados (*borghese, ingiusta, disgraziata, dignitoso, benefico, moralizzatrice, capitalistica, indegna*).

²⁰ A nota da redação não faz parte da análise.

Termo encontrado	Processo morfológico	Processo sintático	Processo semântico	Palavra base
<i>borghese</i>	Sufixação + (-ese)	$N \rightarrow A$	Indica qualidade	<i>borghesia</i>
<i>ingiusta</i>	Prefixação + (<i>in-</i>)	Sem mudança de classe gramatical	Indica negação	<i>giusta</i>
<i>disgraziata</i>	Sufixação + (-ato)(a)	$N \rightarrow A$	Indica condição	<i>disgrazia</i>
<i>dignitoso</i>	Sufixação + (-oso)	$N \rightarrow A$	Indica abundância	<i>dignità</i>
<i>benefico</i>	Sufixação + (-efico)	$V \rightarrow A$	_____	<i>beneficare</i>
<i>moralizzatrice</i>	Sufixação + (-trice)	$V \rightarrow A$	_____	<i>moralizzare</i>
<i>capitalistica</i>	Sufixação + (-istico)(a)	$N \rightarrow A$	Indica relação	<i>capitalismo</i>
<i>indegna</i>	Prefixação + (<i>in-</i>)	Sem mudança de classe gramatical	Indica negação	<i>dega</i>

Tabela 4.3. Formação dos adjetivos da carta 2

Quanto ao processo morfológico dos sete adjetivos derivados, somente dois são formados por prefixação.

Analisando o processo sintático, os adjetivos *ingiusta* e *indegna* não sofreram mudança de classe gramatical.

Os adjetivos que passaram por mudança de classe gramatical podem ser divididos da seguinte forma:

- do verbo ao adjetivo (adjetivação)

beneficare - benefico

moralizzare - moralizzatrice

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

borghesia - borghese

disgrazia – disgraziata

dignità – dignitoso

capitalismo - capitalistica

Abaixo segue a análise dos prefixos e dos sufixos encontrados na carta:

Os adjetivos *ingiusta* e *indegna* são formados por prefixação, o prefixo *–in* indica negação (TRIFONE; PALERMO, 2002).

Quanto aos sufixos:

–ese em *borghese* indica estado, qualidade (ZINGARELLI, 2001).

–oso em *dignitoso* indica “cheio de”, “dotado de”, no caso cheio de *dignità*. (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980; SENSINI, 2007;) Além disso, o sufixo *–oso* forma adjetivos de relação, como *dignitoso* (SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992).

–ata em *disgraziata* indica condição, estado (SENSINI, 2007; ZINGARELLI, 2001).

–efico indica a capacidade de fazer, de criar ou produzir como em *benefico* (BATTAGLIA; PERNICONE 1980; ZINGARELLI, 2001).

–trice indica quem realiza uma ação, normalmente é usado para agente, mas não é o caso de *moralizzatrice* (THORNTON, 1992; ZINGARELLI, 2001). Sobre esse sufixo usado na formação de adjetivos nada foi encontrado.

Muitos adjetivos com o sufixo *-istico* derivam dos correspondentes nomes em *-ismo*, sendo assim há uma substituição de sufixo, é o caso de *capitalismo* – *capitalistico* (DARDANO, 1995). Além disso, *-istico* significa “próprio de”, “relativo a”, no caso relativo ao *capitalismo*, além disso, esse sufixo forma adjetivos de relação como *capitalistico* (SENSINI, 2007; SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992).

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

[...] difendete le istituzioni del privilegio borghese contro il diritto [...] (linha 4)

[..] vi fate paladino di una causa ingiusta e (lasciate pur passare l'espressione) iniqua.
(linhas 5 e 6)

[...] questa umanità disgraziata e sofferente, non è dignitoso schierarsi al lato dei forti [...] (linhas 7 e 8)

[...] Quando mai fu benefico lo Stato? quando moralizzatrice la religione? [..] (linhas 11 e 12)

[..] Queste belle cose – per ripetere una vostra frase – si fa presto a dirle, ma in pratica?
[..] (linha 13)

[...] non ci consta che questi strumenti di dominazione capitalistica abbiano dato [...]
(linha 17)

[...] alle carneficine tremende sui campi di battaglia [...] (linha 23)

Voi avete difeso, con miseri e scarsi argomenti, il regime della schiavitù, della morte, della barbarie. (linha 26)

È una causa indegna di essere sostenuta [..] (linha 28)

Os adjetivos *dignitoso* e *benefico* possuem função predicativa porque têm relação direta com o verbo. Todos os outros adjetivos encontrados têm função atributiva, pois estão diretamente ligados ao nome.

Os adjetivos *moralizzatrice*, *belle*, *miseri* e *scarsi* estão antepostos ao nome, exercendo função descritiva. Já os adjetivos *borghese*, *ingiusta*, *iniqua*, *disgraziata*, *capitalistica*, *tremende* e *indegna* estão pospostos ao nome, exercem função restritiva.

O adjetivo *borghese* deve ser usado exclusivamente ou preferivelmente posposto ao nome porque indica uma categoria (SENSINI, 2007, p. 138). Já o adjetivo *bello* quando usado posposto ao nome indica qualidade, mas nessa carta *belle* foi usado anteposto ao nome para intensificar o conceito ou a imagem expressa no nome (SERIANNI, 2006, p. 202).

Por serem considerados adjetivos de relação *dignitoso* e *capitalistica* são usados exclusivamente ou preferivelmente pospostos ao nome (SENSINI, 2007, p. 139).

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivos objetivos – não consta;

Adjetivos afetivos – *disgraziata*, *ingiusta*, *iniqua*, e *tremende*;

Adjetivos não-axiológicos- *borghese*;

Adjetivos axiológicos- *ingiusta*, *iniqua*, *disgraziata*, *dignitoso*, *benefico*, *moralizzatrice*, *belle*, *capitalistica*, *tremende*, *miseri* e *indegna*.

Normalmente o adjetivo *scarsi* é não-axiológico, mas na carta ele se axiologizou.

Os adjetivos *disgraziata*, *ingiusta*, *iniqua* e *tremende* são ao mesmo tempo axiológicos e afetivos.

Carta 3 - 28/07/1907²¹

Un delitto giudiziario?

Illmo. sig. Oreste Ristori,

Non disdegni di raccogliere la voce di un povero infelice, che per la prepotenza di un malvagio, l'ex-delegato Cordoville, riconosciuto tale anche dai suoi superiori che l'hanno destituito pei delitti che ha compiuti contro dei lavoratori innocenti, si trova nel
5 *carcere di Araraquara senza mezzi, nell'impossibilità di difendersi, quantunque*

²¹ Ver anexo 5.

accusato di reati che non ha commessi.

A tale proposito, tempo fa scrissi alla redazione del Fanfulla, ma essendo io un infelice privo di risorse e per ciò di protezioni, non mi hanno ascoltato, per ciò mi rivolgo a lei nella speranza che vorrà ascoltarmi, non chiedendole altro che d'informarsi siano o non vere le cose che le racconto, pregandola di pubblicarle sul giornale da lei redatto.

Nei primi di gennaio del 1906 mi dissero che in Araraquara dei malvagi facevano circolare sul mio conto delle accuse di cui io ero innocente. Per dissipare ogni accusa il giorno 11 del medesimo mi recai dal delegato Horacio Cordoville perché aprisse un inchiesta al riguardo non volendo sottostare sotto turpi accuse. Il dr. Cordoville, senza ascoltarmi mi fece imprigionare accusandomi di vari furti. Io allora protestai, ma male me ne incolse perché il delegato ordinò a quattro soldati di picchiarmi. Non se lo fecero ripetere due volte. Caddi svenuto sotto i colpi di cinturone e le piattonate di sciabola. Dopo non so quanto tempo ripresi i sensi; allora l'inquisitore Cordoville mi puntò il revolver al petto, costringendomi, coi minacciarmi di morte, a dichiararmi colpevole di tutte le imputazioni che gli parve addebitarmi. Io firmai tutto, e venni rinchiuso in una cella incomunicabile, non permettendomi nemmeno di ricorrere a un avvocato, come lo vuole la legge.

Sotto un tal regime passai tre mesi, e forse sarei morto a quest'ora se il carceriere preso da compassione non mi avesse dato della creolina per disinfettare le piaghe piene di bichos che avevo per il corpo.

Il mio inquisitore però non era ancora contento; egli mandò a intimare degli individui ch'io mai vidi ne conobbi i quali furono da lui interrogati in mia presenza in questo modo: Conoscete quest'uomo? Tutti risposero non conoscermi; allora il delegato disse loro: "Egli è Arrigo Tiengo, quello che vi ha rubato gli animali".

Con questo sistema è riuscito ad accatastare accuse a mio carico e il 29 di questo mese, dopo un anno e mezzo di detenzione comparirò dinanzi ai giurati. Io affronterò serenamente, perché innocente, il giudizio, ma non avendo nessuno che si occupi di me, nessuno su cui poter contare, potrò mai riuscire a convincere i miei giudici della mia innocenza e dell'infamia del mio inquisitore?

Prigione di Araraquara 18-7-907

Suo devotissimo

Arrigo Tiengo

Nota da Redação

N. di R. – Aggiungiamo ai compagni di Araraquara questa lettera.

Se quest'uomo non mente è necessario far qualcosa per lui, caso diverso, per quanto ci dolga (noi vorremo abatere tutte le prigioni) non possiamo occuparci di lui.

Resumo: O leitor-autor, Arrigo, começa a escrever pedindo ao editor que a carta seja publicada, explica que está preso em Araraquara e que não possui meios para se defender de crimes que não cometeu. No segundo parágrafo ele diz que escreveu anteriormente para o jornal *Fanfulla*, mas não foi ouvido, por isso estava escrevendo para o *La Battaglia*. No terceiro parágrafo ele descreve o que aconteceu, que o acusaram de delitos: procurou um delegado que o prendeu. Arrigo foi torturado na prisão e o próprio delegado o obrigou a assumir os crimes. Ele permaneceu incomunicável, não pôde contratar um advogado e sofreu por três meses na prisão. Depois o delegado chamou algumas pessoas para mostrar Arrigo e dizer que ele havia roubado os animais delas. No final da carta ele explica que já estava há um ano e meio na prisão e que estava aguardando o julgamento.

Não é possível dizer se o título da carta “*Un delitto giudiziario?*” foi dado pelo leitor-autor ou pelo redator, sendo escrito em forma de interrogação, é usado como uma dúvida, mas também pode ser em tom irônico para questionar se é mentira ou verdade, se aconteceu ou não um delito.

O destinatário é o diretor do periódico *La Battaglia*, Oreste Ristori, o leitor-autor usa “*Illmo. sig.*” que é uma forma de tratamento formal e o trata pelo pronome “*Lei*” usado na Itália desde o século XVI como forma de respeito. (ROHLFS, 1966, p. 183)

O leitor-autor começa o texto escrevendo na terceira pessoa do singular, “*lui*” e depois passa a escrever na primeira pessoa do singular “*io*”, nas duas formas ele está falando de si mesmo.

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. Arrigo usa muitos tempos verbais para contar a sua história, mas os mais comuns são: Presente do Indicativo, para falar da situação que ele estava passando “[...] *si trova nel carcere di Araraquara senza mezzi, nell’impossibilità di difendersi* [...]” (linhas 4 e 5), usa o *Passato Remoto* para indicar ações concluídas num passado um pouco mais distante “*Nei primi di gennaio del 1906 mi dissero che in Araraquara* [...]” (linha 12), mas também o *Passato Prossimo* para indicar passado concluído, mas que perdura no presente “[...] *ma essendo io un infelice privo di risorse e per ciò di protezioni, non mi hanno ascoltato* [...]” (linhas 7 e 8) e o Imperfeito do Indicativo indicando uma ação passada não concluída “*Il mio inquisitore però non era ancora contento* [...]” (linha 27). A conclusão é dada com Futuro do Indicativo, pois o leitor-autor ainda

esperava o seu julgamento “[...] *il 29 di questo mese, dopo un anno e mezzo di detenzione comparirò dinanzi ai giurati [...]*” (linhas 31 e 32) .

Arrigo conclui o texto com uma pergunta “[...] *potrò mai riuscire a convincere i miei giudici della mia innocenza e dell’infamia del mio inquisitore?*”, pois ele esperava o seu julgamento, sem advogado e com várias acusações.

No final da carta encontram-se a localização e a data “*Prigione di Araraquara 18-7-907*” e o leitor-autor conclui com “*Suo devotissimo*”, utilizando o adjetivo “*devoto*” no superlativo para causar intensificação e mostrar que acreditava que o redator do jornal o ajudaria. Assina “*Arrigo Tiengo*”.

Ao final da carta foi encontrada uma nota²² da redação do jornal dizendo que se o homem era inocente era necessário ajudá-lo.

Formação dos adjetivos

Foram encontrados 12 adjetivos (tendo em conta as repetições), sendo 7 simples (*povero, innocente(i)(3), vere, turpi, contento*) e 5 derivados (*giudiziaro, infelice, colpevole, incomunicabile, devotissimo*).

Termo encontrado	Processo morfológico	Processo sintático	Processo semântico	Palavra base
<i>giudiziaro</i>	Sufixação + (-ario)	N → A	Indica qualidade	<i>giudizio</i>
<i>infelice</i>	Prefixação + (in-)	Sem mudança de classe gramatical	Indica negação	<i>felice</i>

²² A nota da redação não faz parte da análise.

<i>colpevole</i>	Sufixação + (-evole)	N → A	_____	<i>colpa</i>
<i>incomunicabile</i>	Prefixação + (in-)	Sem mudança de classe gramatical	Indica negação	<i>comunicabile</i>
<i>devotissimo</i>	Sufixação + (-issimo)	Sem mudança de classe gramatical	Indica Intensidade – Superlativo absoluto	<i>devoto</i>

Tabela 4.4. Formação dos adjetivos da carta 3

Analisando o processo morfológico percebe-se que dois adjetivos derivados são formados por prefixação e os outros três por sufixação.

Quanto ao processo sintático os adjetivos *infelice*, *incomunicabile* e *devotissimo* não sofreram mudança de classe gramatical e os outros dois que sofreram mudança podem ser classificados da seguinte maneira:

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

colpa – *colpevole*

giudizio - *giudiziario*

Abaixo segue a análise dos prefixos e dos sufixos encontrados na carta:

Os adjetivos *infelice* e *incomunicabile* são formados por prefixação, sendo que o prefixo – *in* indica negação (TRIFONE; PALERMO, 2002).

Quanto aos sufixos:

–evole normalmente é usado com uma base verbal, mas no caso de *colpevole* foi afixado a uma base nominal (SERIANNI, 2007).

–ario em *giudiziario* faz derivar adjetivo do nome e indica “relativo a”, no caso relativo a *giudizio*, mostra também uma qualidade (SENSINI, 2007).

Na carta foi encontrado o superlativo absoluto sintético *devotissimo*, formado pelo sufixo –issimo, que gera uma intensificação.

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

Un delitto giudiziario? (título)

Non disdegni di raccogliere la voce di un povero infelice [...] (linha 2)

[...] che ha compiuti contro dei lavoratori innocenti [...] (linha 4)

[...] non chiedendole altro che d’informarsi siano o non vere le cose che le racconto [...] (linha 10)

[...] delle accuse di cui io ero innocente. (linha 13)

[...] al riguardo non volendo sottostare sotto turpi accuse. (linha 15)

[...]coi minacciarmi di morte, a dichiararmi colpevole di tutte le imputazioni che gli parve adebitarmi. Io firmai tutto, e venni rinchiuso in una cella incomunicabile, non permettendomi nemmeno di ricorrere a un avvocato [...]. (linhas 21 e 22)

[...] Il mio inquisitore però non era ancora contento [...] (linha 27)

[...] Io affronterò serenamente, perché innocente, il giudizio, ma non avendo nessuno che si occupi di me, nessuno su cui poter contare, potrò mai [...] (linhas 32 e 33)

Suo devotissimo (linha 37)

Os adjetivos *innocente* (linha 13), *colpevole* e *contento* possuem função predicativa porque têm relação direta com o verbo. Os adjetivos *infelice* e *devotissimo* estão ligados a outro adjetivo e os outros adjetivos encontrados possuem função atributiva, pois estão ligados diretamente ao nome.

Os adjetivos *vere*, *turpi* e *innocente* (linha 32) estão antepostos ao nome, exercendo função descritiva. Já os adjetivos *giudiziario*, *innocenti* (linha 4) e *incomunicabile* estão pospostos ao nome e exercem a função restritiva.

O adjetivo *infelice* está posposto ao adjetivo *povero* e o adjetivo qualificativo *devotissimo* está posposto ao adjetivo determinativo *suo*.

Por ser considerado adjetivo de relação *giudiziario* deve vir exclusivamente ou preferivelmente posposto ao nome (SENSINI, 2007, p. 139).

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivo objetivo – *giudiziario* e *incomunicabile*;

Adjetivos afetivos – *infelice* e *turpi*;

Adjetivos não-axiológicos- não consta;

Adjetivos axiológicos- *infelice*, *innocente* (i) (3), *vere*, *turpi*, *colpevole*, *contento* e *devotissimo*.

O adjetivo *povero* não é exatamente um adjetivo axiológico, mas ele se axiologizou na carta.

Os adjetivos *infelice* e *turpi* são ao mesmo tempo axiológicos e afetivos.

Carta 4 - 13/01/1909²³

Riceviamo e per debito d'imparzialità pubblichiamo:

Sig. Redattore

Essendo apparsa sul n. 199 del vostro giornale una pubblicazione contro la discordia di nazionalità è bene mettere al posto le cose:

5 *I borghesi italiani di Batataes non si sono mai sognati di far risorgere Gesù bambino, ma bensì hanno fatto sorgere una società di mutuo soccorso con lo scopo di ausiliare i lavoratori in caso di necessità.*

Bella infatti è stata, come dice "l'Operaio" la festa a favore delle vittime del

²³ Ver anexo 6.

- terremoto, di Calabria e Sicilia.*
E se non è potuto far di più non è colpa nostra.
- 10 *Per attaccarci “l’Operaio” non è stato leale, egli ha dovuto rivangare l’opera nostra di 2 anni fa.*
Questa benemerita società andò alla stazione a ricevere il padrino della bandiera, ma senza nessun scopo politico.
E cosa vorrebbe “l’Operaio”? Siamo Italiani, evviva l’Austria!
- 15 *Non c’è in fondo, che un abbassamento: quello della società della maldicenza, e il progresso della Filo-Eucaristica.*
E ci ha messo anche i garibaldini affricani. E “l’Operaio” reduce delle loro battaglie?
I soci di questa società non hanno bisogno di esser infinocchiati dai pidocchi
- 20 *rifatti, sono liberi pensatori più dell’ “Operaio”.*
All’ultima ora siamo stati informati di una agressione al più giovane, e più debole dei nostri soci.
Domandiamo a questi prepotenti perché non hanno chiesto soddisfazione a gente competente?
- 25 *Noi stiamo al nostro posto, non facciamo polemiche, ma com’è naturale siamo pronti a difenderci.*
Batataes
Carlo Abbriata, Segretario.

Resumo: Na carta o leitor-autor, que representa um grupo, cita uma edição anterior do *La Battaglia*, depois fala da sociedade de mútuo socorro da qual ele fazia parte e comenta que o jornal *l’Operaio* criticou essa sociedade injustamente. Para finalizar o autor diz que uma pessoa que trabalhava com ele foi agredida.

A carta não possui título e é destinada ao redator do jornal. O leitor-autor usa a forma de tratamento formal “*Signore*” e trata o redator por “*voi*” forma de cortesia utilizada na Itália antigamente, surgiu no século III e perdurou, sobretudo até o século XV, quando foi substituída pela terceira pessoa singular (ROHLFS, 1966, p. 181).

O leitor-autor escreve na primeira pessoa do plural, “*noi*”, pois ele está representando uma sociedade e a carta possui a assinatura de três pessoas.

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. A maior parte do texto é escrito no *Passato Prossimo* do Indicativo indicando um passado concluído no passado, mas que perdura no presente “[...] ma *bensi hanno fatto sorgere una società [...]*” (linha 5), alguns verbos estão no Presente do Indicativo “*Noi stiamo al nostro posto,*

non facciamo polemiche [...]” (linha 25) mostrando o que o leitor-autor estava vivendo no momento e no *Passato Remoto* do Indicativo indicando um passado concluído em um passado um pouco distante “[...] *Questa benemerita società andò alla stazione a ricevere il padrino della bandiera [...]*” (linhas 12 e 13). Na carta foi encontrado também um verbo no Condicional Presente usado para abrandar a pergunta “*E cosa vorrebbe “l’Operaio”?*” (linha 14).

O leitor-autor conclui a carta dizendo que eles estão prontos para se defender, escreve o nome da cidade “Batataes” e as assinaturas de três membros da sociedade de mútuo socorro “*Carlo Abbriata, Segretario, Badin Bernardo, Presidente e Morando Arduino, Consigliere*”.

Formação dos adjetivos

Dos 11 adjetivos encontrados 7 são simples (*mutuo, bella, leale, politico, liberi, giovane, debole*), 1 composto (*benemerita*) e 3 são derivados (*affricani, competente, naturale*).

Existem alguns adjetivos compostos em italiano que são formados com *bene* ou *male* como *benemerita*= *bene* + *merita* (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980, p. 177).

Termo encontrado	Processo morfológico	Processo sintático	Processo semântico	Palavra base
<i>affricani</i>	Sufixação + (-ano)(i)	N → A	Indica origem	<i>Africa</i>
<i>competente</i>	Sufixação + (-ente)	N → A	Indica condição	<i>competenza</i>
<i>naturale</i>	Sufixação + (-ale)	N → A	Indica estado	<i>natura</i>

Tabela 4.5. Formação dos adjetivos da carta 4

Quanto ao processo morfológico os três adjetivos derivados são formados por sufixação.

Analisando o processo sintático todos os adjetivos derivados sofreram mudança de classe gramatical:

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

Africa - affricani

competenza – competente

natura – naturale

Abaixo segue a análise dos sufixos encontrados na carta:

-ano indica origem, habitante de um lugar, no caso tem-se *affricano* que é originário da *Africa*, *affricano* é considerado um adjetivo étnico (SENSINI, 2007; TRIFONE; PALERMO, 2002; ZINGARELLI, 2001). Além disso, -ano forma adjetivos de relação, como *affricano* (SERIANNI, 2006).

Na maioria das vezes -ente e -ante formam nomes deverbais, são usados como agente normalmente indicando profissão, ma no caso de *competente* indica condição (THORNTON, 1992; ZINGARELLI, 2001).

-ale em *naturale* indica estado e forma um adjetivo de relação (SENSINI, 2007; SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992; ZINGARELLI, 2001).

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

[...] ma bensì hanno fatto sorgere una società di mutuo soccorso [...] (linha 5)

Bella infatti è stata, come dice “l’Operaio” la festa[...] (linha 7)

Per attaccarci “l’Operaio” non è stato leale, egli ha dovuto rivangare l’opera nostra di 2 anni fa. (linha 10)

Questa benemerita società andò alla stazione a ricevere il padrino della bandiera, ma senza nessun scopo politico. (linha 12)

E ci ha messo anche i garibaldini affricani. (linha 17)

[...] sono liberi pensatori più dell' "Operaio". (linha 20)

[...] All'ultima ora siamo stati informati di una agressione al più giovane, e più debole dei nostri soci. (linhas 21 e 22)

[...] non hanno chiesto soddisfazione a gente competente? (linha 24)

[...] ma com'è naturale siamo pronti a difenderci. (linha 25)

Os adjetivos *leale* e *naturale* possuem função predicativa porque têm relação direta com o verbo. O adjetivo *bella* (linha 7) está relacionado ao verbo “è stata”, mas não está ligado diretamente ao verbo. Todos os outros adjetivos encontrados possuem função atributiva, pois estão diretamente ligados ao nome.

Os adjetivos *mutuo*, *benemerita*, *liberi*, *giovane* e *debole* estão antepostos ao nome e exercem função descritiva. Já os adjetivos *politico*, *affricani* e *competente* estão pospostos ao nome e exercem a função restritiva.

O adjetivo *affricani* deve vir exclusivamente ou preferivelmente posposto ao nome porque indica nacionalidade (SENSINI, 2007, p. 138).

Em “[...] al più giovane, e più debole dei nostri soci.” (linhas 21 e 22), os adjetivos *giovane* e *debole* estão antepostos ao nome porque foram modificados pelo advérbio *più* e a frase tem valor descritivo (SENSINI, 2007, p. 139).

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivos objetivos – *mutuo*, *politico* e *affricani*;

Adjetivos afetivos – não consta;

Adjetivos não-axiológicos- *giovane*, *deboli* e *naturale*;

Adjetivos axiológicos- *bella*, *leale*, *benemerita* e *competente*.

O adjetivo *liberi* não é exatamente axiológico, ele se axiologizou na carta.

Carta 5 - 14/02/1909²⁴

Riceviamo e pubblichiamo:

Padroni canaglie

Sig. Redattore,

Mi rivolgo a lei perché non ho danari per farmi rendere giustizia.

Per vari mesi sono stato impiegato in qualità di “piazzista viaggiante” presso la ditta Fratelli Vallardi, importatrice di tipi tipografici, e di articoli di scrittorio.

5 *Ho dovuto lasciare il mio posto perché i miei padroni non mi pagavano, né, malgrado sia passato parecchio tempo, mi hanno ancora pagato.*

Il mio credito verso i fratelli Vallardi era di 1.300\$000, sul quale ho ricevuto un acconto di 300\$000, in merce, cioè in liquori, articolo che pure commerciavano sulla piazza.

10 *Sono dunque ancora creditore di 1.000\$000 ma non mi vogliono pagare.*

Si abusano perché non ho danari per ricorrere ai tribunali, ben sapendo anche mi desse ragione il frutto del mio lavoro se lo mangerebbero gli avvocati.

15 *Non mi aspettavo di esser trattato così da gente onesta; ma spero che non vorranno più oltre continuare la commedia: che siano proprio intenzionati di derubarmi?*

Io devo pagare l'hotel, nel quale, stando al loro servizio ho fatto un forte debito.

E si che la famiglia Vallardi è una buona famiglia: si commove di tutto anche della triste sorte degli scioperanti. Ma mi pare che sarebbe ancora meglio se pagasse chi ha lavorato per essa. Senz'altro la saluto.

20 *Francesco Sacchi*

Resumo: Trata-se de uma carta de reclamação, o leitor-autor, Francesco Sacchi, começa a escrever dizendo que não tinha dinheiro para recorrer à justiça e por isso pede a colaboração do jornal. Depois diz que trabalhava em uma empresa de importação e que esta estava lhe devendo 1.000\$000. Conclui explicando que não tinha condições de pagar um advogado e que não esperava que a empresa o trata-se desse modo.

O título da carta “*Padroni canaglie*” é forte e mostra a indignação do leitor-autor. Ele usa o adjetivo *canaglie* para agredir seus patrões.

²⁴ Ver anexo 7.

O destinatário é o redator do jornal. Francesco usa “*signore*”, que é uma forma de tratamento formal e trata o redator por “*Lei*” utilizado na Itália desde o século XVI como forma de respeito (ROHLFS, 1966, p. 183).

A carta é escrita na primeira pessoa do singular, “*io*”, pois o leitor-autor fala de seu problema e quer pedir ajuda.

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. Francesco começa escrevendo no Presente do Indicativo indicando sua situação no momento “*Mi rivolgo a lei perché non ho danari per farmi rendere giustizia.*” (linha 2), depois para contar sua história usa o *Passato Prossimo* do Indicativo indicando um passado concluído no passado, mas que dura no presente “*Per vari mesi sono stato impiegato in qualità di “piazzista viaggiante” [...]*” (linha 3), usa também o Imperfeito do Indicativo indicando um fato que não foi concluído no passado “*Il mio credito verso i fratelli Vallardi era di 1.300\$000 [...]*” (linha 7). Encontram-se na carta outros tempos verbais como: *Congiuntivo Imperfetto* indicando hipótese e Condicional Presente expressando uma incerteza no que está para dizer “[...] *ben sapendo anche mi desse ragione il frutto del mio lavoro se lo mangerebbero gli avvocati [...]*” (linhas 11 e 12), Subjuntivo (*Congiuntivo*) Presente “[...] *che siano proprio intenzionati di derubarmi?*” (linhas 14 e 15) que exprime uma dúvida e Futuro do Indicativo indicando uma esperança “[...] *ma spero che non vorranno più oltre continuare la commedia [...]*” (linhas 13 e 14).

É importante ressaltar o uso da ironia na carta, no trecho “*Non mi aspettavo di esser trattato così da gente onesta; ma spero che non vorranno più oltre continuare la commedia: che siano proprio intenzionati di derubarmi?*” (linhas 13 a 15). A ironia é construída, sobretudo, pelo uso da palavra “*commedia*” e pela frase interrogativa e dessa forma Francesco mostra indignação e faz a sua crítica.

O leitor-autor conclui a carta com uma opinião “*Ma mi pare che sarebbe ancora meglio se pagasse chi ha lavorato per essa.*”, mas na verdade o que ele espera é uma solução para o seu caso, receber o que lhe devem.

A carta termina com uma saudação ao redator e com a assinatura Francesco Sachi.

Formação dos adjetivos

Dos 7 adjetivos encontrados, 6 são simples (*canaglie*, *scrittorio*, *onesta*, *forte*, *buona*, *triste*) e 1 é derivado (*intenzionati*).

Termo encontrado	Processo morfológico	Processo sintático	Processo semântico	Palavra base
<i>intenzionato</i>	Sufixação + (-ato)(i)	$N \rightarrow A$	Indica estado	<i>intenzione</i>

Tabela 4.6. Formação dos adjetivos da carta 5

Quanto ao processo morfológico o adjetivo *intenzionati* é formado por sufixação.

Analisando o processo sintático, o adjetivo *intenzionati* sofreu mudança de classe gramatical:

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

intenzione – *intenzionati*

Abaixo segue a análise do sufixo encontrado na carta:

–ato em *intenzionati* indica estado (SENSINI, 2007; ZINGARELLI, 2001).

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

Padroni canaglie (título)

[...] importatrice di tipi tipografici, e di articoli di scrittorio [...] (linha 4)

Non mi aspettavo di esser trattato così da gente onesta; ma spero che non vorranno più oltre continuare la commedia: che siano proprio intenzionati di derubarmi? (linhas 13 e 14)

[...] stando al loro servizio ho fatto un forte debito. (linha 16)

E si che la famiglia Vallardi è una buona famiglia: si commove di tutto anche della triste sorte degli scioperanti. (linhas 17 e 18)

O adjetivo *intenzionati* possui função predicativa porque têm relação direta com o verbo, mas foi modificado pelo advérbio “*proprio*”. Com exceção do adjetivo *scrittorio*, que tem relação com o nome “*articoli*”, mas é ligado a ele através da preposição “*di*”, todos os outros adjetivos encontrados exercem função atributiva, pois estão diretamente ligados ao nome.

Os adjetivos *forte*, *buona* e *triste* estão antepostos ao nome e exercem função descritiva. Já os adjetivos *canaglie* e *onesta* estão pospostos ao nome e exercem função restritiva.

Normalmente os adjetivos *forte* e *buona* são usados pospostos ao nome para indicar qualidade, mas nessa carta eles estão antepostos ao nome para intensificar o conceito ou a imagem expressos no nome. (SERIANNI, 2006, p. 202)

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivo objetivo- *scrittorio*;

Adjetivos afetivos – *canaglie*;

Adjetivos não-axiológicos- não consta;

Adjetivos axiológicos- *canaglie*, *onesta*, *intenzionati*, *buona* e *triste*.

O adjetivo *forte* não é propriamente axiológico, ele se axiologizou no texto. *Canaglie* é ao mesmo tempo axiológico e afetivo.

Carta 6 – junho/1909²⁵

²⁵ Ver anexo 8.

Sulla scomparsa della Idalina

Amici de La Battaglia,

Ha prodotto qui ottima impressione la campagna iniziata negli ultimi due numeri della Battaglia sopra il tenebroso mistero che avvolge la scomparsa dell'Idalina dall'Orfanotrofio Cristoforo Colombo.

- 5 *Qui la bambina ha passato i primi anni della sua infanzia, come pure in tutta questa zona dove era molto conosciuta, è opinione generale che l'orfana infelice sia stata vittima di uno dei crimini nefandi che non rare volte si commettono impuniti, negli stabilimenti diretti da ecclesiastici. E questo giudizio sulla fine della povera Idalina è avvalorato dal silenzio eloquente del Giudice degli Orfani di cesti e delle*
10 *Direzione dell'Orfanotrofio, alla smentita categorica inserita sulla "Tribuna Italiana" del 1-2 aprile p.p. ad una lettera pubblicata nello stesso giornale del 23-24 marzo dal suddetto Giudice e ad un'altra del segretario dell' Orfanotrofio.*

- Questo silenzio loro è molto significativo. Trovarono il bisogno di rispondere colle due sopracitate lettere al riassunto della scomparsa della bambina pubblicata*
15 *un giorno o due prima nella "Tribuna", e tacquero prudentemente quando alle due lettere fu loro detto che mentivano sapendo di mentire?*

Procure, Sig. Ristori, i numeri surriferiti della Tribuna Italiana, ed avrà tutti gli elementi necessari per mettere in stato d'accusa i responsabili tutti dell'efferato delitto.

- 20 *Sarà un'opera di cui gliene sarà riconoscente non solo chi è interessato diretto nella scoperta della verità, ma gliene saranno grati tutti gli onesti.*

Augurandole che il nobile scopo sia coronato di esito felice, accetti i miei più cordiali saluti.

Bebedouro

25

22-6-09

Amico e (...)

Michele Stamato

Após a carta existe uma nota da redação, mas está ilegível.

Resumo: O leitor-autor, Michele Sfamato, escreve para elogiar o *La Battaglia*, pois o jornal estava ajudando na campanha para encontrar Idalina, uma menina desaparecida de um orfanato. Além disso, Michele comenta o desaparecimento, critica o silêncio dos responsáveis do orfanato e pede ao redator Oreste Ristori que procure informações sobre o caso no jornal *Tribuna Italiana*.

O título da carta é “*Sulla scomparsa della Idalina*”, não se sabe se o título foi dado pelo leitor ou pelo redator.

A carta é destinada à equipe do jornal, pois o leitor-autor usa “*Amici de La Battaglia*”, porém, logo depois Michele passa a falar com o redator do jornal, Oreste Ristori, usa a forma de tratamento “*signore*”, que é formal e percebe-se ainda que está implícito o uso do pronome “*Lei*”.

O texto é escrito nas terceiras pessoas do singular e do plural, somente na última frase o leitor-autor usa o pronome possessivo “*miei*” que remete a primeira pessoa do singular “*io*”.

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. Michele usa vários tempos para falar do desaparecimento de Idalina: *Passato Prossimo* do Indicativo, para mostrar ações concluídas no passado “*Qui la bambina ha passato i primi anni della sua infanzia [...]*” (linha 5); Imperfeito do Indicativo para indicar um passado não concluído “[...] *in tutta questa zona dove era molto conosciuta [...]*” (linha 6); *Congiuntivo Passato* para dar uma opinião “[...] *è opinione generale che l’orfana infelice sia stata vittima [...]*” (linhas 6 e 7); Presente do Indicativo para indicar o que eu estava acontecendo no momento “*Questo silenzio loro è molto significativo [...]*” (linha 13); *Passato Remoto* do Indicativo, indicando um passado mais distante “[...] *tacquero prudentemente quando alle due lettere fu loro detto [...]*” (linha 15) e Futuro do Presente para indicar algo que ainda estava para acontecer “[...] *avrà tutti gli elementi necessari [...]*” (linhas 17 e 18).

O leitor-autor conclui a carta desejando que *La Battaglia* consiga ajudar a resolver o caso, faz saudações, escreve o nome da cidade “Bebedouro” e assina como Michele Sfamato.

Formação dos adjetivos

Dos 19 adjetivos encontrados, 10 são simples (*ottima, nefandi, rare, povera, eloquente, suddetto, necessari, grati, felice, cordiali*), 2 adjetivos compostos (*sopracitate e surriferiti*) e 7 são derivados (*tenebroso, infelice, generale, significativo, categorica, efferrato e nobile*).

O adjetivo *sopracitate* é composto pela preposição *sopra* + o particípio do verbo *citare*, *citato* e *surriferiti* é composto da preposição *su* + o particípio do verbo *riferire*, *riferito*.

Termo	Processo	Processo	Processo	
-------	----------	----------	----------	--

encontrado	morfológico	sintático	semântico	Palavra base
<i>tenebroso</i>	Sufixação + (-oso)	$N \rightarrow A$	Indica abundância	<i>tenebra</i>
<i>infelice</i>	Prefixação + (in-)	Sem mudança de classe gramatical	Indica negação	<i>felice</i>
<i>generale</i>	Sufixação + (-ale)	$N \rightarrow A$	Indica relação	<i>genere</i>
<i>categorica</i>	Sufixação = (-ico)	$N \rightarrow A$	Indica relação	<i>categoria</i>
<i>significativo</i>	Sufixação + (-ivo)	$V \rightarrow A$	Indica qualidade e relação	<i>significare</i>
<i>efferato</i>	Sufixação + (-ato)	$N \rightarrow A$	Indica condição	<i>efferatezza</i>
<i>nobile</i>	Sufixação + (-ile)	$N \rightarrow A$	Indica condição	<i>nobiltà</i>

Tabela 4.7. Formação dos adjetivos da carta 6

Quanto ao processo morfológico dos sete adjetivos derivados, um é formado por prefixação e seis por sufixação.

Analisando o processo sintático, somente o adjetivo *infelice* não sofreu mudança de classe gramatical. Os outros que sofreram mudança podem ser descritos da seguinte forma:

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

tenebra – *tenebroso*

genere – *generale*

categoria - *categorica*

efferatezza – *efferato*

nobiltà - nobile

- do verbo ao adjetivo (adjetivação)

significare – significativo

Abaixo segue a análise dos prefixos e dos sufixos encontrados na carta:

O prefixo *–in* em *infelice* indica negação (TRIFONE; PALERMO, 2002).

Quanto aos sufixos:

- *oso* em *tenebroso* indica abundância, “cheio de”, no caso cheio de *tenebra* (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980; SENSINI, 2007; ZINGARELLI, 2001).

-*ale* em *generale* indica relação, pois *generale* é relativo a *genere* (THORNTON, 1992).

-*ivo* em *significativo* indica a qualidade da ação no ato, na sua realização (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980) e também significa “relativo a”, no caso relativo a *significare* (SENSINI, 2007).

-*ico* em *categorica* substitui o sufixo da base (*categoria – categorica*) e segundo Sensini (2007), esse sufixo significa “o que se refere a”, sendo assim *categorica* se refere à *categoria*, formando um adjetivo de relação (SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992).

-*ato* em *efferato* indica condição, estado (SENSINI, 2007; ZINGARELLI, 2001).

-*ile* em *nobile* indica “típico de”, condição, isto é, que pertence a *nobiltà*, próprio a *nobiltà* (SENSINI, 2007; ZINGARELLI, 2001).

Tanto o sufixo *–oso* quanto o *–ile* formam adjetivos de relação como *tenebroso* e *nobile* (SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992).

O adjetivo *ottima* é considerado um superlativo absoluto orgânico (SERIANNI, 2006; TRIFONE; PALERMO, 2002).

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

Ha prodotto qui ottima impressione [...] (linha 2)

[...] della Battaglia sopra il tenebroso mistero [...] (linha 3)

[...] è opinione generale che l'orfana l'orfana infelice sia stata vittima di uno dei crimini nefandi che non rare volte si commettono impuniti [...] (linhas 6 e 7)

E questo giudizio sulla fine della povera Idalina è avvalorato dal silenzio eloquente del Giudice degli Orfani [...] (linhas 8 e 9)

[...] alla smentita categorica inserita sulla "Tribuna Italiana" [...] (linha 10)

[...] nello stesso giornale del 23-24 marzo dal suddetto Giudice [...] (linha 12)

Questo silenzio loro è molto significativo. Trovarono il bisogno di rispondere colle due sopracitate lettere al riassunto della scomparsa della bambina [...] (linhas 13 e 14)

Procure, Sig. Ristori, i numeri surriferiti della Tribuna Italiana, ed avrà tutti gli elementi necessari per mettere in stato d'accusa i responsabili tutti dell'efferato delitto. (linhas 17 e 18)

[...] ma gliene saranno grati tutti gli onesti [...] (linha 21)

Augurandole che il nobile scopo sia coronato di esito felice, accetti i miei più cordiali saluti. (linhas 22 e 23)

Os adjetivos *significativo* e *grati* estão ligados ao verbo, possuem função predicativa, porém *significativo* foi modificado pelo advérbio “*molto*”. Todos os outros adjetivos qualificativos encontrados na carta possuem função atributiva, pois estão diretamente ligados ao nome.

Os adjetivos *ottima*, *tenebroso*, *rare*, *povera*, *suddetto*, *sopracitate*, *efferato*, *nobile* e *cordiali* estão antepostos ao nome e exercem função descritiva. Já os adjetivos *infelice*, *nefandi*, *eloquente*, *generale*, *categorica*, *surriferiti*, *necessari* e *felice* estão pospostos ao nome e exercem função restritiva.

É interessante analisar a posição do adjetivo *povera* na carta, pois quando posposto ao nome esse adjetivo significa pobre contrário de rico, mas nesse caso por estar anteposto ao nome *povera* tem função de epíteto e significa infeliz, sem sorte (SENSINI, 2007).

Por serem adjetivos de relação, *tenebroso* e *categorica* são usados exclusivamente o preferivelmente pospostos ao nome (SENSINI, 2007, p. 139).

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivos objetivos – *generale, suddetto, sopracitate* e *surriferiti*;

Adjetivos afetivos – *ottima, tenebroso, nefandi, infelice* e *efferato*;

Adjetivos não-axiológicos- *rare, significativo* e *necessari*;

Adjetivos axiológicos- *ottima, infelice, nefandi, eloquente, categorica, efferato, grati, nobile, felice* e *cordiali*.

O adjetivo *povera* não é exatamente axiológico, ele se axiologizou na carta, especialmente porque está anteposto ao nome.

Os adjetivos *ottima, nefandi, infelice* e *efferato* são ao mesmo tempo axiológicos e afetivos.

Carta 7 - 03/10/1909²⁶

Riceviamo e pubblichiamo:

Egregio redattore de La Battaglia

5 *Avendo letto nel Fanfulla del 26 Settembre una corrispondenza di “un italiano”, che abusando – benchè non sappia scrivere – della buona fede del corrispondente si dilettò a dire un monte di sciocchezze, affermando che la commemorazione Regia e Papalina del XX Settembre sarebbe riuscita più solenne, se alcuni italiani non si fossero messi a far baccano.*

Qui è necessario svelare l'insidia. Infatti la commemorazione avrebbe avuto luogo nel più perfetto ordine, se un cicalone, pretensioso per quanto ignorante, non si

²⁶ Ver anexo 9.

fosse messo – dimenticandosi la fine del potere temporale dei preti, dei re loro (...) o di
 10 tutti gli orrori che insieme e d'accordo hanno macchiato la storia – a far il panerigico
 della casa Savoia, del dolore di Margherita e delle poppe di Elena. Naturalmente questo
 guazzabuglio rivoltò lo stomaco di quanti sanno che la casa Savoia – oh, Famara
 balossada, del re stupratore – fa portata a Roma da quella che oggi è registrata nella
 storia col nome di rivoluzione italiana. Vittorio Emanuele II non si oppose anche con la
 15 forza, mettendo le truppe regie contro l'esercito garibaldino che andava a togliere Roma
 ai preti? In questo scontro di Aspromonte i soldati del re non fecero strage di garibaldini
 e ferirono Garibaldi? Provatevi un po' a negarlo. Vittorio Emanuele II, il traditore di
 Custozza, in cui stette immobile con le truppe, mentre suo padre e suo fratello, il duca di
 Genova combattevano; Vittorio Emanuele II il traditore delle prima battaglia di
 20 Custozza, come (...), per ordine superiore, fu il traditore di Lizza, nel 70 andò a Roma
 per non perder il trono. Dunque coloro che protestarono avevano ragione.

Ma a parlare di storia agli imbecilli non ne vale la pena, come non vale la pena
 di rispondere alle insinuazioni di certi beceri, che mettono in dubbio l'onestà di cittadini
 che hanno sempre vissuto del proprio lavoro, senza far pompa di titoli come quel tale
 25 Luigi Bonito Netto – il calunniatore- che da sè si è rilasciata la patente di professore.

Sorocaba

Alcuni Operai

Resumo: O leitor-autor, que representa um grupo, começa criticando um outro leitor que escreveu para o jornal para falar que alguns italianos criaram confusão na comemoração “*Regia e Papalina del XX Settembre*”. Diz ainda que a festa não foi mais solene porque esse outro leitor compareceu a comemoração. Continua o texto falando de alguns fatos históricos e conclui dizendo que não adianta nada falar de história para um imbecil.

A carta não possui título e tem como destinatário o redator do jornal. O leitor-autor usa a forma de tratamento “*Egregio*”, que é formal.

O texto é escrito na terceira pessoa do singular porque o leitor-autor está falando de um outro leitor, contudo existem também frases impessoais.

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. Como durante a carta mencionam-se fatos históricos, os tempos verbais mais utilizados foram: *Passato Remoto* do Indicativo para mostrar um tempo passado concluído “[...] si dilettò a dire un monte di sciocchezze [...]” (linha 4), Imperfeito do Indicativo indicando uma ação não concluída no passado “[...] l'esercito garibaldino che andava a togliere Roma ai preti? [...]” (linhas 15 e 16)

e *Passato Prossimo* do Indicativo para indicar uma ação concluída no passado, mas com efeitos que perduram no presente “[...] *l’onestà di cittadini che hanno sempre vissuto del proprio lavoro [...]*” (linhas 23 e 24).

Chama a atenção na carta o uso da ironia em “*Avendo letto nel Fanfulla del 26 Settembre una corrispondenza di “un italiano” che abusando – benchè non sappia scrivere – della buona fede del corrispondente si diletto a dire un monte di sciocchezze [...]*” (linhas 2 a 4). A ironia é construída pelo leitor-autor, especialmente, pelo uso das aspas em “*un italiano*”, pois dessa forma ele põe em dúvida o fato do outro leitor dizer que era italiano, porque para ele uma pessoa pretensiosa não poderia ser italiana. Outro recurso utilizado na construção da ironia é a explicação “*benchè non sappia scrivere*”, onde o leitor-autor desclassifica o outro leitor, dizendo que ele não sabia escrever.

No final da carta consta o nome da cidade, Sorocaba, e a assinatura “*Alcuni Operai*”, isto é, ou a pessoa não queria se identificar ou estava escrevendo em nome de um grupo.

Formação dos adjetivos

Dos 10 adjetivos encontrados, 5 são simples (*egregio, buona, solenne, perfetto e superiore*) e 5 são derivados (*pretensioso, temporale, italiana, garibaldino, immobile*).

O adjetivo *superiore* é considerado um comparativo orgânico (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980; SERIANNI, 2006).

Termo encontrado	Processo morfológico	Processo sintático	Processo semântico	Palavra base
<i>pretensioso</i>	Sufixação + (-oso)	$N \rightarrow A$	Indica abundância	<i>pretesa</i>

<i>temporale</i>	Sufixação + (-ale)	$N \rightarrow A$	Indica estado	<i>tempo</i>
<i>italiana</i>	Sufixação + (-ano)(a)	$N \rightarrow A$	Indica origem	<i>Italia</i>
<i>garibaldino</i>	Sufixação + (-ino)	$N \rightarrow A$	Indica relação	<i>Garibaldi</i>
<i>immobile</i>	Prefixação + (im-)	Sem mudança de classe gramatical	Indica negação	<i>mobile</i>

Tabela 4.8. Formação dos adjetivos da carta 7

Quanto ao processo morfológico dos adjetivos derivados quatro são formados por sufixação e um por prefixação.

Analisando o processo sintático, um adjetivo não sofreu mudança de classe gramatical (*immobile*), porém os outros quatro que sofreram mudança de classe gramatical, são descritos abaixo:

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

pretesa – pretensioso

tempo - temporale

Italia – italiana

Garibaldi – garibaldino

Abaixo segue a análise dos prefixos e dos sufixos encontrados na carta:

O único adjetivo formado por prefixação, *immobile*, possui o prefixo *im-* indicando negação (TRIFONE; PALERMO, 2002).

Quanto aos sufixos:

–*oso* em *pretensioso* indica caracterização e abundância, cheio de *pretese* (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980; SENSINI, 2007; ZINGARELLI, 2001).

–*ale* em *temporale* indica estado, condição (SENSINI, 2007; ZINGARELLI, 2001) e forma um adjetivo de relação (THORNTON, 1992).

–*ano* indica origem, habitante de um lugar, no caso *italiana* que é originária da *Italia*, sendo que *italiana* é considerado um adjetivo étnico (SENSINI, 2007; THORNTON, 1992; TRIFONE; PALERMO, 2002; ZINGARELLI, 2001).

- *ino* em *garibaldino* indica relativo a *Garibaldi*, o sufixo forma um adjetivo de “âmbito histórico-político” (SERIANNI, 2006, p. 648).

Os sufixos –*oso* e –*ano* formam adjetivos de relação como *pretensioso* e *italiana* (SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992).

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

Egregio redattore de La Battaglia (linha 1)

[...] della buona fede del corrispondente [...] (linha 3)

[...]che la commemorazione Regia e Papalina del XX Settembre sarebbe riuscita più solenne, se alcuni italiani non si fossero [...] (linhas 4 e 5)

Infatti la commemorazione avrebbe avuto luogo nel più perfetto ordine, se un cicalone, pretensioso per quanto ignorante, non si fosse messo – dimenticandosi la fine del potere temporale dei preti [...] (linhas 7 a 9)

[...] registrata nella storia col nome di rivoluzione italiana. Vittorio Emanuele II non si oppose anche con la forza, mettendo le truppe regie contro l'esercito garibaldino [...] (linhas 14 e 15)

[...] Vittorio Emanuele II, il traditore di Custozza, in cui stette immobile con le truppe [...] (linhas 17 e 18)

[...] per ordine superiore, fu il traditore di Lizza [...] (linha 20)

Os adjetivos *solenne* e *immobile* estão ligados ao verbo, tendo função predicativa, porém *solenne* foi modificado pelo advérbio “*più*”. Todos os outros adjetivos qualificativos encontrados na carta possuem função atributiva, pois estão diretamente ligados ao nome.

Os adjetivos *egregio*, *buona* e *perfetto* estão antepostos ao nome e exercem função descritiva. Já os adjetivos *pretensioso*, *temporale*, *italiana*, *garibaldino* e *superiore* estão pospostos ao nome e exercem função restritiva.

Os adjetivos *pretensioso* e *temporale* devem ser usados exclusivamente ou preferivelmente pospostos ao nome, porque são considerados adjetivos de relação e o adjetivo *italiana* porque indica nacionalidade. O adjetivo *perfetto* aparece posposto ao nome porque foi modificado pelo advérbio *più* e porque a frase tem valor descritivo (SENSINI, 2007, p. 139).

O adjetivo *buono* quando usado posposto ao nome indica qualidade, mas nessa carta *buona* está anteposto ao nome para intensificar o conceito ou a imagem expressa no nome (SERIANNI, 2006, p. 202).

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivos objetivos – *temporale*, *garibaldino*, *italiana*, *immobile* e *superiore*;

Adjetivos afetivos – não consta;

Adjetivos não-axiológicos- não consta;

Adjetivos axiológicos- *egregio*, *buona*, *solenne*, *perfetto* e *pretensioso*.

Carta 8 - out/ 1909²⁷

Riceviamo e pubblichiamo:

Carissimi compagni de La Battaglia

Concedetemi un poco di spazio nel vostro battagliero giornale, onde possa liberamente dire quattro paroline nell'orecchio dei signori scribacchini, redattori del locale giornale il Correio do Salto, che da diverse settimane sputano velenosa bava al mio indirizzo.

Sono convintissimo che perdere il tempo in discussioni con questi signori, duri di comprendonio, sia come lavar la testa all'asino, ma però essendoci tirato pei capelli da quell'arca di scienza che compone la redazione del suddetto giornale, sono in diritto di defendermi, e per quanto nemico dei pettegolezzi e delle polemiche, è giocoforza per salvaguardare il mio onore, rispondere esaurientemente a questi scimuniti scribi, per tapar loro la bocca.

Premesso ciò, passo a trattare dell'argomento. Essendo comparse in diversi numeri della Battaglia delle corrispondenze firmate collo pseudonimo Ribelle hanno a torto per assoluta mancanza di prove incolpato il sottoscritto come autore e responsabile delle dure e giuste critiche alla presente dominante Camera municipale e all'operato poco coerente del loro beniamino sig. Dott. Arturo de Almeida, allo scopo loiolesco di farmi licenziare dal modestissimo impiego che occupo credo onoratamente, non pregiudicando gl'interessi di nessun operario nella fabbrica della Compagnia Italo Americana, e vendicarsi così bassamente, facendomi allontanare dal paese, per mancanza di lavoro, e per liberarsi – dicono loro – dagli attacchi violenti di un pericolosissimo anarchico!

Sono anarchico e me ne vanto, a marcio dispetto di lor signori ed appunto perché sono tale, credo di essere un uomo libero, scevro d'ogni e qualsiasi pregiudizio da non meritarmi simili infamanti aggettivi corrispondenti alla firma dei loro inconcludenti trafiletti, che io, e con ragione, non posso accettare, interessandomi con sollecitudine di rimandarli telegraficamente al suo legittimo destinatario.

Ma cosa credete, o vibrioni, che con tali epiteti e con baggianesche critiche d'insozzare la mia onestissima persona? Oh, poveri ingenui, disilludetevi! Il popolo lavoratore cosciente è là pronto per distruggere, testimoniando, tutte le vostre assurde accuse.

Stando a questo punto le cose, concludo, dichiarando, senza rancore nè odio, compiangervi per le vostre insulse escandescenze, piuttosto che disprezzarvi, e perciò non continuerò impavido per il mio retto cammino, orgogliosamente sfidando persecuzioni e mi serie e ripetendo le giustissime parole del Dante. Non ti curar di lor, ma guarda e passar seguitando, per quanto lo permetteranno le mie forze, a lottare per la santa causa proletaria fino alla completa redenzione dell'umanità intera.

E per oggi basta.

E a voi carissimi compagni della Battaglia, per l'ospitalità concessami, un ringraziamento dal vostro e per l'idea.

Salto de Itu

Scipione Del Moro

²⁷ Ver anexo 10.

N. d. R. I cani arrabbiati del Salto hanno già accusato mezzo mondo di mandarci delle corrispondenze sulle loro poco onorevoli gesta, ma non ne hanno mai infilata una. E sì che dovrebbero essere ammaestrati: un buon numero di persone accusate di esser nostri corrispondenti sono ora migliaia di migliaia lontani dal Brasile, ma non per tanto continuiamo ad essere informati. Il compagno Del Moro non ci ha mandata nessuna corrispondenza, per cui le abbaiate del signor Spia (che bel nome gli ha suggerito la sua spudoratezza) sono proprio dirette alla luna.

Resumo: O leitor-autor, Scipione Del Moro, escreve para criticar os redatores do jornal *Correio do Salto* e para defender-se. Ele começa a carta pedindo espaço ao periódico *La Battaglia* para escrever para os redatores do jornal *Correio do Salto*. Depois diz que é perda de tempo discutir com esses redatores, mas que ele precisa se defender das calúnias e das acusações existentes sobre ele e conclui dizendo que se orgulhava de ser anarquista e que continuaria lutando pela causa proletária.

A carta não possui título e é interessante notar que existem dois destinatários: a equipe do *La Battaglia* porque o leitor-autor escreve “*Carissimi compagni de La Battaglia*” e os redatores do jornal *Correio do Salto*, dessa forma Scipione trata ambos por “voi”.

O texto é escrito na primeira pessoa do singular, “*io*”, pois o leitor-autor estava dando a sua opinião e se defendendo.

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. É usado principalmente o Presente do Indicativo para indicar a situação atual de Scipione “*Sono convintissimo che perdere il tempo in discussioni con questi signori [...]*” (linha 6), mas existem outros tempos como Presente do Subjuntivo (*Congiuntivo*) para mostrar uma suposição “[...] *sia come lavar la testa all’asino [...]*” (linha 7) , Imperativo Afirmativo para dar uma ordem “[...] *Oh, poveri ingenui, disilludetevi!*” (linha 28) e Futuro do Indicativo indicando uma ação que ainda estava para acontecer “[...] e *perciò non continuerò impavido per il mio retto cammino [...]*” (linha 33).

Chama a atenção a ironia neste trecho da carta: “[...] *Sono convintissimo che perdere il tempo in discussioni con questi signori, duri di comprendonio, sia come lavar la testa all’asino, ma però essendoci tirato pei capelli da quell’arca di scienza che compone la redazione del*

suddetto giornale [...]” (linhas 6 a 8). Para construir a ironia o leitor-autor utilizou-se de duas expressões: “*lavar la testa all’asino*” e “*arca di scienza*” e, assim, obteve o seu objetivo que era criticar os redatores do jornal *Correio do Salto*.

No final da carta Scipione Del Moro agradece o jornal *La Battaglia*, conclui com a frase “*E per oggi basta*”, escreve o nome da cidade, Salto de Itu, e assina.

Ao final da carta existe uma nota²⁸ escrita pela redação do jornal *La Battaglia* defendendo o leitor Scipione Del Moro, dizendo que ele não havia mandado anteriormente nenhuma correspondência para o jornal.

Formação dos adjetivos

Na carta foram encontrados 39 adjetivos (tendo em conta as repetições), sendo 21 simples (*duri(e)* (2), *suddetto*, *scimuniti*, *assoluta*, *giuste*, *coerente*, *violenti*, *libero*, *scevro*, *simili*, *legittimo*, *poveri*, *ingenui*, *assurde*, *insulse*, *retto*, *santa*, *proletaria*, *completa*, *intera*) e 18 derivados (*carissimi* (2), *battagliero*, *velenosa*, *convintissimo*, *responsabile*, *municipale*, *loiolesco*, *modestissimo*, *pericolosissimo*, *anarchico* (2), *inconcludenti*, *baggianesche*, *onestissima*, *lavoratore*, *giustissime*, *impavido*).

Termo encontrado	Processo morfológico	Processo sintático	Processo semântico	Palavra base
<i>carissimi</i>	Sufixação + (-issimo)(i)	Sem mudança de classe gramatical	Indica intensificação-Superlativo absoluto	<i>caro</i>
<i>battagliero</i>	Sufixação + (-iero)	N → A	Indica qualidade	<i>battaglia</i>
<i>velenosa</i>	Sufixação + (-oso)	N → A	Indica qualidade e abundância	<i>veleno</i>
<i>convintissimo</i>	Sufixação + (-issimo)	Sem mudança de classe	Indica intensificação-Superlativo absoluto	<i>convinto</i>

²⁸ A nota da redação não faz parte da análise.

		gramatical		
<i>responsabile</i>	Sufixação + (-ile)	$N \rightarrow A$	Indica relação	<i>responsabilità</i>
<i>municipale</i>	Sufixação + (-ale)	$N \rightarrow A$	Indica qualidade	<i>municipio</i>
<i>loiolesco</i>	Sufixação + (-esco)	$N \rightarrow A$	Indica valor pejorativo	<i>Loyola</i>
<i>modestissimo</i>	Sufixação + (-issimo)	Sem mudança de classe gramatical	Indica intensificação-Superlativo absoluto	<i>modesto</i>
<i>pericolosissimo</i>	Sufixação + (-issimo)	Sem mudança de classe gramatical	Indica intensificação-Superlativo absoluto	<i>pericoloso</i>
<i>anarchico</i>	Sufixação + (-ico)	$N \rightarrow A$	Indica relação	<i>anarchia</i>
<i>inconcludenti</i>	Prefixação + (in-)	Sem mudança de classe gramatical	Indica negação	<i>concludente</i>
<i>baggianesche</i>	Sufixação +(-esco)	Sem mudança de classe gramatical	Indica valor pejorativo	<i>baggiano</i>
<i>onestissima</i>	Sufixação + (-issimo)	Sem mudança de classe gramatical	Indica intensificação-Superlativo absoluto	<i>onesto</i>
<i>lavoratore</i>	Sufixação + (-tore)	$V \rightarrow A$	Indica ação	<i>lavorare</i>
<i>giustissime</i>	Sufixação + (-issimo)	Sem mudança de classe gramatical	Indica intensificação-Superlativo absoluto	<i>giusto</i>
<i>impavido</i>	Prefixação	Sem mudança	Indica negação	

	+ (<i>im-</i>)	de classe gramatical		<i>pavido</i>
--	------------------	-------------------------	--	---------------

Tabela 4.9. Formação dos adjetivos da carta 8

Quanto ao processo morfológico somente *inconcludenti* e *impavido* são formados por prefixação, todos os outros são formados por sufixação.

Analisando o processo sintático, dez adjetivos derivados não sofreram mudança de classe gramatical (*carissimi* (2), *convintissimo*, *modestissimo*, *pericolosissimo*, *inconcludenti*, *baggianesche*, *onestissima*, *giustissime*, *impavido*), os outros que sofreram mudança de classe gramatical são descritos abaixo:

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

battaglia - *battagliero*

veleno – *velenosa*

responsabilità – *responsabile*

municipio – *municipale*

Loyola – *loiolesco*

anarchia - *anarchico*

- do verbo ao adjetivo (adjetivação)

lavorare - *lavoratore*

Abaixo segue a análise dos prefixos e dos sufixos encontrados na carta:

Os prefixos *im-* em *impavido* e *in-* em *inconcludenti* indicam negação (TRIFONE; PALERMO, 2002).

Quanto aos sufixos pode-se dizer que:

-*iero* em *battagliero* indica qualidade (ZINGARELLI, 2001).

-*oso* em *velenoso* indica caracterização e “cheio de”, no caso cheio de *veleno* (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980; SENSINI, 2007; ZINGARELLI, 2001).

-*ile* em *responsabile* indica “relativo a”, no caso relativo a *responsabilità* (THORNTON, 1992).

-*ale* pode indicar qualidade como em *municipale* (SENSINI, 2007; ZINGARELLI, 2001).

-*esco* indica qualidade e muitas vezes é pejorativo como em *loiolesco* e *baggianesche* (SERIANNI, 2006; TRIFONE; PALERMO, 2002; ZINGARELLI, 2001).

-*tore* indica quem realiza uma ação, é usado para agente, como em *lavoratore*, porém normalmente *lavoratore* é substantivo, nessa carta ele aparece como adjetivo (THORNTON, 1992; ZINGARELLI, 2001).

-*ico* em *anarchico* substitui o sufixo da base (*anarchia* - *anarchico*) e segundo Sensini (2007), esse sufixo nesses casos significa “o que se refere a”, sendo assim *anarchico* se refere a *anarchia*, formando assim um adjetivo de relação (SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992).

É importante mencionar também que os sufixos -*oso*, -*ile*, -*ale* e -*ico* formam adjetivos de relação como *velenoso*, *responsabile*, *municipale* e *anarchico* (SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992).

Na carta foram encontrados sete superlativos absolutos sintéticos: *carissimi* (2), *convintissimo*, *modestissimo*, *pericolosissimo*, *onestissimi*, *giustissime* formados pelo sufixo -*issimo*, que gera uma intensificação.

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

Carissimi *compagni de La Battaglia* (linha 1)

[...] *nel vostro battagliero giornale* [...] (linha 2)

[...] *che da diverse settimane sputano velenosa bava al mio indirizzo.* (linha 4)

Sono convintissimo che perdere il tempo in discussioni con questi signori, duri di comprendonio [...] (linhas 6 e 7)

[...] quell'arca di scienza che compone la redazione del suddetto giornale[...] (linha 8)

[...] rispondere esaurientemente a questi scimuniti scribi, per tapar loro la bocca. (linha 10)

[...] hanno a torto per assoluta mancanza di prove incolpato il sottoscritto come autore e responsabile delle dure e giuste critiche alla presente dominante Camera municipale e all'operato poco coerente del loro beniamino sig. Dott. Arturo de Almeida, allo scopo loiolesco di farmi licenziare di farmi licenziare dal modestissimo impiego [...] (linhas 14 a 17)

[...] dagli attacchi violenti di un pericolosissimo anarchico! (linhas 20 e 21)

[...] Sono anarchico e me ne vanto [...] (linha 22)

[...]credo di essere un uomo libero, scevro d'ogni e qualsiasi pregiudizio da non meritarmi simili infamanti aggettivi corrispondenti alla firma dei loro inclocudenti trafiletti, che io, e con ragione, non posso accettare, interessandomi con sollecitudine di rimandarli telegraficamente al suo legittimo destinatario. (linhas 23 a 26)

[...]con baggianesche critiche d'insozzare la mia onestissima persona? Oh, poveri ingenui, disilludetevi! Il popolo lavoratore cosciente è là pronto per distruggere, testimoniando, tutte le vostre assurde accuse. (linhas 27 a 30)

[...] compiangervi per le vostre insulse escandescenze, piuttosto che disprezzarvi, e perciò non continuerò impavido per il mio retto cammino , orgogliosamente sfidando persecuzioni e mi serie e ripetendo le giustissime parole del Dante. (linhas 32 a 34)

[...] a lottare per la santa causa proletaria fino alla completa redenzione dell'umanità intera. (linhas 35 e 36)

E a voi carissimi compagni [...] (linha 38)

Os adjetivos *convintissimo*, *anarchico* (linha 22) e *impavido* possuem função predicativa porque têm relação direta com o verbo. O adjetivo *responsabile* está relacionado ao nome “sottoscritto”, mas não está ligado diretamente a ele e o adjetivo *coerente* está relacionado ao nome “operato”, mas foi modificado pelo advérbio “poco”. Os adjetivos *anarchico* (linha 21) e

ingenui (linha 28) estão ligados a adjetivos. O adjetivo *poveri* está anteposto a um adjetivo. Todos os outros adjetivos possuem função atributiva, pois estão diretamente ligados ao nome.

Os adjetivos *carissimi* (2) (linhas 1 e 38), *battagliero*, *velenosa*, *suddetto*, *scimuniti*, *assoluta*, *dure* (linha 15), *giuste*, *modestissimo*, *simili*, *inconcludenti*, *legittimo*, *baggianesche*, *onestissima*, *assurde*, *insulse*, *retto*, *giustissime*, *santa* e *completa* estão antepostos ao nome e exercem função descritiva. Já os adjetivos *duri* (linha 6), *municipale*, *coerente*, *loiolesco*, *violenti*, *libero*, *scevro*, *lavoratore*, *proletaria* e *intera* estão pospostos ao nome e exercem função restritiva.

Por serem considerados adjetivos de relação *velenosa*, *municipale*, *loiolesco* e *baggianesche* são usados exclusivamente ou preferivelmente pospostos ao nome (SENSINI, 2007, p. 139).

O adjetivo *anarchico* (linha 21) segue outro adjetivo *pericolosissimo* e o adjetivo *ingenui* está posposto ao adjetivo *poveri*.

Em “[...] *la santa causa proletaria* [...]” (linha 35), o adjetivo *santa* está anteposto ao nome indicando um conceito genérico e *proletaria* está posposto ao nome indicando um conceito específico (SENSINI, 2007, p. 139).

Para Sensini (2007, p.139), normalmente adjetivos alterados são colocados pospostos ao nome, os superlativos são considerados alterados. Na carta foram encontrados sete superlativos absolutos, desses 1 tem ligação direta com o verbo (*convintissimo*) e 6 estão antepostos ao nome (*carissimi*(2), *modestissimo*, *pericolosissimo*, *onestissima*, *giustissime*), dessa forma os superlativos estão ocupando uma posição que não é comum e por isso, expressam grande subjetividade.

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivos objetivos – *suddetto*, *simili*, *leggitimo*, *municipale*, *anarchico* (2), *lavoratore*, *proletaria*, *completa* e *intera*;

Adjetivos afetivos – *velenosa, scimuniti, giuste, loiolesco, violenti, assurde, insulse e santa;*

Adjetivos não-axiológicos – *assoluta, responsabile e libero;*

Adjetivos axiológicos- *carissimi (2), battagliaiero, velenosa, convintissimo, scimuniti, giuste, coerente, loiolesco, modestissimo, violenti, pericolosissimo, scevro, baggianesche, onestissima, ingenui, assurde, insulse, impavido, santa e giustissime.*

Os adjetivos *duri (e), poveri, inconcludenti e retto* não são exatamente axiológicos, eles se axiologizaram na carta.

Os adjetivos *velenosa, scimuniti, giuste, loiolesco, violenti, assurde, insulse e santa* são ao mesmo tempo axiológicos e afetivos.

Carta 9 - 22/07/1911²⁹

Una lettera perduta

A Sua Eccellenza

1° Console d'Italia in São Paulo

Preclaro signore,

5 *Da tre anni lavoravo nella fazenda Pinheirinho di cui è proprietario il dottor Alfredo (...) l'amministratore e il direttore dei coloni di questa fazenda hanno il viziaccio infame di dileggiare e quel che è peggio maltrattare i poveri figli del lavoro in special modo quegli italiani di origine.*

10 *Ora è d'uopo che S.E. sappia che il sottoscritto è un povero padre di famiglia con quattro figli minorenni e la moglie, ciò vuol dire che unicamente due braccia potevo asservire al lavoro della fazenda, quando tre mesi or sono caddi ammalato e non potetti lavorare per trenta giorni. Da qui e per questo fui lo zimbello degli impiegati della fazenda e ai loro maltrattamenti io, sempre paziente mai mi lamentai. Alfine non potendo io più sopportare le loro vessazioni e impotente di reagire primieramente, perché ho famiglia e in secondo luogo l'è una fazenda quella piena di*
15 *capangas con i quali la ragione non vale, risolvetti 15 giorni fa di abbandonare la fazenda di non ricevere il mio (...) e mi dipartii dalla famiglia con la speranza che il fazendeiro o chi per esso di (...) a pochi giorni la lasciassero libera per andare onde meglio credeva, naturalmente veniva a raggiungermi; ma fin oggi non la vedo, il che mi fa credere che non ha libertà di uscire dalla fazenda. Ho lasciato la moglie e due*
20 *figli ammalati e non v'è chi li prende a cura a non essere io, per cui mi dirigo alla S.V. Ill.ma. d'intercedere verso l'autorità del paese a benignarsi di volermi fa riavere la famiglia. Oltre ciò le comunico che necessitando io d'un po' di latte per i miei figli infermi l'umano padrone mi rispose che il latte serve per il suo vitello e per il cane. Un certo Cappelletti colono della medesima fazenda fece pure come me, abbandonò*
25 *il lavoro dopo tre giorni riebbe la famiglia, invece la mia è da 15 giorni che non ha libertà di uscire da essa.*

In attesa che la E.V. Illma voglia prendere a cuore tale fatto, la riverisce umilmente il

Di S.E. Illma. Servo

30

Pietro Amante

Araraquara, 14 luglio 1911

²⁹ Ver anexo 11.

Resumo: O leitor-autor começa a carta contando a sua história, explicando que trabalhava em uma fazenda na qual sofria maus-tratos, ficou doente e precisou fugir de lá. Na fuga ele não pôde levar sua família, a mulher e quatro filhos, e acreditou que em pouco tempo os reveria, porém eles ficaram presos na fazenda. Ele conclui a carta pedindo que o Cônsul interceda e que tire sua família da fazenda.

Quanto ao título da carta “*Una lettera perduta*”, não é possível saber se ele foi dado pelo leitor-autor ou pelo redator do jornal.

O destinatário é o “*1° Console d’Italia in São Paulo*” e quanto às formas de tratamentos, Pietro Amante usa “*Sua Eccellenza*”, “*Preclaro signore*”, “*S.V. Ill.ma*”, “*E.V. Illm.a*”, todas formais e ele trata o Cônsul pela terceira pessoa do singular, “*Lei*”, que está implícita.

O texto foi escrito na primeira pessoa do singular “*io*”, pois se trata de um depoimento pessoal e o leitor está solicitando ajuda para a sua família.

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. Pietro Amante usa vários tempos verbais, mas os mais comuns são: Imperfeito do Indicativo para mostrar uma ação não concluída no passado, “[...] *Da tre anni lavoravo nella fazenda Pinheirinho [...]*” (linha 4), Presente do Indicativo para expressar o que estava acontecendo no momento “[...] *il direttore dei coloni di questa fazenda hanno il viziaccio infame di dileggiare [...]*” (linhas 5 e 6), *Passato Prossimo* do Indicativo para indicar uma ação concluída no passado, mas com efeitos no presente “*Ho lasciato la moglie [...]*” (linha 20) e *Passato Remoto* do Indicativo mostrando uma ação concluída no passado “[...] *mi dipartii dalla famiglia [...]*” (linhas 16 e 17).

O leitor-autor conclui a carta dizendo que esperava que o Cônsul o ajudasse, assina e escreve o local e a data “*Araraquara, 14 luglio 1911*”.

Formação dos adjetivos

Foram encontrados 14 adjetivos (tendo em conta as repetições), 11 simples (*preclaro, infame, peggio, poveri* (2), *special, piena, libera, ammalati, infermi, umano*) e 3 derivados (*minorenni, paziente, impotente*).

Nessa carta *peggio* é usado como um adjetivo e é considerado um comparativo (BATTAGLIA; PERNICONE, 1980; SERIANNI, 2006).

Termo encontrado	Processo morfológico	Processo sintático	Processo semântico	Palavra base
<i>minorenni</i>	Sufixação + (-enne)	$N \rightarrow A$	Indica anos de idade	<i>minore</i>
<i>paziente</i>	Sufixação + (-ente)	$N \rightarrow A$	Indica condição	<i>pazienza</i>
<i>impotente</i>	Prefixação + (im-)	Sem mudança de classe gramatical	Indica negação	<i>potente</i>

Tabela 4.10. Formação dos adjetivos da carta 9

Quanto ao processo morfológico dos três adjetivos derivados, dois são formados por sufixação e um por prefixação.

Analisando o processo sintático *impotente* não sofreu mudança de classe gramatical e os outros dois adjetivos sofreram mudança:

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

minore - *minorenne*

pazienza – *paziente*

Abaixo segue a análise dos prefixos e dos sufixos encontrados na carta:

O prefixo *-im* em *impotente* indica negação (SENSINI, 2007; TRIFONE; PALERMO, 2002).

Quanto aos sufixos:

-ente em *paziente* indica condição (ZINGARELLI, 2001).

-enne em *minorenne* indica os anos de idade (ZINGARELLI, 2001).

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

Preclaro *signore* (linha 3)

[...] *fazenda hanno il viziaccio infame di dileggiare e quel che è peggio maltrattare i poveri figli del lavoro in special modo quegli italiani di origine.* (linhas 5 a 7)

[...] *che il sottoscritto è un povero padre di famiglia con quattro figli minorenni e la moglie [...]* (linhas 8 e 9)

[...] *e ai loro maltrattamenti io, sempre paziente mai mi lamentai.* (linha 12)

[...] *le loro vessazioni e impotente di reagire primieramente [...]* (linha 13)

[...] *una fazenda quella piena di capangas [...]* (linha 15)

[...] *a pochi giorni la lasciassero libera per andare onde meglio credeva [...]* (linha 17)

[...] *Ho lasciato la moglie e due figli ammalati [...]* (linha 20)

[...] *necessitando io d'un po' di latte per i miei figli infermi l'umano padrone [...]* (linhas 22 e 23)

Os adjetivos *peggio* e *libera* possuem função predicativa, pois tem relação direta com o verbo. O adjetivo *piena* (linha 15) está relacionado ao substantivo “fazenda” (linha 14), mas não está ligado diretamente a ele. Os adjetivos *preclaro*, *poveri* (linha 6), *special*, *povero* (linha 8), *umano*, *infame*, *minorenni*, *ammalati* e *infermi* exercem função atributiva, pois estão diretamente ligados ao nome.

Não foi possível identificar a função e a posição dos adjetivos *paziente* (linha 12) e *impotente* (linha 13).

Os adjetivos *preclaro*, *poveri* (linha 6), *special*, *povero* (linha 8) e *umano* estão antepostos ao nome e exercem função descritiva. Já os adjetivos *infame*, *minorenni*, *piena*, *ammalati* e *infermi* estão pospostos ao nome e exercem função restritiva.

É interessante analisar a posição do adjetivo *povero(i)* (linhas 6 e 8) na carta, pois quando posposto ao nome esse adjetivo significa pobre contrário de rico, mas nesse caso ele surge duas vezes anteposto ao nome exercendo função de epíteto e significa infeliz, sem sorte (SENSINI, 2007, p. 137 e 139).

Em “[...] *una fazenda quella piena di capangas [...]*”, o adjetivo *piena* está posposto ao nome porque é seguido de um complemento (SENSINI, 2007, p. 139).

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivos objetivos – *minorenni*, *ammalati* e *infermi*;

Adjetivo afetivo – *infame*;

Adjetivos não-axiológicos- *piena* e *libera*;

Adjetivos axiológicos- *preclaro*, *infame*, *peggio*, *special*, *pazienti* e *impotente*.

Os adjetivos *povero* (linha 8) e *umano* não são exatamente axiológicos, ele se axiologizaram na carta.

O adjetivo *poveri* (linha 6), segundo Maingueneau (2001, p. 138), não pode ser classificado, pois ele está anteposto ao substantivo e precedido por um determinante definido.

Carta 10 - 29/05/1912³⁰

Lettera aperta per molti “fazendeiros”

Signori,

Venuti su, quasi tutti, da poco tempo, arraffando a destra e a sinistra, rubando il pane a voi stessi ed agli altri, ieri vi abbiamo visti con la zappa maledetta alle mani e la polenta alla bocca...

5 *Oggi possedete delle fazendas e fino ad oggi possedeste dei coloni... Vi siete presto dimenticati degli stenti subiti, delle angherie sofferte, degli insulti patiti. Molti di voi riversano con istrana ferocia e con innata brutalità tutta la bile accumulata durante il tempo della loro antecedente miseria, sulle nostre spalle innocenti.*

10 *Molti di voi gridavano in quell'ieri il dolore contro gli sfruttatori ed i ladri, fazendeiros schiavisti, amministratori del cuore di pietra. Eccovi ora, o signori a quel posto.*

15 *Ed ora appunto, mentre noi oppressi per ogni lato dalle miserabili condizioni economiche prodotte dalla vostra grettezza e dall'ingordigia, cerchiamo, uniti, di ottenere un meno scarso compenso alla nostra disgraziatamente non valorizzata fatica, voi ci insultate, ci scacciate, ci minacciate.*

Lo sfratto, i capanga, lo fucilate ancora! Voi riuniti in alto consesso, ci guardate con un sorriso che vuol essere di disprezzo e che non è che il ghigno idiotesco della scimmia. Noi siamo altri esseri ora! I compagni di ieri oggi son animali inferiori...

20 *Non lo crediamo: Pezzate ancora troppo di merda e di terra, e il vostro grugno è ancora giallo d “amarelão”.*

Signori, a vostro comodo. Non siamo macchine, non siamo limoni da spremere. Dateci ciò che ci dovete, senza insulti, senza minaccie; non affettate arie superiori, vi conosciamo troppo. Pensate... Se doveste pagare il sangue nostro, ma non è oggi. Per oggi migliorate le nostre condizioni.

25

Per i coloni

Athos

Candido Rodrigues – 29/5/1912

Resumo: A carta foi escrita por um colono que reclama das condições de trabalho e dos fazendeiros que maltratavam os trabalhadores. Diz ainda que os colonos eram tratados como animais e miseráveis. No final da carta o colono faz um apelo para que os patrões melhorem as condições de vida e de trabalho.

O título da carta “*Lettera aperta per molti “fazendeiros”*” mostra quais são os destinatários, isto é, não é somente um, mas um grupo de fazendeiros. É interessante ainda notar

³⁰ Ver anexo 12 .

que quando o leitor-autor, Athos, usa o pronome indefinido “*molti*”, restringe um pouco, pois ele não está falando de todos fazendeiros, mas sim de muitos.

Apesar da indignação do leitor-autor, ele usa forma de tratamento “*signori*”, que é formal e trata o destinatário por “*voi*”, pois ele está falando com um grupo.

Athos escreve a carta na primeira pessoa do plural, “*noi*”, porque dessa forma ele se insere no grupo dos colonos e os representa. Sendo assim, ele assume dois papéis: denomina-se colono, demonstrando sua indignação e revolta e defende um grupo de pessoas.

Quanto aos tempos verbais, mostraremos alguns trechos da carta, para exemplificá-los. Athos começa a carta usando *Passato Prossimo* do Indicativo para mostrar um passado concluído, mas com efeitos no presente “[...] *ieri vi abbiamo visti con la zappa maledetta alle mani [...]*” (linha 3), Presente do Indicativo para indicar o que estava acontecendo no momento “[...] *Oggi possedete delle fazendas [...]*” (linha 5), depois ele relembra o passado novamente usando o Imperfeito do Indicativo para mostrar uma ação não concluída no passado “*Molti di voi gridavano in quell’ieri il dolore [...]*” (linha 9) e conclui a carta com Imperativo Afirmativo para exprimir uma ordem “*Dateci ciò che ci dovete [...]*” (linha 22).

No final da carta Athos usa verbos no Imperativo para exigir o que quer, para fazer o leitor agir: “*Dateci ciò che ci dovete, senza insulti, senza minaccie; non affettate arie superiori, vi conosciamo troppo. Pensate... Se doveste pagare il sangue nostro, ma non è oggi. Per oggi migliorate le nostre condizioni*”.

O leitor-autor termina a carta com “*Per i coloni*” e assina Athos – Candido Rodrigues.

Formação dos adjetivos

Foram encontrados 11 adjetivos, sendo que 8 são simples (*istrana, innata, innocenti, scarso, alto, inferiori, giallo, superiori*) e 3 são derivados (*miserabili, economiche, idiotesco*).

Termo encontrado	Processo morfológico	Processo sintático	Processo semântico	Palavra base
<i>miserabili</i>	Sufixação + (- abile)	$N \rightarrow A$	_____	<i>miseria</i>
<i>economiche</i>	Sufixação + (-ico)(che)	$N \rightarrow A$	Indica relação	<i>economia</i>
<i>idiotesco</i>	Sufixação + (-esco)	Sem mudança de classe gramatical	Indica valor pejorativo	<i>idiota</i>

Tabela 4.11. Formação dos adjetivos da carta 10

Quanto ao processo morfológico os três adjetivos encontrados são formados por sufixação.

Analisando o processo sintático pode-se verificar que *idiotesco* não sofreu mudança de classe gramatical, já os outros adjetivos que sofreram mudança são descritos abaixo:

- do nome ao adjetivo (adjetivação)

miseria - *miserabile*

economia - *economiche*

Abaixo segue a análise dos sufixos encontrados na carta:

-*abile* normalmente é usado com bases verbais, mas no caso de *miserabili* é anexado a base nominal *miseria* (SERIANNI, 2006).

-*ico* em *economiche* substitui o sufixo da base (*economia* - *economiche*) e indica “que se refere a”, no caso que se refere à *economia* (DARDANO, 1995; SENSINI, 2007). Além disso, o

sufixo *-ico* forma adjetivos de relação como *economiche* (SERIANNI, 2006; THORNTON, 1992).

-esco em *idiotesco* indica qualidade e tem valor pejorativo (SERIANNI, 2006; TRIFONE; PALERMO, 2002; ZINGARELLI, 2001).

Abaixo apresentaremos a função e posição dos adjetivos na carta:

[..] *Molti di voi riversano con istrana ferocia e con innata brutalità tutta la bile accumulata durante il tempo della loro antecedente miseria, sulle nostre spalle innocenti.* (linhas 7 e 8)

[...] *dalle miserabili condizioni economiche prodotte dalla vostra grettezza e dall'ingordigia, cerchiamo, uniti, di ottenere un meno scarso compenso [...]* (linhas 11 a 13)

[..] *Voi riuniti in alto consesso, ci guardate con un sorriso che vuol essere di disprezzo e che non è che il ghigno idiotesco della scimmia. Noi siamo altri esseri ora! I compagni di ieri oggi son animali inferiori...* (linhas 15 a 17)

[...] *e il vostro grugno è ancora giallo d "amarelão".* (linha 19)

[..] *non affettate arie superiori* [...] (linha 21)

O adjetivo *giallo* possui função predicativa, pois tem relação direta com o verbo e é modificado pelo advérbio "*ancora*". Os outros adjetivos têm função atributiva, pois estão diretamente ligados ao nome.

Os adjetivos *istrana*, *innata*, *miserabili*, *scarso* e *alto* estão antepostos ao nome e exercem função descritiva. Já os adjetivos *innocenti*, *economiche*, *idiotesco*, *inferiori* e *superiori* estão pospostos ao nome e exercem função restritiva.

Por ser considerado adjetivo de relação *economiche* é usado exclusivamente ou preferivelmente posposto ao nome (SENSINI, 2007, p. 139).

Em "[...] *dalle miserabili condizioni economiche [...]*" o adjetivo *miserabili* está anteposto ao nome indicando um conceito genérico e *economiche* está posposto ao nome indicando um conceito específico (SENSINI, 2007, p. 139).

O adjetivo *alto* quando usado posposto ao nome indica qualidade, mas nessa carta está anteposto ao nome para intensificar o conceito ou a imagem expressa no nome (SERIANNI, 2006, p. 202).

Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos segundo Kerbrat-Orecchioni (1993) e Maingueneau (2001):

Adjetivos objetivos – *economiche*;

Adjetivos afetivos – *istrana, innata, innocenti, miserabili e idiotesco*;

Adjetivos não-axiológicos- não consta;

Adjetivos axiológicos- *istrana, innata, innocenti, miserabili e idiotesco*.

Os adjetivos *scarso, alto, inferiori, superiori e giallo* não são exatamente axiológicos, eles se axiologizaram no texto.

Normalmente o adjetivo *giallo* é objetivo, mas nesse caso, no interior da enunciação, ele se tornou subjetivo.

Todos os adjetivos axiológicos encontrados na carta, também são afetivos.

Após a análise do *corpus* foi possível verificar que:

Quanto às cartas de modo geral:

- Quanto aos temas abordados nas cartas, três (cartas: 5, 9 e 10) têm uma questão em comum, as relações de trabalho, delas duas falam do trabalho no campo e uma na cidade, as outras possuem temas diversos.

- Quanto aos elementos peritextuais podemos avaliar que: das 10 cartas, 6 possuem título, porém não é possível afirmar se os títulos foram dados pelos leitores ou pelo redator do jornal; todas são assinadas, mas em 3 cartas os leitores não se identificaram (Cartas: 1 – “*Ignoto*”, 2 – “*Un Tale*” e 3 – “*Alcuni Operai*”) e 6 cartas possuem a localização (Cartas: 3 e 9 – Araraquara, 4 – Batataes, 6 – Bebedouro, 7 – Sorocaba e 8 – Salto de Itu).

- Das dez cartas seis foram escritas na primeira pessoa do singular, em muitas delas o leitor-autor utiliza-se de termos avaliativos, especialmente depreciativos; existe também o uso de linguagem figurada e de termos informais, demonstrando subjetividade e dando maior expressividade às cartas. Pudemos perceber o uso freqüente pelos leitores de palavras que indicam raiva, descontentamento e angústia, como por exemplo, nestes trechos: “*questa umanità disgraziata e sofferente*” (carta 2 – linhas 7 e 8), “*la prepotenza di un malvagio*” (carta 3 – linhas 3 e 4), “*istrana ferocia e con innata brutalità*” (carta 10 – linha 7), entre outros.

- Quanto aos destinatários, uma carta é dirigida ao diretor Oreste Ristori (carta 3), três (cartas: 4, 5 e 7) são destinadas ao redator, três à equipe do jornal (cartas: 1, 6 e 8), uma é destinada a um outro leitor (carta 2), uma a um grupo de pessoas, muitos fazendeiros (carta 10) e uma a uma pessoa pública, o 1º Cônsul da Itália em São Paulo (carta 9). Deve-se dizer que a carta 7 é destinada ao redator, mas na verdade o leitor queria falar com um outro leitor e a carta é 8 é para a equipe do jornal *La Battaglia*, mas o leitor queria criticar o jornal *Correio do Salto*.

- Interessante verificar que os leitores-autores das dez cartas são todos do sexo masculino e em cinco cartas (2, 3, 5, 9 e 10) eles assumem o papel social de trabalhador, de classe subalterna.

Quanto à adjetivação:

- Dos 163³¹ adjetivos qualificativos analisados, nas 10 cartas, 98 são simples, 3 são compostos e 62 são derivados.

³¹ Tendo em conta as repetições.

Gráfico 4.1. – Formação dos Adjetivos

- Dos 62³² adjetivos derivados 10 são formados por prefixação e 52 por sufixação. Percebemos assim, que a sufixação é responsável pela formação de um maior número de adjetivos.

Gráfico 4.2. – Adjetivos formados por prefixação e sufixação

- Quanto ao processo sintático pudemos verificar que dos 62³³ adjetivos derivados, 42 sofreram mudança gramatical e 20 não sofreram, sendo que a mudança mais comum foi de nome (substantivo) para adjetivo, 36³⁴ ocorrências e do verbo para o adjetivo, 6 ocorrências.

³² Tendo em conta as repetições.

³³ Tendo em conta as repetições.

³⁴ Tendo em conta as repetições.

Gráfico 4.3. – Mudança de Classe Gramatical

Dos 20 adjetivos que não passaram por mudança de classe gramatical, 10 são formados por prefixação, 8 são superlativos absolutos sintéticos e 2 são formados com o sufixo *-esco*: *baggianesco* e *idiotesco*. O processo de prefixação, a transformação de um adjetivo em superlativo e o uso do sufixo *-esco* em *baggianesche* e *idiotesco* não provocaram mudança de classe gramatical, o sufixo *-issimo* serve somente para causar intensificação e o sufixo *-esco*, nos casos citados acima, expressa valor pejorativo, dessa forma podemos afirmar que a sufixação é o processo responsável por 68% de mudança de classe gramatical.

- Quanto aos superlativos absolutos sintéticos, 1 foi encontrado na carta 3 e 10 na carta 8. O uso do sufixo *-issimo* indica intensificação e trouxe para as cartas um sentido hiperbólico, que segundo Mosca (1990) expressa grande subjetividade. Pudemos perceber também que o superlativo deixou o texto mais pessoal e trouxe uma maior aproximação do leitor-autor com o(s) destinatário(s).

Após a realização do estudo dos prefixos e dos sufixos, foi possível quantificá-los.

Gráfico 4.4. – Prefixos encontrados nos adjetivos

O gráfico mostra que o prefixo mais produtivo encontrado nas cartas foi o *in-*, com 5 ocorrências, e em segundo lugar o *im-*, com 3 ocorrências, ambos foram usados indicando negação.³⁵

Gráfico 4.5. – Sufixos encontrados nos adjetivos

³⁵ Os adjetivos repetidos não foram considerados.

O gráfico mostra que os sufixos mais produtivos foram: *-issimo*, com 7 ocorrências e *-oso* com 6 ocorrências.³⁶

-Quanto à função, dos 163³⁷ adjetivos analisados, 23 possuem função predicativa, 119 possuem função atributiva e 21 chamaremos de casos especiais³⁸. E quanto à posição, 62 são antepostos ao nome, 57 pospostos ao nome, 23 ligados ao verbo e 21³⁹ casos especiais.

Gráfico 4.6. – Função dos adjetivos

Gráfico 4.7. – Posição dos adjetivos

³⁶ Os adjetivos repetidos não foram considerados.

³⁷ Tendo em conta as repetições.

³⁸ Adjetivos que não possuem ligação direta nem com o verbo e nem com o nome (substantivo).

³⁹ Adjetivos que não estão nem anteposto e nem posposto ao nome.

- Considerando a classificação dos 163⁴⁰ adjetivos qualificativos em objetivos e subjetivos, obtivemos os seguintes resultados: objetivos – 33, afetivos⁴¹ – 32, não-axiológicos – 17, axiológicos – 89, axiologizaram-se no texto – 22 e 1 não pôde ser classificado. Sendo assim, é possível afirmar que 107⁴² são subjetivos e 33 são objetivos, provando assim, o caráter subjetivo da carta. Observamos que a maior parte dos adjetivos subjetivos são axiológicos o que demonstra grande atribuição de valor às situações e aos seres nos textos.

Gráfico 4.8. – Classificação dos adjetivos em objetivos e subjetivos.

-Apesar das cartas analisadas terem um alto caráter subjetivo, não foi encontrado nenhum adjetivo alterado por sufixo, como por exemplo, diminutivo, aumentativo, pejorativo, entre outros.

⁴⁰ Tendo em conta as repetições.

⁴¹ Dos 32 adjetivos afetivos, 1 é somente afetivo e 31 são axiológicos e afetivos.

⁴² Quanto aos adjetivos afetivos, foi considerado àquele que é somente afetivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente trabalho, percebemos que os jornais em língua italiana são ricas fontes de pesquisa, não só para historiadores, mas também para estudiosos de línguas e que as cartas de leitores são materiais importantes para o estudo de línguas, pois além da adjetivação, muitos outros aspectos podem ser analisados.

Com a análise das cartas, foi possível observar a heterogeneidade composicional, pois percebemos nelas seqüências narrativas, descritivas, expositivas e, sobretudo, argumentativas, sendo que a adjetivação contribuiu para a argumentação. Dessa forma, podemos dizer que a escolha que se faz do uso da adjetivação é importante não só nas cartas de leitores, mas também na construção de outros textos que visam ser argumentativos e opinativos.

Pudemos mostrar que as cartas de leitores são especialmente marcadas pela subjetividade, pois são escritas na maioria das vezes na primeira pessoa, são usados muitos termos depreciativos e elas são ricas em adjetivos, sendo que a maior parte deles tem caráter subjetivo. A subjetividade teve papel significativo também na persuasão, os leitores-autores usaram de vários artifícios, em especial a adjetivação, para chamar a atenção dos leitores, para atraí-los.

Verificamos que essas não são cartas comuns de imigrantes que não dominavam bem a língua italiana e que escreviam para parentes e amigos, descrevendo o país, a alimentação e as condições de vida e de trabalho, mas sim cartas de imigrantes italianos, leitores, que tinham um bom conhecimento da língua, que possuíam muitas vezes uma ideologia e que contribuíam ativamente com o jornal.

Vimos que das dez cartas que compõem o *corpus*, nove demonstram descontentamento com alguma situação. Quanto às intenções comunicativas dos leitores, podemos classificar as cartas da seguinte forma: 1 – dar opinião, 2- responder a outro leitor, 3 – fazer queixa, defender-se e solicitar ajuda, 4- realizar reclamações e defender-se, 5- fazer reclamação e protestar, 6- elogiar e protestar, 7- responder a outro leitor e reclamar, 8- defender-se e responder aos redatores de outro jornal, 9- denunciar, reclamar e solicitar de ajuda e 10- denunciar e protestar. Sendo assim, percebe-se que muitas cartas têm o propósito comunicativo de reclamar e para isso os leitores usaram muitos termos depreciativos e palavras que indicam indignação, raiva, tristeza,

trazendo forte carga emotiva, além de muitos adjetivos afetivos que, como vimos no capítulo 3, procuram despertar a comoção no leitor.

Encontramos também nas cartas alguns traços de oralidade e informalidade, como expressões idiomáticas, superlativos sintéticos e termos pejorativos.

É relevante acrescentar que algumas cartas descrevem relações de trabalho e os adjetivos auxiliam na construção e na caracterização dos papéis exercidos pelos patrões e pelos empregados. Como exemplos, temos *canaglie*, usado para qualificar o patrão, e *povero*, *impotente* e *innocente* para qualificar o empregado. Além dos adjetivos, outros termos são usados para mostrar a posição superior e a crueldade dos patrões e a posição inferior e condições miseráveis dos trabalhadores, existindo assim, uma contraposição entre o “bom” e o “mau”.

Após analisarmos os adjetivos quanto ao processo morfológico, podemos dizer que a maior parte deles é simples e foram encontrados poucos adjetivos compostos. Podemos afirmar também que a sufixação foi o processo responsável pela formação de 84% dos adjetivos derivados encontrados nas cartas. Além disso, a sufixação produz a transformação de categorias de palavras, sendo que a mudança gramatical mais comum foi de nome a adjetivo.

O estudo dos prefixos revelou que os mais produtivos foram o *in-*, indicando negação, e o *-issimo*, indicando intensificação.

Quanto à função dos adjetivos, verificamos que 73% dos adjetivos analisados possuem função atributiva, sendo assim, a maior parte dos adjetivos encontrados nas cartas está ligada diretamente ao nome.

Comprovamos também a importância da posição dos adjetivos em relação ao nome, pois dependendo da posição que o adjetivo ocupa, ele pode mudar o seu valor e produzir diferentes efeitos no texto. Sabemos que é mais comum encontrar o adjetivo posposto ao nome, mas no *corpus*, a maior parte, isto é, 38% dos adjetivos, possui função descritiva, pois esta anteposta ao nome, o que confere às cartas maior subjetividade, maior aproximação com o leitor e a presença significativa da conotação.

Mostramos ainda a supremacia dos adjetivos subjetivos e que, dentre esses, a maioria é axiológica, isto é, carregada de valor; encontramos também adjetivos que não são propriamente

axiológicos, contudo ganharam valor no texto e adjetivos que são ao mesmo tempo axiológicos e afetivos, atribuem valor e procuram despertar emoções no leitor. Grande parte dos adjetivos subjetivos analisados atribui valor negativo na enunciação. Concluimos assim que poucos adjetivos encontrados nas cartas somente classificam ou descrevem; a maioria deles, é avaliativa.

Dessa forma, podemos dizer que muito mais que caracterizar, os adjetivos foram empregados pelos imigrantes italianos para avaliar, para julgar pessoas e situações, sobretudo de forma negativa, e, além disso, os adjetivos ajudaram a compor a personalidade e a emotividade na linguagem desse um grupo de pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, D. B. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro – Turíngia (1852- 1853). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 155-184, jul. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16524.pdf>>. Acesso em 12 dez. 2007.
- ALVIM, Z. M. F. O Brasil Italiano (1880 – 1920). In: BORIS, F. *Fazer a América: A Imigração em Massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 383 – 417.
- _____. *Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870 – 1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANDRADE, M. L. DA C. V. DE O. O gênero carta: estratégias lingüísticas e interação social. In: LOBO, T. et al. (Org.) *Para a história do português brasileiro*. Novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006. vol. 2, p. 547-574.
- ANTUNES, B. (Org.). *Juó Bananére: As Cartas d’Abax’o Pigues*. São Paulo: UNESP, 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATTAGLIA, S. PERNICONE, V. *La grammatica italiana*. Torino: Loescher, 1980.
- BAZERMAN, C. Cartas e a base social de gêneros diferenciados. In: Bazerman, C; Dionisio, A. P.; Hoffnagel, J. C. (Orgs.) *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BELTRÃO, L. A opinião do leitor. In: *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980. cap. 5, p.86-98.
- BERTONHA, J. F. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- _____. Imprensa italiana em São Paulo, 1880-1945. *Insieme*, São Paulo, n. 8, p. 104 a 112, 2001.
- BEZZON, L. C. (Org.) *Guia prático de monografias, dissertações e teses: Elaboração e apresentação*. 3. ed. Campinas: Alínea, 2005.
- BIONDI, L. Anarquia e movimento anarquista. 2006. Disponível em :<<http://anarquismo.multiply.com/journal/item/17>>. Acesso em: 8 jul. 2007.
- _____. Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista “*La Battaglia*” e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos. *Caderno*

AEL, Campinas, n. 8/9, 1998. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-8/Artigo-4-p117.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2007.

BONI, L. A. (Org.). *Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987. vol 1.

CAMARGO, J. N. DE. *Aspectos expressivos do adjetivo nos contos de Eça de Queirós*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CARDINALETTI, A., RENZI, L., SALVI, G. *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: Il Mulino, 1995. 2 e 3 vols.

CARELLI, M. *Carcamano e comendadores: os italianos de São Paulo da realidade à ficção (1919 – 1930)*. Tradução de Ligia Maria Pondé Vassallo. São Paulo: Ática, 1985.

CARMO, M. M. DO. *Paulicéia Scagliambada, Paulicéia Desvairada: Juó Bananére e a imagem do italiano na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

CARONE, E. *Classes Sociais e Movimento Operário*. São Paulo: Ática, 1989.

CENNI, F. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1975.

CHAPARRO, M. C. DA C. Carta. In: MELO, J. M. *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

CHAVES, A. S. *O gênero carta do leitor; uma proposta de ensino do FLE*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

COMPAGNON, A. O leitor. In: *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 1999. cap. 4, p.139-164.

CONSOLMAGNO, M. *Fanfulla: Perfil de um jornal de colônia (1893 – 1915)*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

CORSETTI, B. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. In: BONI, L. A. DE. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987. p. 363-382.

COSTA, R. e DE BONI, L. A. *La popolazione di origine italiana in Brasile*. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.

CROCI, F. Modernizzazione e pratiche comunicative: la scrittura dell'italiano nel XX secolo. *Italianística*, São Paulo, n. 12, p.115-157, 2006.

DARDANO, M. *Manualetto di linguistica italiana*. Bologna: Zanichelli, 1995.

DE MAURO, T. e LODI, M. *Lingua e dialetti*. Roma: Riuniti, 1979.

DEVOTO, G. *Avviamento alla etimologia italiana: dizionario etimologico*. Firenze: Felice Monnier, 1989.

FAUSTO, B. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

FELICI, I. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. *Cadernos AEL*, n. 8-9, p. 9-61, 1998. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ale_publicacoes/cad-8/Artigo-1-p09.pdf. Acesso em: 2 jul. 2007.

FERREIRA, M. N. *A imprensa operária no Brasil (1880 – 1920)*. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Comunicação e resistência na imprensa proletária*. 1990. Tese (Livre-Docência em Cultura Brasileira) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

_____. Introdução ao Estudo da Imprensa Proletária. In: SILVA, D. DE M. (Org.). *Brasil: sua gente e sua cultura*. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

FRANZINA, E. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Tradução de Edilene Toledo e Luigi Biondi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

GHIRARDI, P. G. *Imigração da palavra: Escritores de língua italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST Edições, 1994.

HARDMAN, F. F. *Nem Pátria, nem Patrão!:* (vida operária e cultura anarquista no Brasil). São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Nem pátria, nem patrão!:* memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: UNESP, 2002. .

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'Énonciation, de la subjectivité dans de langage*. Paris: A. Colin, 1980.

KHOURY, Y. M. A. *Edgard Leuenroth; uma voz libertária*. Imprensa, Memória e Militância Anarco-Sindicalistas. 1988. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

LYONS, M. A História da leitura de Gutenberg a Bill Gates. In: LYONS, M.; LEAHY, C. *A palavra impressa. Histórias da leitura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MAESTRI FILHO, M. J. *O escravismo no Brasil*. São Paulo: Atual, 1998.

MAGGIO, G. A língua como meio de conservação da identidade numa comunidade de imigrantes. *Insieme*, São Paulo, n. 9, p. 145-159, 2002

MAGNANI, S. L. *O movimento anarquista em São Paulo (1906 – 1917)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

- MAINGUENEAU, D. Classificação e não-classificação. In: *Elementos de lingüística para o texto literário*. Tradução de Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. cap. 6. p. 133-156.
- MARAM, S. L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro 1890-1920*. Tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MEIRELLES, C. et al. Imprensa Operária. *Reflexo (e)s*, Janeiro, Rio de Janeiro, p. 1-13, 2005. http://www.eco.ufrj.br/pet/publicacoes/refref/Jan05/reflex_clarameirelles.pdf. Acesso em: 4 abril 2008.
- MELO, C.T.V. “*Cartas à redação*”; uma abordagem discursiva. 1999. Tese (Doutorado – Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- MOSCA, L. DO L. S. *A subjetividade no editorial*; uma análise retórico-argumentativa da adjetivação. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- PEREIRA, J. S. DO V.; ALMEIDA, M. B. DE. Sabe tudo sobre tudo: análise da seção de carta-pergunta em revistas femininas para adolescente. In: MEUER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros textuais e práticas discursivas*: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002. p. 239-258.
- PETRONE, M. T. S. O imigrante italiano nas fazendas de café de São Paulo. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, vol 1, 1987.
- PETRONI, M. R. *Produção do texto argumentativo escrito*; aspectos lingüísticos e discursivos. 2002. Tese (Doutorado em Letras – Semiótica e Lingüística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- PILLA, E. H. T. *Neologismos derivacionais do português contemporâneo*; um enfoque psicossocial. 1993. Tese (Doutorado em Letras – Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- POMPÍLIO, B. W. *Cartas de leitor*; Tribuna de cidadania em uma abordagem sócio-discursiva. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- RODRIGUES, E. *Os anarquistas*: Trabalhadores italianos no Brasil. São Paulo: Global, 1984.
- ROHLFS, G. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti*. Torino: Einaudi, v. 3, 1966.
- ROMANI, C. *Oreste Ristori*: Uma aventura anarquista. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.
- RUBIM, A. Sobre a Imprensa das Classes Subalternas 1880-1922. In: MELO, J. M.(Coord.). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo: Cortez, 1980. p. 49-56.

SABATINI, F. Dizionario italiano Sabatini Coletti. Firenze: Giunti, 1999.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, I. Modos de ler textos informativos impressos/ virtuais e processos de compreensão: estratégias para alavancar a construção do conhecimento em diferentes disciplinas. In: REZENDE, N. L. DE; RIOLFI, C. R.; SEMEGHINI-SIQUEIRA, I. *Linguagem e Educação: ética, estética e estratégias*. São Paulo: Humanitas, 2006.

SENSINI, M. *La grammatica della lingua italiana*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007.

SERIANNI, L. *Grammatica Italiana*. Italiano comune e lingua letteraria. Torino: UTET, 2006.

SILVA, R. R. DA. *Imprimindo a Resistência; A Imprensa Anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930-1945)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

THORNTON, A. M. *Morfologia e formazione delle parole*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1992.

TOLEDO, S.G. DE. *O adjetivo em Alencar; expressão das impressões de mundo. (Um perfil da função dos adjetivos nos trechos narrativo-descritivos de Sonhos D'Ouro)*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TORRES, A. *Estudo da imigração italiana em São Paulo após a Segunda Guerra Mundial e da língua italiana como meio de conservação de italianidade*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico: Um século de Imigração Italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, Instituto Italiano de Cultura de São Paulo, 1989.

_____ *Os italianos no Brasil*. São Paulo: Prêmio, 2000.

_____ *Fascismo Italiano*. São Paulo: Ática, 1986.

TRIFONE, P. PALERMO, M. *Grammatica italiana di base*. Milano: Zanichelli, 2002.

YAMANAKA, I. *Progressão tópica e gêneros discursivos; o ensaio escolar e o relato*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ZINGARELLI, N. *Vocabolario della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1

Consulta - Acervos dos Arquivos Históricos - Item Periódico

Repositório: AEL

Código de Referência: BR UNICAMP IFCH/AEL EL J/0224

Título(s): Battaglia, La - (Principal)
periodico settimanale anarchico - (Subtítulo)

Fundo/Coleção: Edgard Leuenroth

Nível de descrição: Item Periódico

Dimensão e suporte: Papel, microfilme e microficha

Gênero: Textual

Designação de Gênero: periódico

Autor(es): Ristori, Oreste - (Editor)

Procedência: Doação

Local: São Paulo SP Brasil

Ver arranjo

Condições de acesso: Consulta livre

Localização Física: J/0224

Condições de reprodução: Respeitando-se as normas do AEL

Idioma: Italiano

Notas: Data de Fundação: 1904

<http://www.ifch.unicamp.br/ael/>

ANEXO 3 - CARTA 1

Fine della polemica

Signori de *La Battaglia*.

Io credevo che la vostra polemica potesse esaurirsi con un paio di articoletti d'ambo le parti; ma vedo, invece, che va molto in lungo e richiede quel tempo e quella vastità di cognizioni che io al certo non possiedo. Per ciò, lascio ad altri più addestrati di me nella discussione il posto di combattimento.

Mi è doveroso dichiarare che le teorie anarchiche, forse più d'ogni altre, hanno bisogno di esser discusse per esser comprese, e che non è così facile combatterle come a prima vista ci sembra. In esse, contrariamente al concetto primitivo che può aversele, harvi qualche cosa di buono, di giusto, d'indistruttabilmente vero. Sono i nostri pregiudizii sociali che ce le fanno considerare spesso, nel loro complesso, cattive ed ingiuste. Di questi pregiudizii, pur non essendo divenuto anarchico, ho dovuto sbarazzarmi in gran parte durante la nostra breve polemica, visto che essi non avevano fondamento alcuno. Non vedo chiaro abbastanza nell'instaurazione della vostra società futura — senza capi né leggi — ma ciò non mi autorizza a casaccio a definirla *utopica*. Può darsi che essa sia un mondo nebuloso, come può darsi che sia io di vista corta e non veda bene addentro al futuro.

In ogni modo, ripeto, non si può respingere a priori nessuna idea, nessuna dottrina per assurda ch'essa ci possa apparire, e in particolar modo la dottrina anarchica che ha un fondamento critico sorprendente ed un naturalismo, che spesso seduce, nelle sue concezioni innovatrici.

Questa, press'a poco, l'impressione riportata dal breve dibattito.

Ed ora, amici de *La Battaglia*, in attesa di potermi esporre a visiera scoperta in altro combattimento non meno leale ed istruttivo, passo a salutarvi cordialmente.

Vostro *Ignoto*

Ci duole immensamente che *Ignoto* non possa, per mancanza di tempo (e non di cognizioni, come egli modestamente dice) continuare la polemica, e d'altra parte siamo lieti di esserci tirati i capelli con un avversario leale quanto cortese, che, sebbene abbia usato di tutto il suo acume per metterci nell'imbarazzo con obiezioni e quesiti d'ogni sorta, confessa, fra le righe, che il fine suo era nobile: quello di conoscere più a fondo il materiale filosofico delle dottrine anarchiche, per meglio apprezzarle. Egli dichiara, infatti, che queste dottrine hanno bisogno di essere comprese, che non si può respingerle a priori, che in esse harvi qualche cosa di buono, di giusto, d'indistruttabile, e di ciò siamo soddisfatti.

Noi vorremmo che tutti i nostri avversari fossero della sincerità d'*Ignoto* a cui contraccambiamo di cuore i nostri saluti, restando col desiderio vivissimo di conoscerlo.

La Redazione

A "Ignoto",

Vedete; io sono un lavoratore, e non posso fare della filosofia. Devo perciò contentarmi di quella poca coltura che possiedo per dirvi che, a parer mio, difendendo come voi difendete le istituzioni del privilegio borghese contro il diritto e l'interesse dei lavoratori spogliati, asserviti, vi fate paladino di una causa ingiusta e (lasciate pur passare l'espressione) iniqua. Per un uomo che ha letto, per un uomo che studia, per un uomo che conosce le condizioni di servaggio e di morte che sono fatte a questa umanità disgraziata e sofferente, non è dignitoso schierarsi al lato dei forti e dei despoti, con il plurito di avversare la liberazione degli schiavi.

Voi avete parlato di Stato, di religione, di Legge, ed a parer mio, ne avete parlato colla convinzione di un uomo che

non sa di dove incominciare per sostenerli. Quando mai fu benefico lo Stato? quando moralizzatrice la religione? quando un freno al delitto o un espressione di giustizia la legge? Queste belle cose — per ripetere una vostra frase — si fa presto a dirle, ma in pratica?... Ah, qui casca l'asino, sig. mio. In pratica, noi conosciamo perfettamente la tirannia e la spogliazione dello Stato, l'impostura della Religione, la doppiezza o l'iniquità della Legge, ma non sappiamo, non ci consta che questi strumenti di dominazione capitalistica abbiano dato, a lato di tanto male, qualcosa di bene al popolo deriso e calpestato.

Avete parlato anche di civiltà, di barbarie, di malvagità umana, ecc., ma avete dimenticato di direi chi, all'infuora dei governi, delle religioni e delle leggi, ha instaurato il regno delle barbarie e del cannibalismo su tutti i punti del globo. Vi siete inorridito all'idea di un portafoglio rubato, di un colpo di coltello dato da un individuo, e non avete neppure accennato agli sgozzamenti in massa, alle carneficine tremende sui campi di battaglia ed al saccheggio delle città conquistate.

Cos'è infine che avete difeso?

Voi avete difeso, con miseri e scarsi argomenti, il regime della schiavitù, della morte, della barbarie.

E' una causa indegna di essere sostenuta da chi parla in nome della civiltà e del progresso.

Scusatemi se mi sono intromesso nel dibattito e credetemi.

Jahù, 11-9-906

UN TALE

POLEMICA SULL'ANARCHIA

Signori de LA BATTAGLIA

In un numero recente de *La Battaglia* ho letto un avvisetto in cui dichiarate che siete pronti ad accogliere su cotesto organo di propaganda libertaria qualunque articolo pro o contro l'anarchia.

Ebbene: voglio lusingarmi che in base appunto a cotesta norma stabilita da voi vorrete farmi l'onore di dar pubblicazione a questo mio articolo, che non sar — ne son certo — n un monumento di letteratura n un saggio di sociologia, ma una esposizione sincera delle mie convinzioni rispetto alle idee che voi professate.

Pi volte, leggendo il vostro giornale, sono rimasto sorpreso dalla natura originale delle dottrine che vi sono esposte; e pi volte mi venuto il plurito di confutarle, o di domandare almeno delle spiegazioni che mi sembrano affatto necessarie, poich havvi in esse qualche cosa che non riesce a capacitarmi.

Mi spiego.

Voi volete abbattere i governi, abolire la propriet, sopprimere le frontiere, annientare la famiglia, la patria, la religione, abbandonar l'uomo a s stesso, senza freno n guida. E' possibile tutto ci? Sembrami assurdo.

Perch, supponiamo un istante che i governi fossero aboliti e l'anarchia proclamata, chi penserebbe a mantenere l'ordine nella societ? Come si governerebbero da soli i singoli individui? Non succederebbe una vera babilonia?

Seconda questione: supponiamo ancora che la propriet venisse abolita e il comunismo implantato, chi lavorerebbe non essendovi costretto?

Che diremo, poi, della famiglia, della religione, della patria? Voi volete abolirle, abolire ci quanto havvi di pi sacro, di pi utile al mondo. Laddove non havvi famiglia, non havvi amore; laddove non havvi religione, non havvi freno ai cattivi istinti dell'uomo; laddove non havvi patria, non esiste unit nazionale n fratellanza. Coll'avvenimento dell'anarchia, si ritornerebbe senza dubbio alle antiche trib, ai *clans* preistorici, a quello stato di primitiva barbarie che molti secoli di civilt hanno lentamente, col lavoro paziente dell'uomo, eliminato. La societ umana senza leggi, n famiglia, n morale, sarebbe un'accozzaglia inconcepibile di misantropi intenti a divorarsi scambievolmente. Le scienze non sarebbero pi coltivate, le arti non ispirerebbero pi appassionamento alcuno, il lavoro, colla soppressione del danaro, avrebbe perduto ogni stimolo, e la vita diverrebbe per tutti assolutamente impossibile.

Della societ anarchica, cos come voi la preconizzate, non so avere altro concetto, n so rendermi conto come questa negra visione abbia potuto affascinarvi. Comprendo nell'uomo lo spirito moderno assetato di miglioramenti e d'innovazioni; comprendo la necessit di una modificazione nell'ordine presente di cose, che apporti all'umanit sofferente, a quella parte di umanit angariata ed oppressa, una maggiore quantit di benessere e di civilt, ma non riesco a concepire, per quanti sforzi la mia mente lancia, la messa in pratica e la ragionevolezza delle vostre idee.

E' necessario inoltre considerare che l'umanità non può fare dei salti in avanti, ma seguire il cammino lento della evoluzione che la sottrae, poco a poco, alle forme inferiori per trascinarla, di progresso in progresso, di conquista in conquista, alle forme superiori di vita. L'attuazione dell'anarchia, nella migliore delle ipotesi, starebbe invece a indicare un salto a piè pari, un passaggio brusco e violento dal regime dell'ordine o dell'autorità a quello della libertà e del disordine: ciò che in natura è indiscutibilmente impossibile.

Per conseguenza, noi dovremmo contentarci di quel poco che possiamo conquistare con un'opera saggia di riformatori, coll'aiuto delle classi più elevate, dei governi, e dentro i limiti della legalità, giacché non possiamo nutrire speranze ardimentose ed assurde di radicali o grandi trasformazioni sociali.

Perdonate la franchezza di un leale avversario e credetemi di voi dev.^o

Ignoto

P. S. — Sono costretto a far uso di questo pseudonimo, non permettendomi la natura del mio ufficio d'ingaggiare apertamente delle polemiche.

Un delitto giudiziario?

Ilmo. sig. Oreste Ristori,

Non disdegni di raccogliere la voce di un povero infelice, che per la prepotenza di un malvagio, l'ex-delegato Cordoville, riconosciuto tale anche dai suoi superiori che l'hanno destituito per delitti che ha compiuti contro dei lavoratori innocenti, si trova nel carcere di Araraquara, senza mezzi, nell'impossibilità di difendersi, qualunque accusato di reati che non ha commessi.

A tale proposito, tempo fa scrissi alla redazione del *Panfulla*, ma essendo io un infelice privo di risorse e per ciò di protezioni, non mi hanno ascoltato, per ciò mi rivolgo a lei nella speranza che vorrà ascoltarmi, non chiedendole altro che d'informarsi se siano o non vere le cose che le racconto, pregandola di pubblicarle sul giornale da lei redatto.

Nel primi di gennaio del 1906 mi dissero che in Araraquara dei malvagi facevano circolare sul mio conto delle accuse di cui io ero innocente. Per dissipare ogni accusa il giorno 11 del medesimo mi recai dal delegato Horacio Cordoville perchè aprisse un'inchiesta al riguardo non volendo sostare sotto turpi accuse. Il dr. Cordoville, senza ascoltarmi mi fece imprigionare accusandomi di vari furti. Io allora protestai, ma male me ne incolse perchè il delegato ordinò a quattro soldati di picchiarmi. Non se lo fecero ripetere due volte. Caddi svenuto sotto i colpi di cinturone e le piattonate di sciabola. Dopo non so quanto tempo ripresi i sensi; allora l'inquisitore Cordoville mi puntò il revolver al petto, costringendomi, coi minacciarmi di morte, a dichiararmi colpevole di tutte le imputazioni che gli parve addebitarmi. Io firmai tutto, e venni rinchiuso in una cella incommunicabile, non permettendomi nemmeno di ricorrere a un avvocato, come lo vuole la legge.

Sotto un tal regime passai tre mesi, e forse sarei morto a quest'ora, se il carceriere preso da compassione non mi avesse dato della creolina per disinfettare le piaghe piene di *bichos* che avevo per il corpo.

Il mio inquisitore però non era ancora contento; egli mandò a intimare degli individui ch'io mai vidi ne conobbi i quali furono da lui interrogati in mia presenza in questo modo: « Conoscete quest'uomo? » Tutti risposero non conoscermi; allora il delegato disse loro: « Egli è Arrigo Tien-

go, quello che vi ha rubato gli animali ».

Con questo sistema è riuscito ad accatastare accuse a mio carico e il 29 di questo mese, dopo un anno e mezzo di detenzione comparirò di nuovo ai giurati. Io affronterò serenamente, perchè innocente, il giudizio, ma non avendo nessuno che si occupi di me, nessuno su cui poter contare, potrò mai riuscire a convincere i miei giudici della mia innocenza e dell'infamia del mio inquisitore?

Prigione di Araraquara, 18-7-907.

Suo devotissimo
ARRIGO TIENGO.

N. di R. — Adulterio ai compagni di Araraquara questa lettera.

Se quest'uomo non niente è necessario far qualcosa per lui, caso diverso, per quanto ci dolga (noi vorremo abattere tutte le prigioni) non possiamo occuparci di lui.

ANEXO 6 – CARTA 4

Riceviamo e per debito d'imparzialità pubblichiamo:

Sig. Redattore,

Essendo apparsa sul n. 199 del vostro giornale una pubblicazione contro la discordia di nazionalità è bene mettere al posto le cose:

I borghesi italiani di Batataes non si sono mai sognati di far risorgere Gesù bambino, ma bensì hanno fatto sorgere una Società di mutuo soccorso con lo scopo di ausiliare i lavoratori in caso di necessità.

Bella infatti è stata, come dice «l'Operaio» la festa a favore delle vittime del terremoto, di Catabria e di Sicilia.

E se non si è potuto far di più non è colpa nostra.

Per attaccarci «l'Operaio» non è stato leale, egli ha dovuto rivangare l'opera nostra di 2 anni fa.

Questa benemerita società andò alla stazione a ricevere il padrino della bandiera, ma senza nessuno scopo politico.

E cosa vorrebbe «l'Operaio»? Siamo Italiani, evviva l'Austria!

Non c'è, in fondo, che un abbassamento: quello della società della malaccenza, e il progresso della Filo-Eucaristica.

E ci ha messo anche i garibaldini africani. E «l'Operaio» reduce delle loro battaglie?

I soci di questa società non hanno bisogno di esser infiocchiati dai pidocchi rifatti, sono liberi pensatori più dell'«Operaio».

All'ultima ora siamo stati informati di una aggressione al più giovane, e più debole dei nostri soci.

Domandiamo a questi prepotenti perchè non hanno chiesto soddisfazione a gente competente?

Noi siamo al nostro posto, non facciamo polemiche, ma com'è naturale siamo pronti a difenderci.

Batataes.

CARLO ABBIATA, Segretario.

BADIN BERNARDO, Presidente.

MORANDO ARDUINO, Consigliere.

Padroni canaglie

Riceviamo e pubblichiamo :

Sig. Redattore,

Mi rivolgo a lei perchè non ho danari per farmi rendere giustizia.

Per vari mesi sono stato impiegato, in qualità di « piazzista viaggiante », presso la ditta Fratelli Vallardi, importatrice di tipi tipografici, e di articoli di scrittorio.

Ho dovuto lasciare il mio posto perchè i miei padroni non mi pagavano, né, malgrado sia passato parecchio tempo, mi hanno ancora pagato.

Il mio credito verso i fratelli Vallardi era di 1.300\$000, sul quale ho ricevuto un acconto di 300\$000, in merce, cioè in liquori, articolo che pure commerciavano sulla piazza.

Sono dunque ancora creditore di 1.000\$000 ma non mi vogliono pagare.

Si abusano perchè non ho danari per ricorrere ai tribunali, ben sapendo che anche mi si desse ragione il frutto del mio lavoro se lo mangerebbero gli avvocati.

Non mi aspettavo di esser trattato così da gente onesta; ma spero che non vorranno più oltre continuare la commedia; che siano proprio intenzionati di derubarmi?

Io devo pagare l'hotel, nel quale, stando al loro servizio ho fatto un forte debito.

E si che la famiglia Vallardi è una buona famiglia; si commove di tutto anche della triste sorte degli scioperanti. Ma mi pare che sarebbe ancora meglio se pagasse chi ha lavorato per essa. Senz'altro la saluto.

FRANCESCO SACCHI.

ANEXO 8 – CARTA 6

SULLA SCOMPARSA DELLA IDALINA

Amici de *La Battaglia*,

Ha prodotto qui ottima impressione la campagna iniziata negli ultimi due numeri della *Battaglia* sopra il tenebroso mistero che avvolge la scomparsa dell'Idalina dall'Orfanotrofio Cristoforo Colombo.

Qui la bambina ha passato i primi anni della sua infanzia, come pure in tutta questa zona dove era molto conosciuta, è opinione generale che l'orfana infelice sia stata vittima di uno di quei crimini nefandi che non rare volte si commettono impunite, negli stabilimenti diretti da ecclesiastici. E questo giudizio sulla fine della povera Idalina è avvalorato dal silenzio eloquente del Giudice degli Orfani di vesti e della Direzione dell'Orfanotrofio, alla smentita categorica inserita sulla « Tribuna Italiana » del 1-2 aprile p. p. ad una lettera pubblicata nello stesso giornale del 23-24 marzo dal suddetto Giudice e ad un'altra del segretario dell'Orfanotrofio.

Questo silenzio loro è molto significativo. Trovarono il bisogno di rispondere colle due sopracitate lettere al riassunto della scomparsa della bambina pubblicata un giorno o due prima nella « Tribuna », e tacquero prudentemente quando alle due lettere fu loro detto che mentivano sapendo di mentire?

Procuri, sig. Ristori, i numeri surricordati della Tribuna Italiana, ed avrai tutti gli elementi necessari per mettere in istato d'accusa i responsabili tutti dell'effrato delitto.

Sarà un'opera di cui glie ne sarà riconoscente non solo chi è interessato diretto nella scoperta della verità, ma glie ne saranno grati tutti gli onesti.

Augurandole che il nobile scopo sia coronato di esito felice, accetti i miei più cordiali saluti.

Rebello n. 226-400

Amico e amico della mia
MICHELE STAMATO

Ma questa è l'ultima delle tante della misteriosa « scomparsa » e « scomparsa » che ha tutta l'aria di un riaccompagnamento delitto! — della

Riceviamo e pubblichiamo:

Egregio redattore de *La Battaglia*

Avendo letto nel *Fanfulla* del 26 Settembre una corrispondenza di «un italiano», che abusando — benchè non sappia scrivere — della buona fede del corrispondente si diletta a dire un monte di sciocchezze, affermando che la commemorazione Regia o Papalina del XX Settembre sarebbe riuscita più solenne, se alcuni italiani non si fossero messi a far baccano.

Qui è necessario svelare l'insidia. Infatti la commemorazione avrebbe avuto luogo nel più perfetto ordine, se un cicalone, pretenzioso per quanto ignorante, non si fosse messo — dimenticandosi la fine del potere temporale dei preti, dei re loro alleati o di tutti gli orrori che insieme o d'accordo hanno macchiato la storia — a far il panegirico della casa Savoia, del dolore di Margherita e delle poppe di Elena. Naturalmente questo guazzabuglio rivoltò lo stomaco di quanti sanno che la casa Savoia — oh, l'amara balausta, del re stupratore — fu portata a Roma da quella che oggi è registrata nella storia col nome di rivoluzione italiana. Vittorio Emanuele II non si oppose anche con la forza, mettendo le truppe regie contro l'esercito garibaldino che andava a togliere Roma ai preti? In questo scontro di Aspromonte i soldati del re non fecero strage di garibaldini e ferirono Garibaldi? Provatevi un po' a negarlo. Vittorio Emanuele II, il traditore di Custoza, della prima battaglia di Custoza, in cui stette immobile con le truppe, mentre suo padre e suo fratello, il duca di Genova combattevano; Vittorio Emanuele II il traditore della prima battaglia di Custoza, come Perrano, per ordine superiore, fu il traditore di Lissa, nel '96 andò a Roma per non perdere il trono. Dunque coloro che protestarono avevano ragione.

Ma a parlare di storia agli imbecilli non ne vale la pena, come non vale la pena di rispondere alle insinuazioni di certi beceri, che mettono in dubbio l'onestà di cittadini che hanno sempre vissuto del proprio lavoro, senza far pompa di titoli come quel tale Luigi Bonito Netto — il calunniatore — che da sé si è rilasciata la patente di professore.

Sorocaba

ALCUNI OPERAI

Riceviamo e pubblichiamo:

Carissimi compagni

da LA BATTAGLIA

Concedetemi un poco di spazio nel vostro battagliero giornale, onde possa liberamente dire quattro paroline nell'orecchio dei signori scribacchini, redattori del locale giornale il *Correo do Salto*, che da diverse settimane sputano velenosa bava al mio indirizzo.

Sono convintissimo che perdere il tempo in discussioni con questi signori, duri di comprendonio, sia come lavar la testa all'asino, ma però casendoci tirato pei capelli da quell'arca di scienza che compone la redazione del suddetto giornale, sono in diritto di difendermi, e per quanto nemico dei pettegolezzi e delle polemiche, è gioco forza, per salvaguardare il mio onore, rispondere esaurientemente a questi acuminati scribi, per tappar loro la bocca.

Premesso ciò, passo a trattare dell'argomento. Essendo comparse in diversi numeri della *Battaglia* delle corrispondenze firmate col pseudonimo *Ribelle* hanno a torto (per assoluta mancanza di prove) incolpato il sottoscritto come autore e responsabile delle dure e giuste critiche alla presente dominante Camera municipale e all'operato poco coerente del loro beniamino sig. dott. Arturo de Almeida, allo scopo lotolesco di farmi licenziare dal modestissimo impiego che occupo (credo onestamente, non pregiudicando gli interessi di nessun operaio) nella fabbrica della Compagnia Italo-Americana, e vendersi così bassamente, facendomi allontanare dal paese, per mancanza di lavoro, e per liberarsi — dicono loro — dagli attacchi violenti di un pericolosissimo anarchico!

Sono anarchico e me ne vanto, a marcio dispetto di lor signori, ed appunto perché sono tale, credo di essere un uomo libero, scevro d'ogni e qualsiasi pregiudizio da non meritarmi simili infamanti aggettivi, corrispondenti alla firma dei loro inconcludenti trafiletti, che io, e con ragione, non posso accettare, interessandomi con sollecitudine di rimandarli telegraficamente al suo legittimo destinatario.

Ma cosa credete, o vibroni, che con tali epiteti e con baggianesche critiche d'insozzare la mia onestissima persona? Oh, poveri ingegni, disilludetevi! Il popolo lavoratore (cosciente) è là pronto per distruggere, testimoniando, tutte le vostre assurde accuse.

Stando a questo punto le cose, concludo, dichiarando, senza rancore né odio, di compiangervi per le vostre insulse escandescenze, piuttosto che disprezzarvi, e perciò continuerò impavido per il mio retto cammino, orgogliosamente addando persecuzioni e miserie e ripetendo le giustissime parole del Dante: «Non ti curar di lor, ma guarda e passa» seguitando, per quanto lo permetteranno le mie forze, a lottare per la santa causa proletaria fino alla completa redenzione dell'umanità intera.

E per oggi basta.

E a voi, compagni carissimi della *Battaglia*, per l'ospitalità concessami, un ringraziamento dal vostro e per l'idea

Salto de Ytá.

SCIVIONE DEL MORO

(N. d. R.)—I cani arrabbiati del *Salto* hanno già accusato mezzo mondo di mandarci delle corrispondenze sulle loro poco onorevoli gesta, ma non ne hanno mai inflata una. E si che dovrebbero essere ammazzati: un buon numero di persone accusate di esser nostri corrispondenti sono ora migliaia di miglia lontani dal Brasile, ma non per tanto continuiamo ad esser informati. Il compagno Del Moro non ci ha mandata nessuna corrispondenza, per cui la abbaiata del signor Bpia (che del nome gli ha suggerito la sua spudoratezza) sono proprio dirette alla luna.

ANEXO 11 – CARTA 9

Una lettera perduta

A Sua Eccellenza

l' Console d'Italia in São Paulo

Preciario Signore,

Da tre anni lavoravo nella fazenda Pinheirinho di cui è proprietario il dottor Alfredo Pontes. L'amministratore e il direttore dei coloni di questa fazenda hanno il viziaccio infame di dileggiare e quel che è peggio di maltrattare i poveri figli del lavoro, in special modo quegli italiani d'origine. Ora, è d'uopo che S. E. sappia che il sottoscritto è un povero padre di famiglia con quattro figli minorenni e la moglie, ciò vuol dire che unicamente due braccia potevo asservire al lavoro della fazenda, quando tre mesi or sono caddi ammalato e non potetti lavorare per trenta giorni. Da qui e per questo fui lo zimbello degli impiegati della fazenda e ai loro maltrattamenti io, sempre paziente mai mi lamentai. Allfine non potendo lo più sopportare le loro vessazioni e impotente di reagire primieramente, perchè ho famiglia e in secondo luogo l'è una fazenda quella piena di *capangas* con i quali la ragione non vale, risolvetti 15 giorni fa di abbandonare la fazenda, di non ricevere il mio avero e mi dipartii dalla famiglia con la speranza che il fazendeiro o chi per caso di lì a pochi giorni la lasciassero libera per andare onde meglio credeva, naturalmente veniva a raggiungermi; ma fin oggi non la vedo, il che mi fa credere che non ha libertà di uscire dalla fazenda. Ho lasciato la moglie e due figli ammalati e non v'è chi li prende a cura a non essere io, per cui mi dirigo alla S. V. Ill.ma d'intercedere verso l'autorità del paese a benignarsi di volerli far riavere la famiglia. Oltre ciò le comunico che necessitando io d'un po' di latte per i miei figli infermi, l'umano padrone mi rispose che il latte serve per il suo vitello e per il cane. Un certo Cappelletti, colono

della medesima fazenda fece pure come me, abbandonò il lavoro e dopo tre giorni riebbe la famiglia, invece la mia è da 15 giorni che non ha libertà d'uscire da essa.

In attesa che la E. V. Ill.ma voglia prendere a cuore tale fatto, la riverisce umilmente il

Di S. E. Ill.ma Servo

PIETRO AMANTE

Araraquara, 14 Luglio 1911

LETTERA APERTA

PER MOLTI "FAZENDEIROS"

Signori,

Venuti su, quasi tutti, da poco tempo, arraffando a destra e a sinistra, rubando il pane a voi stessi ed agli altri, ieri vi abbiamo visti con la zappa maledetta alle mani e la po-lenta alla bocca....

Oggi possedete delle *fazendas* e fino ad oggi possedeste dei coloni... Vi siete presto dimenticati degli stenti subiti, delle angherie sofferte, degli insulti patiti. Molti di voi riversano con istruana ferocia e con innata brutalità tutta la bile accumulata durante il tempo della loro antecedente miseria, sulle nostre spalle innocenti.

Molti di voi gridavano in quell'ieri di dolore contro gli sfruttatori ed i ladri, *fazendeiros* schiavisti, amministratori dal cuore di pietra. Eccovi ora, o signori, a quel posto.

Ed ora appunto, mentre noi oppressi per ogni lato dalle miserabili condizioni economiche prodotte dalla vostra grettezza o dall'ingordigia, cerchiamo, uniti, di ottenere un meno scarso compenso alla nostra disgraziatamente non valorizzata fatica, voi ci insultate, ci scacciate, ci minacciate.

Lo sfratto, i capanga, le fucilate ancora! Voi, riuniti in alto consesso, ci guardate con un sorriso che vuol essere di disprezzo e che non è che il ghigno idiotesco della scimmia. Noi

siamo altri esseri ora! I compagni di ieri oggi son animali inferiori...

Non lo crediamo: Pezzate ancora troppo di morda o di terra, e il vostro grugno è ancora giallo d'"amaralão".

Signori, a vostro comodo. Non siamo macchine, non siamo limoni da spremere. Dateci ciò che ci dovete, senza insulti, senza minacce; non affettate arie superiori, vi conosciamo troppo. Pensate... se doveste pagare il sangue nostro... ma non è oggi. Per oggi migliorate le nostre condizioni.

Per i coloni

ATHOS.

Candido Rodrigues, 20-5-912.